

# MEMORIAIS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIVERSAS

MARIA APARECIDA VIEIRA DE MELO  
JOSEANE MARIA DOS SANTOS  
MARIA CLARA CARNEIRO CÂMARA



**MEMORIAIS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS DIVERSAS**

Vol. 1

**MEMORIAIS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS DIVERSAS**

Vol. 1

Organizadoras:  
**MARIA APARECIDA VIEIRA DE MELO  
JOSEANE MARIA DOS SANTOS  
MARIA CLARA CARNEIRO CÂMARA**

**Editora do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas  
Recife/PE  
2022**

Produzido por:

Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro de Educação (CE), Recife, Pernambuco, Brasil.

CEP: 50740-530

<https://www.centropaulofreire.com.br/>

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

**Diagramação:** Ricardo Santos de Almeida

**Capa:** Canva.com

**Imagens:** As imagens são de arquivos pessoais dos autores e de bancos virtuais gratuitos.

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Memoriais da formação profissional [livro eletrônico] : práticas pedagógicas diversas : vol. 1 / organizadoras Maria Aparecida Vieira de Melo, Joseane Maria dos Santos, Maria Clara Carneiro Câmara. -- Recife, PE : Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas, 2022.

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-87824-15-4

1. Educação 2. Freire, Paulo, 1921-1997 - Crítica e interpretação 3. Prática de ensino 4. Prática pedagógica 5. Professores - Formação profissional I. Melo, Maria Aparecida Vieira de. II. Santos, Joseane Maria dos. III. Câmara, Maria Clara Carneiro.

22-108368

CDD-370.71

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Práticas pedagógicas : Professores : Formação profissional : Educação 370.71

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

*Copyright* © 2022. O livro pode ser baixado gratuitamente em formato digital de qualquer lugar do mundo entrando na página [www.centropaulofreire.com.br/e-books/digitais](http://www.centropaulofreire.com.br/e-books/digitais).

2022. Escrito e produzido no Brasil.

**CONSELHO EDITORIAL**  
**CENTRO PAULO FREIRE – ESTUDOS E PESQUISAS**

Agostinho da Silva Rosas	UPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Paula de Abreu Costa de Moura	UFRJ e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Maria Saul	PUC/SP e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Eliete Correia dos Santos	UEPB – Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Inés María Fernández Mouján	Cátedra Paulo Freire, Universidad Nacional de Mar del Plata, Centro de Investigaciones y Estudios en Teoría Poscolonial, Universidad Nacional de Rosario, Argentina e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Inez Maria Fornari de Souza	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Joaquim Luís Medeiros Alcoforado	Universidade de Coimbra/Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Luiza Cortesão	Professora Emérita da Universidade do Porto, Presidente do Instituto Paulo Freire de Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Aparecida Vieira de Melo	UFRN e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Fernanda dos Santos Alencar	UFPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Mírian Patrícia Burgos	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e Instituto Paulo Freire de Portugal
Ricardo Santos de Almeida	IFAL, UFAL/NUAGRÁRIO, Prefeitura Municipal de Porto Calvo/AL e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Dedicamos este livro a todos os pesquisadores e pesquisadoras  
que lutam e acreditam em um mundo mais justo.

## SOBRE AS ORGANIZADORAS

**Maria Aparecida Vieira de Melo:** Doutora em Educação pela UFPB (2020). Mestra em Educação, Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ (2015). Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2010). Especialista em: Psicopedagogia (2012); Gestão Pedagógica (2013); Educação em direitos humanos (2014), Educação do campo (2015), História e cultura dos povos indígenas (2015), Tecnologias e artes (2019). Líder do Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN), Pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais da Universidade Federal de Alagoas (NUAGRÁRIO/UFAL), Pesquisadora do Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais (LENTE/UFRN), e do Grupo de Estudo e Pesquisas Discursos e Imagem Visual em Educação (GEPDIVE/UFPB). Interesses em: Educação do campo, educação popular, movimentos sociais, processos educativos, interdisciplinaridade. Formação de professores. Gestão pedagógica e Políticas educacionais. Livros didáticos. EJA. Transdisciplinaridade. Estágio supervisionado. EAD. Análise Arqueológica do Discurso (AAD). Pedagogia Social.

E-mail: [m\\_aparecida\\_v\\_melo@hotmail.com](mailto:m_aparecida_v_melo@hotmail.com).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6705733173478276>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6288-9405>.

**Joseane Maria dos Santos:** Graduada em Licenciatura Plena em Filosofia, obtida no ano de 2018, pela a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) - Campus Caicó; Graduanda no curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) - CERES/Caicó. Participou como Aluna-Bolsista na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), durante sua participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)

no Subprojeto de Filosofia do Campus Avançado de Caicó) (2015-2018). Participou do programa Instituto Euvaldo Lodi - IEL como estagiária remunerada com o intuito de auxiliar os/as professores/as nas atividades didáticas pedagógicas, na educação infantil e nível fundamental I; Bolsista Voluntária do Projeto de Extensão: "Projeto Pensar: "Escuta, Fala e Imaginação em Experiência de Pensamento com Crianças" (UFRN) CERES/Caicó (atual); Bolsista Voluntária do Projeto de Ensino: "Estudos sociológicos e antropológicos da educação e a didática: enlaçadas pelo ensino-aprendizagem" (atual); Bolsista de Iniciação Científica do Projeto: "Processos de ensino-aprendizagem: descolonizando práticas pedagógicas" (PIBIC - UFRN); Membro do "Grupo de Pesquisa Cognição, Aprendizagem e Inclusão" GPCAI/UFRN e "Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire - GEPEPF/UFRN. Possui interesse na área de NeuroEducação, Educação Inclusiva, Educação Infantil e Processos de Ensino e Aprendizagens.

E-mail: [joseanemsn1@hotmail.com](mailto:joseanemsn1@hotmail.com)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5947381005753779>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2570-7622>

**Maria Clara Carneiro Câmara:** Graduanda em Pedagogia pelo Centro de Ensino Superior do Seridó (UFRN), atualmente atua como bolsista de projeto de ensino (2021-) e como voluntária em Projeto de Iniciação Científica (2021-) e é membro do Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire.

E-mail: [mariaclaracc13@outlook.com](mailto:mariaclaracc13@outlook.com)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7707922415018706>

## SUMÁRIO

PREFÁCIO	13
Maria Aparecida Vieira de Melo Joseane Maria dos Santos Maria Clara Carneiro Câmara	
APRESENTAÇÃO	17
Maria Aparecida Vieira de Melo Joseane Maria dos Santos Maria Clara Carneiro Câmara	
MEMORIAL ACADÊMICO	20
Camila Richele de Queiroz	
MEMORIAL: MINHAS VIVÊNCIAS COMO ESTUDANTE	28
Letícia Gabriely Fernandes da Nóbrega	
MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO	32
Brenno Brayner Figueiredo Ferreira de Araújo	
MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO DA MINHA VIDA ACADÊMICA 2004 – 2021	38
Micaele Silva de Azevedo	
MEMORIAL DE ENSINO	46
Ismara Morais da Silva	
MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO	54
Maria Heloisa Bezerra Dantas	
MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO	58
Felipe Maia Pereira	

MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO Amanda Magna de Azevedo Gomes	68
MEMORIAL ACADÊMICO Victor Hugo Oliveira da Silva	72
MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO: AS MINHAS LACUNAS, NOS MEUS ENSINOS Agildo de Medeiros Júnior	77
MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO Moisés Vinícius da S. Cândido	85
MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO Maria do Socorro de Melo Soares	92
MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO José Mariano Dutra da Silva	98
MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO Onofre Soares de Medeiros Araújo	104
MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO Gabriela Farias Alves	111
MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO DA MINHA VIDA ACADÊMICA Alessandra Bezerra de Medeiros	115
MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO Fernando de Assis Silva	121

SENTA QUE LÁ VEM HISTÓRIA... Leyvison Gabriel Dantas Silva	127
MINHA EDUCAÇÃO DESDE OS PRIMÓRDIOS Weslânia Menezes de Melo	138
MEMORIAL ACADÊMICO Anaiza Queiroz de Oliveira	148
MEMORIAL EDUCACIONAL Maria do Socorro Silva Barbosa	156
REVIVENDO UMA TRAJETÓRIA ESCOLAR Iohany Carollayne Lira de Moraes	160
MEMORIAL ACADÊMICO: TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DA FAMÍLIA ABDIAS E JESUS Maria Clara Abdias Souza da Silva	166
MEMORIAL Ayslla Louizi dos Santos Araújo	175
MEMORIAL DESCRITIVO - TRAJETÓRIA DA MINHA FORMAÇÃO ESCOLAR Amanda Lorranny Almeida Rocha	183
MEMORIAL Carlos Vínicius Rodrigues Silva	196

MEMORIAL ESCOLAR E MINHA TRAJETÓRIA PARA ESTAR ONDE ESTOU Amanda Edrielly Pereira Da Silva	203
MEMORIAL (TRAJETÓRIA DA MINHA FORMAÇÃO ESCOLAR) Daniela Pereira dos Santos	210
MEMORIAL Isabela Ferreira Alves	217
MEMORIAL MINHA JORNADA PELA EDUCAÇÃO Higna Cristine de Oliveira Maia	221
MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO Claudio Oliveira Cavalcanti	235

## PREFÁCIO

A prática pedagógica em sala de aula fomenta saberes de natureza diferentes. Desta feita, você caro leitor irá encontrar aqui narrativas de trajetórias formativas que marcaram a vida de seus protagonistas. A didática em sua complexidade nos faz compreender que os processos didáticos/pedagógicos acontecem de maneiras variadas nas vidas dos estudantes. Sistemas públicos de ensino e particulares têm realidades igualmente distintas que fomentam a identidade profissional dos estudantes. Por tal razão, é inerente ao campo da didática perspectivar a ação da memória formativa para assim ir se aprimorando. Em outras palavras, a trajetória formativa é singular na vida dos estudantes e deve ser conhecida. É isto que se propõe com esta obra, apresentar vidas plurais que passaram por processos formativos distintos e que hoje se encontram cursando Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Neste sentido, importa compreender a importância deste exercício, como um bordado, pois:

Vamos bordando a nossa vida sem conhecer por inteiro o risco; representamos o nosso papel sem conhecer por inteiro a peça. De vez em quando, voltamos a olhar para o bordado já feito e sob ele desvendamos o risco desconhecido; ou para as cenas já representadas, e lemos o texto antes ignorado. E é então que se pode escrever – como agora faço-o história (SOARES, 2002, p. 45).

É neste tecido da vida que vamos costurando as peças que nos moldam, que nos dão forma, que nos constituem em ser o que somos, a escrita nos ajuda fazer os alinhavos necessários a peça inacabada que somos. Desta maneira, o

processo formativo é constituído por práticas pedagógicas que vão nos alinhando em nossa profissionalidade docente, de tal modo, que nos sugere a escrita e reescrita em constância.

Reiteramos que a didática é o núcleo da educação e que a pedagogia é a camada epitelial da educação. Desta feita, os processos sociológicos e antropológicos que atravessam o vir a ser dos estudantes que aqui apresentam suas narrativas demarcam tempos/espacos formativos distintos, em momentos distintos da história da educação que fora acolhida por implementação de políticas educacionais importantes como a interiorização das instituições de ensino, da bolsa família que molda e aperfeiçoa o princípio de condições de acesso e permanência na escola, material didático para as modalidades educacionais, como a educação de jovens e adultos e a educação do campo, especificamente. São processos enraizados nos cânones da antropologia e da sociologia que demarcam a ascensão de poder dos grupos sociais antes invisibilizados na história da educação. Por isso, importa recordar, importa impregnar no papel a escrita que deixa viva na história a nossa trajetória que merece ser conhecida, eis um fragmento dessa importância:

O processo da vida se opera em tentativas sucessivas de libertação. Estamos todos os dias renovando, na criatura que fomos na véspera, a criatura que seremos no amanhã. Mais do que renovando-a: refazendo-a, porque não tornamos a ser jamais o que fomos salvos apenas de uma velhice posterior, mas construímos de fato uma vida própria, que das outras só guarda a lembrança das experiências e uma certa memória de duração com que vamos acreditando na sua continuidade (MEIRELES, 2005, p. 150).

Escrever é recordar e acreditar na continuidade do vir a ser, de forma outra que não é a que já fora. Por isso, olhar para trás e se reconhecer em determinados lugares, com determinados papéis, com ações próprias de jovens com amigos gostando da liberdade de ser livres faz com que a vida vá se encaixando em processos mais duradores, que nos constituem em ser quem somos e como somos.

Neste processo formativo que nos constituem em seres dialógicos, em seres comunicativos e interativos, vamos nos fazendo em nossa singularidade de forma integral, por meio das vivências que ao longo da vida vamos experimentando. Portanto, compreender a importância de uma prática dialógica no processo de ensino-aprendizagem nos fará ir muito mais além do que tão somente cumprir uma tarefa. Em sendo assim, eis um fragmento que elucida a importância do diálogo:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Neste diálogo, o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 1992, p. 112).

As ações do diálogo são inerentes as práticas pedagógicas. Assim sendo, as práticas pedagógicas interdisciplinares que nos propomos a realizar no projeto de ensino: estudos sociológicos e antropológicos da educação e a didática: enlaçadas pelo ensino-aprendizagem, o qual teve várias atividades realizadas, dentre elas, a elaboração deste e-book lhe fará viajar nas diversas histórias que endossam os processos sociológicos, antropológicos e didáticos que

constituíram os estudantes em serem o que são hoje:  
licenciandos em Geografia, História e Pedagogia.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

MEIRELES, Cecília. Crônicas de educação I. Obra em prosa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

SOARES, Magda B. Metamemória – Memórias: Travessias de uma Educadora. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

Boa leitura!

Maria Aparecida Vieira de Melo

Joseane Maria dos Santos

Maria Clara Carneiro Câmara

Brasil, verão de 2022.

## APRESENTAÇÃO

As atividades desenvolvidas pelos estudantes das disciplinas de Estudos Sociológicos e Antropológicos da Educação e Didática, no semestre de 2021.1, vinculados a Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e ministradas pela professora Dra. Maria Aparecida Vieira de Melo, que consubstanciam a organização desse e-book, fruto do Projeto de Monitoria “Estudos sociológicos e antropológicos da educação e a didática: enlaçadas pelo ensino aprendizagem”, com as turmas dos cursos de Pedagogia e História (Licenciatura) da UFRN – Campus Caicó.

Os respectivos memoriais foram resultados de discursões e reflexões em sala de aula acerca da educação, práticas pedagógicas e a diversidade cultural que permeiam o processo educativo. Os quais estão aqui resumidos para que mais pessoas possam se deleitar com as histórias de superação, coragem, determinação e conhecimento cultural.

Dessa forma, os autores Camila Richele de Queiroz; Maria Heloisa Bezerra Dantas; Felipe Maia Pereira; Amanda Magna de Azevedo Gomes; Ismara Morais da Silva e Victor Hugo Oliveira da Silva em suas experiências enfatizam a importância de o professor instigar a curiosidade e imaginação do estudante, assim como fazer uso de diversas metodologias para que o discente possa descobrir e explorar suas habilidades.

Além disso, os autores Agildo de Medeiros Júnior; Moisés Vinícius da S. Cândido; Maria do Socorro de Melo Soares; Onofre Soares de Medeiros Araújo; Gabriela Farias Alves e Alessandra Bezerra de Medeiros retratam que a aprendizagem é uma reconstrução dos pensamentos, possibilitando a descoberta de novos horizontes e, conseqüentemente, a superação de obstáculos e dificuldades. Bem como, destacam os esforços e lutas que os docentes

passaram para oferecer um bom aprendizado aos estudantes, em meio a tantos descasos dos poderes públicos com a educação. Nesse sentido, evidencia-se que educar é um ato complexo que exige força e compreensão para lidar com o universo de ideias, gostos e conflitos que o estudante trás, visto que a sala é um espaço de diversidades.

No que concerne as reflexões acerca da diversidade de saberes e descobertas, os autores Letícia Gabriely Fernandes da Nóbrega; Brenno Brayner Figueiredo Ferreira de Araújo; José Mariano Dutra da Silva; Micaele Silva de Azevedo e Claudio Oliveira Cavalcanti falam da importância de frisar também nos saberes que não provem dos espaços formais de educação, visto que os saberes estão presentes em todos os espaços e o estudante traz consigo esses saberes. Nesse sentido, a escola é um espaço de crescimento educacional, emocional e social é também o espaço onde o professor é o mediador dos saberes.

Os textos de autoria de: Fernando de Assis Silva, Leyvison Gabriel Dantas Silva e Carlos Vinicius Rodrigues Silva são três que retratam sobre a experiência de uma primeira graduação antes do ingresso ao curso de Pedagogia, conseqüentemente, traz também a justificativa de fazê-lo, o mais interessante é que dois dos autores têm a primeira formação na Licenciatura e partiram para a Pedagogia, o que nós traz a discussão da falta do aprofundamento epistemológico que as licenciaturas têm para com a pedagogia, por isso, partem para a segunda graduação em Pedagogia, afim de dominar os saberes inerentes às práticas pedagógicas, a avaliação, ao currículo, ao planejamento e as ramificações que se desdobram do campo da pedagogia.

Vale destacar que o primeiro autor citado é de origem camponesa, como as autoras Weslânia Bezerra de Melo, Anaiza Queiroz de Oliveira, Amanda Edrielly Pereira da Siva e Isabela Ferreira Alves. O que mais destacamos dentro dos relatos dos estudantes é a divergência entre como foi a educação para seus

parentes mais velhos e como a falta de políticas de acesso à educação para as pessoas no campo na época era tão difícil, o que os impossibilitou de alcançar a universidade e melhores oportunidades para mudar de vida e sua realidade. Algo que hoje em dia é bem diferente, a ocupação das pessoas do campo é bem maior, apesar de ainda existirem muitos desafios e melhorias a serem feitas, como a ampliação de Escolas do Campo, já que é direito do estudante estudar em uma escola próxima a sua residência e dentro dos memoriais nos deparamos com a dificuldade no trajeto longos e cheios de obstáculos poderiam ter sido evitados se todos os camponeses pudessem ter tido seu direito devidamente efetivado.

São tais reflexões que permeiam o “Memorial de Formação de Professores: Práticas Formativas Diversas”, o qual dispõe das experiências de jovens estudantes em suas caminhadas educacionais, como também, promove análises sobre a educação e metodologias usadas pelos docentes. Assim, o convidamos para aprofundar nos escritos que apontam a educação como movimentos de lutas e mudanças.

As organizadoras  
Maria Aparecida Vieira de Melo  
Joseane Maria dos Santos  
Maria Clara Carneiro Câmara  
Brasil, verão de 2022.

## MEMORIAL ACADÊMICO

Camila Richele de Queiroz

### INTRODUÇÃO

Esse memorial acadêmico tem como objetivo colocar em evidências momentos e formas com que a discente deste documento percorreu durante a sua trajetória de ensino básico, médio e graduação. A aluna em questão se chama Camila Richele de Queiroz, estudante de Licenciatura em História. Teve o privilégio de estudar em dois sistemas educativos diferentes, ela passou por escolas públicas e privadas. Tendo uma visão assim de várias metodologias de ensino e de didática.

Vai ser comentado várias metodologias que a aluna achou diferente e relevante para um maior aprendizado, principalmente por tirar os alunos da rotina da teoria e introduzir um pouco mais de didática no ensino, que é muito importante e se define que a didática é fundamental à docência e ao processo de ensino-aprendizagem. Já que o ensino expressa uma intenção de transformação, e por isso é uma palavra-ação, palavra compartilhada. Além disso, saber o que fazer e como fazer tem seu sentido vinculado ao para que fazer. Esse conhecimento caracteriza a didática. Ela também pode ser entendida de várias formas dependendo da vertente filosófica e histórica que está inserida. Pois, a didática é o melhor para um ensino mais fácil e diferente.

O memorial também tem o intuito de mostrar como é importante para o ensino o uso de um ensino didático. Além de contar e relembrar memórias de ensino que marcam muitos alunos.

## ENSINO FUNDAMENTAL

O primeiro contato com metodologia de ensino que tive, foi em uma escola pública, em que se tinha o projeto +educação, que era uma forma de ensinar outros tipos de atividades e de lazer, lá o aluno tinha várias opções do que iria querer aprender. Esse tipo de projeto é feito muitas vezes para incentivar os alunos a irem para as escolas, mostrando que lá pode ser divertida, além de tirar o aluno da teoria, mostrando que temos mais opções de conhecimento e aprendizado. Porém as aulas teóricas eram um pouco complicadas de aprender e entender, visto que a maioria dos professores explicavam sempre seguindo um livro, que em muitas ocasiões não tem todos os assuntos necessários para o aprendizado ou não são ensinados de forma adequada.

Todavia, durante ainda o meu ensino fundamental, eu mudei de escola e fui para um particular, nela a metodologia eram mais rígidos, os professores gostavam muito de respostas mais teóricas e de explicações detalhadas. Além disso, quando os professores corrigiam as suas atividades eles davam mais explicações, coisa que não me lembro de ter notado na minha antiga escola, mostrando a preocupação com o entendimento do aluno.

Os professores incentivavam muito a escrita de redações. Tiveram alguns educadores que mostraram metodologias diferentes de apenas ler e escrever respostas. Tinham aqueles que explicavam fazendo algum tipo de gincana ou apresentações com o uso de slide, que não era tão comum como nos dias atuais. Lembro-me de uma professora, que além da explicação do assunto era feito uma brincadeira na sala, onde os alunos eram separados por grupos, e fazia sorteios e o número e o nome da pessoa diziam quem iria explicar tal assunto. Sendo essa sua forma de avaliação. Mostrando como

esses tutores tinham conhecimento do que chamamos de Quatro pilares, que é quando a escola incentiva os alunos a Aprender a conhecer, Aprender a fazer, Aprender a viver com os outros e Aprender a ser, serão esses os lemas dos professores na hora de ensino.

## ENSINO MÉDIO

Por fim chegou o Ensino Médio, que para muitos é uma época muito esperada na vida, principalmente na de uma jovem adolescente, já que fica no meio da saída da adolescência para um jovem adulto. O meu ensino Médio foi todo feito em uma escola particular, a qual pude aprender muito e agradeço imensamente pela oportunidade de ensino e metodologia em que pude participar.

Foi durante esse período de aprendizado que mais tive contato com métodos de ensino diversificados. Os meus professores procuravam sempre inovar nas explicações, ou se a explicação no fosse entendida por algum aluno o professor então explicava de outra forma.

Ocorreram encenações nas explicações, os professores também usavam muitos filmes, músicas e poemas nas aulas. Já em assuntos mais complicados eles sempre usavam slide, o que era bastante comum nas aulas, era muito comum o educador mostrar formas de resoluções dos livros e outras que eles consideravam adequadas e mais fáceis, eles não seguiam exatamente os livros, e explicavam da melhor forma. Também, tivemos algumas aulas em campo, o que considero fundamental para uma melhor forma de ensino e aprendizado, já que o aluno terá o maior contato com aquilo que está sendo explicado. Noto que nesse período os meus professores estavam ensinando a fazer e a sair do teórico, da mesma forma que nos é mostrado e ensinado nas aulas de didática, ou seja,

O princípio da contextualização integra-se ao aprender a fazer, ou seja, não basta apenas ensinar o aluno, transmitindo-lhe conhecimento e restringindo a sua participação a uma atitude de mero espectador passivo. Assim, o conhecimento precisa ser contextualizado, porque essa é a alternativa para a escola tirar o aluno da condição de espectador passivo (MARTINS; NASCIMENTO, 2011, p.51).

Sendo assim, os meus professores também incentivavam muito a criação de redações e na pesquisa de assuntos importantes, além de incentivar os alunos a procura de notícias atuais, para que pudéssemos fazer debates com temas escolhidos pelo professor e pelos alunos.

É com essa visão que percebo como os meus professores de forma individuais e em conjunto da escola contribuiu de maneira positiva na criação e demonstração dos pilares da educação, e no ensino. É possível perceber que os professores fizeram uso das competências, que estou sendo instruída na faculdade a ser e ter, “a noção de competência envolve as relações entre teoria e prática, ou seja, não basta apenas saber, ter o conhecimento teórico, mas é preciso saber fazer.” (MARTINS e NASCIMENTO, 2011, p.24), sendo assim, notei que muitos dos professores fizeram uso das competências que é tão importante para um professor seguir.

## CAMILA QUEIROZ E AMIGOS (ENSINO MÉDIO (ESQUERDA), ENSINO FUNDAMENTAL (DIREITA))



(Fonte:Caicó,2015.)



(Fonte: João Pessoa, 2019.)

## FACULDADE

É evidente, que a faculdade é outro período que muitos sonham e querem chegar. É aqui na faculdade que podemos observar que não aprendemos tudo ou quase nada e que precisamos aprender um pouco mais. O motivo da minha escolha de curso foi por que gostei muito e admirei muito os meus professores que davam aulas de história, que é o curso em que estou, só que percebi ao adentrar nele que ele é muito mais do que vi na escola. Na faculdade é onde vamos aprender e criar um senso crítico que deveria ter sido mais desenvolvido durante o ensino básico, é aqui em que o aluno vai se desenvolver para ser um ótimo profissional da educação. Contudo, noto que um professor sempre está aprendendo, pesquisando e se comunicando, pois, ele sempre deve buscar fontes de conhecimentos, principalmente nos profissionais da

educação e do ensino da História, já que o mundo ainda está em constantes descobrimentos.

Na faculdade de história existe muita teoria e pouca didática, o que é difícil, pois o discente se cansa muito mais rápido, já que fica lendo muitos textos em que são difíceis e complicados de entender. É por isso, que entender e conhecer sobre didática me fez ver outra forma de ensino, pois, estou me formando pra ser professora e percebo que uma disciplina tão teórica é preciso que se tenha uma didática muito boa de ensino. Além de vários métodos, para que assim varie na explicação e não se torne algo cansativo e chato de entender.

Portanto, afirmo que estamos aprendendo e ao mesmo tempo ensinados os nossos professores, já que sempre uma nova mente traz ideias diferentes. Estamos aprendendo a sermos bons profissionais e em formas adequadas e diversificadas de ensinar alunos, que como nos são diferentes entre si e aprendem de formas diferentes. A didática está aqui para mostrar que podemos tentar achar formas de ensino que ajudem todos, mas para lembrar também que o professor deve sempre está atento aos seus alunos, e que um ensino com diálogos é muito mais favorável do que apenas o ensino teórico de uma matéria.

## CONCLUSÃO

Enfim, podemos observar como uma metodologia de ensino bem trabalhada e que tenha uma boa interação com a didática é o melhor que um professor pode fazer. Além disso, os discentes passam a entender que “A Didática, nesse contexto, auxilia o professor durante o seu processo de formação, a uma reflexão sobre o seu papel político no mundo, restando a cada sujeito fazer a sua opção.” (MARTINS e NASCIMENTO, 2010, p.20). Ou seja, é uma disciplina de extrema importância além de ter que ser ensinada de forma adequada, e é justamente isso

que estamos aprendendo com a nossa docente Maria Aparecida Vieira de Melo, que faz o uso de um ensino didático muito bom e inclusivo. Nesse sentido, a didática é muito mais do que apenas ensina-la, é mostrar a forma certa de fazer, instruir o aluno e ajudar ele. Do mesmo modo o docente tem em mente que é, importante

○ objetivo dessa tendência pedagógica é conduzir o futuro profissional da docência a uma percepção da forma ideológica que a educação escolar assume, ou seja, a compreensão de que a educação pode ser conduzida a serviço da conformação social, ou pelo contrário, da transformação das injustiças sociais. (MARTINS e NASCIMENTO, 2010, p.20)

Ou seja, é exatamente o que estamos aprendendo durante a disciplina de didática e é o que nosso tutor nos ensina, a ter um pouco mais de consciência e a ser sempre inclusivo, já que em nossa sociedade existem muitas injustiças acontecendo pelo mundo, e a história está aqui também para lembrar e mostrar os retrocessos e evoluções pelo o qual o mundo passou e ainda passa.

## ENSINO COM DIDÁTICA



(Fonte: Ponto didático.)

## REFERÊNCIAS

FERREIRA, Dayane C. S. **A necessidade da didática para ensinar.** Projeto Paidéria, 2016. Disponível em: <https://projetopaideia.wordpress.com/2016/10/26/a-necessidade-da-didatica-para-ensinar/>. Acesso em: 07 set. 2021.

MARTINS, Ivanda e NASCIMENTO, Roseane. **Didática.** Vol. 1. Recife, 2011.

MARTINS, Ivanda e NASCIMENTO, Roseane. **Didática.** Vol. 3. Recife, 2010.

NUNES, Tereza. **O que é didática e por que ela é importante na docência?** Ponto didática, 2017. Disponível em: <https://pontodidatica.com.br/o-que-e-didatica/>. Acesso em: 07 set. 2021.

## MEMORIAL: MINHAS VIVÊNCIAS COMO ESTUDANTE

Leticia Gabriely Fernandes da Nóbrega

Minhas experiências escolares desde os primeiros dias do Ensino Infantil foram intensas, peculiares e cheias de descobertas. Sempre fui uma boa aluna, mas conversava demais, como os meus professores sempre falavam nas reuniões de pais, tirava notas sempre acima da média, com exceção de matemática, que é uma disciplina na qual eu tive bastante dificuldade e nunca fui muito dedicada. Estudei em escola particular durante o ensino infantil e fundamental I, e a partir do fundamental II passei a estudar em escola pública. Durante a educação infantil e no fundamental I, o que consigo recordar são as metodologias que eram bastante lúdicas, com a utilização de brincadeiras educativas, jogos e danças. Já durante o fundamental I, essa mesma escola adotava uma metodologia mais conservadora.

No início do fundamental II fui para uma outra escola, que era pública e logo percebi que o ensino era diferente, na época cheguei a pensar que era atrasado comparando com a escola particular que estudava, hoje entendo que era apenas contextos distintos. Sempre gostei bastante de ler, escrever, de me comunicar, e as matérias que eu obtinha um melhor desempenho eram aquelas em que eu podia exercitar essas minhas aptidões, como por exemplo, Português, Artes, História e Geografia. Me lembro das gincanas interdisciplinares que aconteciam anualmente e como as turmas se esforçavam e aprendiam de uma maneira mais dinâmica, mesclando as disciplinas e descobrindo novas formas de aprender. Me recordo também de um concurso de soletração que eu fiquei em quarto lugar, e dos vários livros e textos que li me preparando para a competição.

Cursei o ensino médio em um Instituto Federal, e lá foi o lugar no qual eu realmente pude ter maior liberdade para me desenvolver, não somente como estudante, mas também como cidadã, e nesse tempo eu comecei a participar de movimentos estudantis e a me engajar na luta dos estudantes secundaristas por uma escola pública de qualidade para todos. Os professores do IF, que é como chamavam o Instituto Federal, utilizavam dos mais diferentes métodos de ensino, faziam peças teatrais, utilizavam danças, músicas, elementos de culturas diferentes, assim como também projetos de pesquisa, o desenvolvimento de artigos acadêmicos, leituras de livros clássicos, e buscavam várias vezes utilizar da interdisciplinaridade, juntando várias matérias para um projeto. Para mim foi um momento de crescimento e amadurecimento pessoal e profissional, e foi justamente nesse âmbito que decidi entrar na universidade, mais precisamente no curso de Licenciatura em História.

Entre na Universidade Federal do rio Grande do Norte (UFRN) no ano que iniciou a pandemia, o que acabou sendo mais um desafio no meu processo de aprendizado e na minha vida acadêmica, existiu a necessidade de se ter um ensino à distância e não somente eu, mas todos os docentes e discentes tiveram que se adaptar a essa realidade. Como eu engravei no final de 2020, não consegui acompanhar todas as aulas do terceiro semestre do curso, mas pelas que eu consegui participar posso comentar um pouco sobre a disciplina de Didática e sobre os métodos de ensino abordados em sala de aula.

A professora utilizou de uma metodologia bastante dinâmica nas aulas, sempre utilizando músicas para iniciar as aulas, trazendo para a sala poemas, rimas, e textos bastante didáticos que auxiliaram no entendimento da disciplina. Foi feito um seminário no qual retratava os diferentes tipos de inteligências existentes, o que é muito necessário, já que ainda

se pensa muito que só é inteligente quem está inserido na faculdade.

Passei por algumas escolas, cada uma com sua organização, seus regulamentos, passando desde as mais tradicionais até as mais vanguardistas e libertárias, e o que eu pude perceber é que eu particularmente, desenvolvi uma maior autonomia e um maior interesse pela educação quando estive inserida nas metodologias mais libertadoras. Aprendi bastante dentro do movimento estudantil, sobre as pessoas, sobre gênero, sexualidade, comunicação, aprendi a lutar pelos meus direitos e a cobrar dos responsáveis, coisas que no contexto escolar tradicional ainda não são ensinadas.

É importante frisar também que nem todo saber é proveniente das escolas, universidades. Minha avó me ensinou bastante sobre ervas, chás, plantas medicinais, minha mãe me ensinou sobre crenças antigas, sobre comportamento, na catequese aprendi sobre a religião Católica, sobre seu Deus, santos e anjos, minha tia me ensinou a bordar, a costurar e a fazer crochê, e todos esses saberes foram e são relevantes para a construção da pessoa que eu me tornei hoje.

Através dos estudos das Ciências Sociais, consegui criar um senso crítico da realidade, e fico constantemente me questionando sobre as coisas que me cercam, e sobre a situação das pessoas ao redor do mundo. Entender as diferentes realidades dos indivíduos me proporciona a experiência de obter um olhar além da minha bolha social. Por meio da disciplina de Didática pude entender a existência de outros tipos de inteligência, assim como também outros tipos de saber, e tive a oportunidade de conhecer as estruturas de organização das escolas, tradicionais, libertadoras.



fonte da autora.

## REFERÊNCIAS

MARTINS, Ivanda; SILVA, Roseane Nascimento da. **Didática**. Recife. UFRPE, vol 2, 2010.

GARDNER, Howard. **Inteligência: um conceito reformulado**. Rio de Janeiro. Objetiva, 2001.

## MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO

Brenno Brayner Figueiredo Ferreira de Araújo

### INTRODUÇÃO

Nesse primeiro ponto quero me apresentar. Me chamo Brenno Brayner Figueiredo Ferreira de Araújo, tenho 26 anos, graduando em História - Licenciatura, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, no CERES Campus Caicó. Antes de iniciar essa graduação já tive a oportunidade de ingressar em outras instituições e cursos distintos dos quais nenhum foi concluído (Eng. Florestal (UFCEG), Geografia (UFRN) e Ciências Sociais (UFRN)), em alguns momentos tive problemas relacionados a saúde mental, que infelizmente acomete muitas pessoas. É importante citar que minha formação escolar foi iniciada e concluída em instituições públicas, que apesar de todos seus problemas estruturais defendo com unhas e dentes, pois carrego a filosofia que a educação é para todos e todas sem distinção de etnia ou classe social.

### REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO VIVENCIADA

O meu ensino básico e fundamental posso afirmar que não foi de grandes ensinamentos acadêmicos ou escolares, se assim melhor for pronunciado. Sempre fui um aluno na média, nunca excepcional. Eu sempre estava lá presente, calmo, quieto, fazia o que tinha de fazer, era um aluno tímido, quase como um trabalhador normal que cumpre sua função por obrigação e no final do ano estava feliz por ter passado de ano.

Não posso também negar que lembro de alguns momentos importantes dentro da escola, foi lá onde tive meu primeiro contato com o computador, uma ferramenta tão importante que gerações anteriores não tiveram a chance de

conhecer o instrumento que mudaria a história da humanidade. Tive o prazer de ter tido o contato inicial com o esporte, que me levaria aos Jogos Escolares do Rio Grande do Norte (JERNS).

Aparentemente nesses dois últimos parágrafos minha vida escolar não foi grande coisa, de fato se esperar algo intelectual ou de aprendizado no ensino de disciplinas, talvez não tenha sido um roteiro de filme. Mas se pensar pela perspectiva de socialização, descoberta e de paixão foi algo lindo de se viver. E aqui quero enfatizar que o computador é algo que até hoje me encanta, sou um entusiasta da tecnologia, e a minha apresentação ao esporte foi outra coisa que carrego comigo até hoje. Seguindo nessa perspectiva a escola me apresentou a paixões que nunca foram abandonadas.

Caminhando um pouco mais para frente no tempo, chego ao ensino médio, onde começo a ter alguns lapsos de críticas sobre temas distintos. Antes, minhas análises críticas sobre assuntos que são socialmente apontados como importantes eram praticamente nulas, algo começou a coçar a cabeça nesse momento, mas não somente por assuntos pouco mais aprofundados, mas também por minha vivência fora da escola, por músicas que escutava, por coisas que assistia, por relacionamentos vividos. Mesmo com esse começo de criticidade que começara a ter, saí da escola perdido, sem saber o que eu queria para a minha vida. Afinal eu sempre fui um aluno pouco atrevido em termos educacionais.

Ao sair da escola ingressei em cursinhos pré-vestibulares, mesmo sem ter o saber sobre o que eu queria fazer, ou o que eu queria estudar, não importava em que eu queria me profissionalizar. Sempre tive o incentivo dos meus pais para que eu me “formasse”, talvez ali começasse uma leve pressão psicológica para definir o rumo certo da minha vida. Eu concluí o ensino médio aos 16 anos de idade, no auge da adolescência, pouquíssima maturidade para definir com responsabilidade o futuro da minha vida.

Como já foi mencionado introdutoriamente tive a oportunidade de estudar em outras instituições e cursos diferentes, nenhum deles concluído, infelizmente. Vários motivos foram responsáveis pela desistência desses cursos, desde a incapacidade de escolher uma profissão para o futuro até problemas de cunho psicológico, como ansiedade e depressão. Hoje me encontro estável em relação a esse mal que me acometeu. “De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a depressão se tornou o maior problema de saúde entre adolescentes e será a causa número 1 de doenças no mundo inteiro até 2030.” (BREGMAN, 2018, p. 22). Essa infeliz perspectiva que OMS faz, é algo que as escolas e demais instituições de ensino devem discutir juntamente com profissionais de saúde mental, para a implantação de projetos e acompanhamento de seus respectivos alunos.

Voltando para minha trajetória de indecisão acadêmica gostaria de fazer uma relação com um conteúdo estudado na disciplina atual. A apresentação da Teoria das Múltiplas Inteligências do psicólogo Howard Gardner, que “[...] propôs que a vida humana requer o desenvolvimento de vários tipos de inteligências. Portanto, Gardner não entra em conflito com a definição científica de inteligência como sendo ‘a capacidade de resolver problemas ou fazer coisas importantes’”. (SOUZA, 2015, p.1). Seguindo essa linha, a minha indefinição, ou o não saber o que me atraía poderia ter me auxiliado nesse dilema existencial com a aplicação prática dessa teoria.

## CONCLUSÃO

A construção da minha identidade acadêmica foi e estar sendo de persistência, sofrimento e satisfação, que apesar de ter feito menção a uma possível pressão psicológica, eu desejava seguir a vida de formação acadêmica, os maiores problemas estava em definir o que me atraía, o que me faria seguir em

frente. Talvez com a idade que tenho hoje, 26 anos, já poderia ter uma estabilidade, ou pelo menos uma graduação, mas do que valia se, talvez, eu não teria apressado para uma coisa qualquer. É difícil engolir o fato ter conseguido tudo isso antes, mas para aqueles que sofrem do mesmo problema psicológico é importante saber que o tempo de uma pessoa não é igual a de outra, que o tempo de uma é relativo à da outra. A vida não precisa ser cronometrada porque a sociedade impõe padrões.

A geração mais jovem se considera mais inteligente, responsável e atraente do que nunca. [...] “Toda criança dessa geração já ouviu: você pode ser o que quiser, você é especial”, explica Twenge. Crescemos num regime constante de narcisismo, mas, assim que nos soltamos nesse mundo enorme de oportunidades ilimitadas, cada vez mais gente da nossa geração de decepção e fracasso (BREGMAN, 2018, p. 22).

Seguir o exemplo acima citado irá nos tornar cada vez mais doentes, tentar racionalizar os fracassos é um exercício de sabedoria que nos ajudará a não cair nessa desgraça. É importante pensar no futuro para que possamos ter uma vida tranquila, porém não é necessário achar que tudo chegou ao fim mesmo antes de ter começado.

Segue abaixo duas imagens do meu ensino escolar.



Figura 1: Imagem do autor



Figura 2: Imagem do autor

## REFERÊNCIAS

- BREGMAN, Rutger. **Utopias para Realistas: como construir um mundo melhor**. Rio de Janeiro. Sextante, 2018.
- SOUZA, Thais de. **A Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner**. Psiconline, 2015. Disponível em: <https://psiconline.com/2015/05/teoria-das-inteligencias-multiplas-degardner.html>. Acesso em: 08 set. 2021

## MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO DA MINHA VIDA ACADÊMICA 2004 – 2021

Micaele Silva de Azevedo

### INTRODUÇÃO

Meu nome é Micaele Silva de Azevedo, tenho 20 anos e vou contar um pouco de minha trajetória escolar. Sou natural da cidade de Cruzeta-RN, onde resido até os dias atuais, posso dizer que minha infância foi muito aproveitada. Meus pais sempre me deixaram livre para aproveitar a infância: eu brincava com meus amigos, andava de bicicleta, brincava de casinha, tomava banho de chuva e fazia algumas traquinagens, pois isso é muito normal na vida das crianças.

Minha educação indireta com a escrita e com a leitura foi muito boa, pois sempre estive em torno de revistas, programas de TV, e mesmo que meus pais tivessem poucos estudos sempre fizeram com que eu tivesse oportunidades de vivenciar a escrita, participei de aulas particulares para aprimorar principalmente a escrita e a matemática.

Comecei o ensino fundamental na Escola Municipal Ana Assis de Medeiros, a qual é localizada próximo à rua onde moro. Ingressei com seis anos na 1ª série e fiz até a 5ª ano na mesma escola. Tinha aula de segunda-feira a sexta-feira. Na entrada, todos tinham que fazer fila do menor para o maior. No segundo momento era a reza, e logo após cantávamos o hino nacional em frente a bandeira, que ficava no pátio onde formávamos as filas. Todos os dias tinha a hora da oração e só depois deste momento, éramos conduzidos pela professora a sala de aula, onde começavam as atividades.

Quando passei para a 6ª ano, fui estudar em outra escola, que se chamava Escola Municipal Cônego Ambrósio Silva. Tive um impacto muito forte ao chegar numa escola que a

cada som da campainha trocava de matéria e, conseqüentemente de professor, e dessa vez era localizada no centro, ficando mais distante da minha casa. Mas, consegui me habituar, estudei nessa escola até a 9ª ano, sempre me esforçando para manter as notas acima da média e apreender os conteúdos, confesso ter tido alguns problemas de aprendizagem na matéria de Inglês, mas consegui ser aprovada sem precisar fazer prova final.

No ano de 2016, mais uma vez mudei de escola, agora para uma escola de ensino médio, Escola Estadual Joaquim José de Medeiros, onde conclui o ensino médio no ano de 2018. Depois de terminar o ensino médio, fiquei um ano sem estudar, então resolvi fazer minha inscrição no ENEM. Não estava muito preparada para assumir uma faculdade e ainda mais de História, que não era a minha primeira opção de curso, mas passei e estou cursando o terceiro período do curso Licenciatura em História, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, campos Centro de Ensino superior do Seridó – CERES, em Caicó-RN. No momento no formato remoto, mas provavelmente recomeçaremos presencial no próximo período.

Nesse sentido, proponho-me nesse trabalho a produzir de forma linear e sistemática um resgate histórico da minha trajetória acadêmica, e as contribuições que o curso de Licenciatura em História proporciona para a minha prática, como mediadora no processo de ensino e aprendizagem.

## **REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO VIVENCIADA**

Ingressei na escola com 3 anos de idade na educação infantil, na Escola Municipal Joaquim Lopes Pequeno, onde fiquei durante 3 anos. Esse período pré-escolar é um preparo para o ensino fundamental, no qual as crianças aprendem a se relacionar com outras crianças, descobrem o alfabeto, as cores,

os números, começam a escrever o seu nome, aprendem a juntar silabas e, no meu caso, até a ler. Passando desse primeiro contato com a escola, comecei o ensino fundamental com 6 anos de idade, era tudo novo, escola nova, colegas novos, professora nova, e novos métodos de ensino. Não tinha mais duas professoras, agora era apenas uma, chamávamos ela de “Tia Dalvani”, ela era doce, meiga e calma, logo ganhou o espaço da professora inesquecível, e homenagens como a de ter o seu nome na minha boneca preferida. Não só eu, mas também todos os colegas a adorava. Com ela começamos a aprender operações matemáticas, a escrever, exercitar a caligrafia e a coordenação motora.

Concluindo o 1º ano do ensino fundamental, fui para a próxima série, o segundo ano da “Tia Socorro”, como era chamado por nós. Continuava com a mesma turma, o que ajudava bastante o meu entrosamento, por que sou muito tímida. Com a nova professora aprofundamos os conhecimentos adquiridos no primeiro ano, continhas, leitura e escrita, e separação de silabas. Ao passar para o terceiro ano continuamos com a mesma professora, desenvolvendo atividades um pouco mais elaboradas, como compreensão e elaboração de textos e probleminhas em matemática, o que exigia mais interpretação e raciocínio lógico.

**Figura 1:** Micaele Silva de Azevedo, aos três anos de idade, no primeiro dia de aula da Escola Municipal Joaquim Lopes Pequeno. Cruzeta-RN. 2004.

**Figura 2:** Micaele Silva de Azevedo, aos seis anos de idade, no primeiro dia de aula da Escola Municipal Ana Assis de Medeiros. Cruzeta-RN. 2007.



Fonte: O autor

No 4º ano, trocamos de professora, o que causou extremo desconforto, por está acostumada com professores de metodologias diferentes, essa era mais tradicional em sua metodologia, mais rígida e brava. Essa professora tinha sido transferida de outra escola, onde dava aulas a alunos maiores, de 9º ano. Imagino o choque que ela deve ter sofrido também

com essa mudança. Nessa nova etapa estudamos multiplicação, divisão, tabuada, corpo humano, meio ambiente, história, produção textual, leitura, e sílabas tônicas. Confesso que foi um ano difícil, não consegui me adaptar à nova professora. No 4º ano continuamos com a mesma professora, consegui me entrosar melhor com ela nesse segundo ano de convivência. Nesse mesmo ano fomos preparados para mudar de escola, e ir para uma realidade diferente da vivenciada até o momento. Tínhamos tarefas de casa todos os dias, as quais realizava com a ajuda da minha mãe e estudávamos a tabuada diariamente, já que eu apresentava dificuldades.

Em 2012, mudei de escola, onde tinha um professor para cada matéria, 5 aulas de 50 minutos para cada professor, e um intervalo de 15 minutos entre a terceira e quarta aula. Ao chegar nessa nova escola todos meus colegas foram divididos em turmas diferentes e eu fiquei em uma sala onde nem um dos meus colegas estavam. Tive muita dificuldade para interagir com a nova turma, fiz poucos amigos, mas os que fiz levo comigo até hoje. No 6º ano participei de vários eventos educativos da escola, como as olimpíadas de matemática e português, e ainda os eventos comemorativos como quadrilha, grupo de dança, desfile cívico, entre outros. Permaneci na mesma turma até o 9º ano, quando concluímos o ensino fundamental e, posteriormente, demos início ao ensino médio.

**Figura 3:** Micaele Silva de Azevedo, aos 11 anos de idade, no primeiro dia de aula da Escola Municipal Cônego Ambrósio Silva. Cruzeta-RN. 2012.

**Figura 4:** Micaele Silva de Azevedo, aos 17 anos de idade, na foto de convite de formatura de conclusão do ensino médio, na Escola Estadual Joaquim José de Medeiros. Cruzeta-RN. 2018.



Fonte: O autor

Mas uma vez mudei de escola, me separei de muitos colegas que foram estudar em outras cidades, e fiz novas amizades. No ensino médio foi onde despertei interesse pela área da licenciatura, a arte de ensinar, em especial a pedagogia, mas a História também me chamava atenção, gostava de estudar os acontecimentos do passado, em especial, a cultura indígena. Conclui o ensino médio em 2018, e um ano depois entrei na faculdade, no curso de Licenciatura em História.

**Figura 5:** Micaele Silva de Azevedo, aos 17 anos de idade, no dia de sua formatura de conclusão do ensino médio, na Igreja Mariz de Nossa Senhora dos Remédios, Cruzeta-RN. 2018.



Fonte: O autor

## CONCLUSÃO

Com base na elaboração desse trabalho e nas disciplinas que já concluí no curso, posso dizer que esse memorial representa a minha experiência estudantil, e que ainda tem muito a ser acrescentado futuramente. Acredito que a docência se constrói com muito esforço, dedicação, tempo, paciência e principalmente conhecimento teórico, pois assim podemos traçar objetivos que irão embasar nossa prática.

Enfim, acredito também que cabe a cada discente a tarefa de tornar o mais significativo possível seu processo de formação, se apropriando de todo o conhecimento disponibilizado no curso e, também, se responsabilizando por sua ampliação e aprofundamento.

Afinal, como disse o grande Paulo Freire:

Ensinar exige sempre bom senso para não ser nem um professor licenciado, nem um déspota da educação. A

realidade é dado essencial na construção e reconstrução dos conhecimentos, assim como sempre aprender com ela porque ensinar e aprender não são isolados. Fruto dessa inconclusão do ser, é necessário ao bom educador a crença de que mudar é possível. Logicamente como ensinar é participar de várias construções de novos saberes é preponderante que o educador seja curioso e esteja sempre disposto a pesquisar o mundo... Educar exige comprometimento (FREIRE, 2003).

## Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

## MEMORIAL DE ENSINO

Ismara Morais da Silva

### INTRODUÇÃO

Iniciando o procedimento para organizar a minha trajetória escolar, eu a dividirei em quatro períodos distintos, pois os primeiros, diz respeito aos meus anos iniciais na escola, eu pouco me recordo, era muito jovem. Assim, a ordem ficará definida entre nível infantil, fundamental, médio e superior, deste último eu ainda estou cursando então não poderei falar muito. Primeiramente, destaco que sempre fui aluna de escola pública, e que isso em nada dificultou meu aprendizado, pois sempre fui uma boa aluna, que possuía boas notas, comportamento, e assim, reconhecida por meus esforços em me desenvolver.

### DESENVOLVIMENTO

#### FUNDAMENTAL 1

Meus estudos tiveram início aos 4 anos, na Escola Municipal Santo Alexandre, na cidade de Jucurutu/RN, do meu primeiro ano, eu nada me lembro, mas do segundo, lembro que a professora era muito gentil, dedicada e sempre muito alegre, foi com ela que aprendi a ler as palavras mais simples, como bola, balão, casa, e foi com ela também que aprendi a escrever meu nome. Já na série de alfabetização eu aprendi cálculos e outras palavras mais longas, aprendi a ler muito bem, sendo eu a fazer a leitura final na colação de grau, essa professora também me acompanhou na primeira série do ensino fundamental. O fato de me desenvolver mais rápido que o resto da turma assemelha a minha mãe, ela sempre me fazia

estudar pela tarde. O incrível é que a minha mãe não era boa em matemática, e não sabia formar palavras muito bem, mas me ensinou tanto ou mais que qualquer escola, foi com ela que eu aprendi a ler, a escrever, e a ser forte.

A partir da primeira série eu já tinha muita intimidade com a turma, pois eles estavam comigo desde o início, sempre brincávamos no recreio juntos. Na segunda série a professora era outra, e continuou quase que os mesmos processos de leitura, de cálculos destinados a soma e subtração, do resto eu não lembro. Foi a partir da terceira série que notei pessoas novas na turma e que pessoas que haviam estado comigo desde o início, hoje não mais estavam. Na terceira série a professora era um pouco mais séria, e os alunos começavam a se tornar um pouco mais rebeldes aos pedidos da professora, como o: silêncio! fiquem sentados! e outras denominações que sempre acontecem em sala de aula.

Mas dessas séries, foi na quarta que auxiliei a professora pela primeira vez, lá foi ensinado o cálculo de divisão e também a fazer textos longos, assim, eu rapidamente me desenvolvi nesse meio. Acabou que para uma turma de trinta e poucos alunos, e eu sendo amiga de todos, terminava o meu dever e ajudava os outros. Foi um bom período, e talvez um dos mais tristes, foi nessa série que uma colega minha foi vítima de assassinato, isso ocorreu no ano de 2010, no Dia dos Pais, lembro que isso chocou a cidade, e que nos dias posteriores que houve aula a professora sempre estava com os olhos lacrimejando. Foi um final de ano difícil, até hoje acho que não superamos a tragédia, mas continuamos.

Na quinta série muitos novos alunos estavam lá, repetentes, o que me fez pensar que aquela era uma série difícil de ser aprovada, já que eram cerca de 10 alunos repetentes. Eu sempre tive uma média de 9,0 para 10,0, o que me fazia ser reconhecida entre a turma, e o hábito de ajudar continuou, nessa série lembro de me reunir com umas amigas que fiz nesse

período para estudarmos os conteúdos. Tudo lá era novo, pessoas mais velhas que eu, mais animadas, falavam alto, o mundo era novo. Mas foi lá que o bullying também começou. Até agora eu não falei que o meu corpo não seguia o padrão de corpo magrinho como das minhas colegas, sempre fui acima do peso, e isso foi um dos motivos de ser chamada de gorda, baleia, e os demais apelidos constrangedores que me deram. Mas apesar disso, continuei. Contudo, tinha uma colega que o corpo dela se encaixava nos padrões, mas eles também faziam piadas com ela, o que a fez desenvolver depressão, e passar dias sem ir para escola. A professora era rígida, quando ela via bullying na sala, logo repreendia, e todos ficavam quietos, mas o momento do recreio ela não tinha como controlar. Falando do ensino dessa época continua nos mesmos parâmetros, o professor fala e o aluno absorve.

## FUNDAMENTAL II

A partir da sexta série do ensino fundamental eu fui para o turno vespertino, ou seja, fui estudar a tarde. Nesse horário, todos eram altos - se bem que minha estrutura sempre foi pequena, hoje ainda tenho 1,53 de altura, então não mudou muito daquela época -, mais velhos, e foi nesse período onde comecei a desenvolver “paixonites” reais - porque até esse momento minha imaginação era bem fértil, então acreditava ser uma fada, sereia ou uma herdeira do trono britânico -. O ensino tornou-se um pouco mais complexo, a quantidade de matérias aumentou e os professores também, chegava a me sentir perdida em dias da semana, tanto que esqueci que havia uma prova, o que me trouxe a primeira nota negativa da minha vida, 1,5. Me senti péssima, só não chorei porque tinha muitas pessoas na sala, mas fiquei com muito medo do que minha mãe iria dizer, mas acabou que ela disse “você recupera na próxima!” E isso fez toda a diferença para mim. Bem, os

processos de bullying continuaram, mas eu não dava minha atenção, ainda vivia no meio tempo de realidade/imaginação. Os professores aqui, não interagiam com uma forma de ensino renovada, e o ensino novamente é: professor fala, aluno ouve.

Na sétima série, as “piadas” me afetaram e fui reclamar, novamente era como se eu não existisse, e foi daí que minha mãe disse, “tenha coragem!”. E isso me fez revidar, dizia que se falavam de mim, era por inveja, já que não me ocupava a falar delas. E, aos poucos isso foi passando. Foi na sétima série que comecei a desenvolver amor pela profissão de professora, e também pela História. Havia uma professora que antigamente tinha sido diretora da escola, e agora ensinava, matemática, ciências, religião, artes, ensinava praticamente tudo, e sempre tinha um tempinho para conversar comigo, ela já era praticamente uma senhora, tinha de 40 a 52 anos, mas sempre era muito simpática e me dava muita atenção - não só a mim, quem quisesse conversar, só era sentar e começar que ela era toda ouvidos -. Na História havia chegado um novo professor, e ele fez algo que não me lembro de outros fazerem, questionar, o porquê das coisas, e eu, ativa como era, pensavam em respostas prováveis e perguntava por que não poderia ser, ou por que era daquele jeito, o que fazia ele rir muito e tentar me explicar. Nisso, ele disse “você já sabe no que quer se formar? Levaria jeito para História!” E foram essas pessoas que se destacaram como professores no meu viver.

A oitava e nona série foram tranquilas, os professores eram mais ativos, tentavam fazer com que o assunto entrasse na nossa cabeça a todo custo, nessas séries todos nos dávamos bem, não haviam piadinhas, nem brigas, talvez por estarmos nos preparando para a vida adulta, ou o ensino médio. Nessas séries, houve também feiras de conhecimentos, apresentações e até uma visita a barragem de oiticica para que entrevistássemos algumas pessoas, foi algo novo, pois até então nada parecido a isso tinha acontecido.

## ENSINO MÉDIO

No ensino médio, Escola Estadual Newman Queiroz, vi um ensino diferente, mais didático, onde havia aulas de campo, visitas a outros locais, apresentação de slides por parte dos professores, filmes que contextualizavam períodos ou acontecimentos, as ações do passado eram trazidas de forma que chamavam nossa atenção - por meio de debates e apresentações de imagens, vídeos- , apresentações caracterizadas por questões, avaliações voltadas para questões do ENEM, que era o enfoque do todo o ensino médio, a formação universitária do aluno. Por fim, a qualidade de ensino deixou a desejar em alguns setores, como o de língua estrangeira, mas isso é um déficit não somente dessa escola, pois conheço outras pessoas possuidoras do mesmo problema em relação a educação estrangeira da língua.

## ENSINO SUPERIOR

Fiz o ENEM e consegui ser aprovada na UFRN de Caicó/RN, onde eu curso História no turno noturno. Aqui seria o lugar em que as dificuldades começaram partindo de que eu não sabia o que eram referências, artigos, fichamentos de análise, crítica a autores e metodologias, e muito menos, compreender a complexidade de um texto acadêmico. Foi e está sendo um período desafiador, mas que não me arrependo um só segundo de fazê-lo. Aqui os professores deixam a critério do aluno as formas que devem se aprofundar, e deixam explícito nisso que a procura por conteúdos extras para a compreensão é fundamental para o aprendizado, dizendo-nos que a perfeição não é o limite, mas sim a base para fazer nossos trabalhos, onde qualquer mero erro ou ausência ocasiona em nota baixa e críticas de construção para melhorar, onde as avaliações são

complexas, necessitando de horas estudando ou fazendo uma determinada questão.

## CONCLUSÃO

Finalizo dizendo que agora, inserida nesta realidade, vejo como se tudo o que aprendemos se torna pequeno e questionável, na História, por exemplo, há uma total ausência do que conheço hoje, o que me faz questionar todos os dias o que é ensinado, o livro didático e até as formas de ensino que se baseavam no ensino tradicional, esse já ultrapassado. Vejo a negligência de alguns setores estudantis e no que poderiam ser melhorados: a discussão, o documento extra para análise, imagens, vídeos, filmes, a falta de algo para o aluno criticar, adentrar no conteúdo e se aprofundar, a deficiência na preparação para uma universidade e para a vida adulta, além do descaso da escola em tratar os diversos preconceitos sofridos entre os alunos.

Em suma, apesar de todas as minhas críticas ofertadas as questões escolares do ensino, coloco que estes foram períodos fundamentais em minha vida, no processo de uma construção de identidade pessoal e profissional. Cada etapa aqui elencada me fez tomar decisões sobre o meu futuro, das quais hoje assumo que acertei, onde não deixei nenhuma questão falha, nem arrependimentos, pois me ensinaram muito mais do que matemática, português e história, me ensinaram a crescer, e a sempre buscar me superar.

## AGRADECIMENTOS FINAIS

Se alguns dos que fizeram parte desse memorial o lerem, saiba que guardo boas lembranças de cada um, e que possuem minha eterna admiração e sentimentos (positivos) acerca de nossa jornada, obrigada por todo o período em que

MEMORIAIS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIVERSAS  
Maria Aparecida Vieira de Melo; Joseane Maria dos Santos; Maria Clara Carneiro  
Câmara (Org.)

estivemos juntos e por cada lição de vida que me proporcionaram.

## REFERÊNCIAS

MARTINS, Ivanda; SILVA, Roseane Nascimento da. **Didática**. Recife: UFPE, vol.3, 2010p. 15 – 18

### Anexos

#### Anexo 1: 5<sup>o</sup> ano



fonte da autora.

### Anexo 2: 9<sup>o</sup> ano



fonte da autora

### Anexo 3: 3<sup>o</sup> série nível médio



fonte da autora.

## MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO

Maria Heloisa Bezerra Dantas

Maria Heloisa Bezerra Dantas sou eu, tenho 19 anos e estou cursando História – licenciatura, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – RN no Centro de Ensino Superior do Seridó - CERES na cidade de Caicó/RN, cidade está em que nasci e sou pertencente dela até o presente dia. Desde pequena sempre gostei muito de estudar e principalmente ler, lembro-me com meus 8 anos ir dormir toda noite lendo gibis da Mônica e adormecer lendo estes, amava desenhar, pintar, sempre gostei de arte, coisas dinâmicas sempre chamaram minha atenção. Com relação a disciplina de História, na escola está sempre foi uma matéria em que não precisava me esforçar para conseguir uma nota boa, sempre obtive notas muito boas, porém nunca passou pela minha cabeça cursá-la posteriormente. Ela me chamava atenção pelo seu teor político, eu adorava as discussões, conteúdos e afins, como quase toda criança eu tive a vontade de ser professora - não sabia a disciplina, mas eu queria ser - mas com o passar dos anos fui gostando muito de filosofia, sociologia e por alguns problemas particulares e familiares me identifiquei muito com a psicologia, ramo que amo profundamente até hoje. A partir desse momento, queria a todo custo cursar psicologia e quando perguntavam sobre a minha segunda opção de curso eu não tinha, não me identificava com nenhuma outra, a não ser a História, mas não passava por minha cabeça cursá-la, mesmo sendo uma matéria que gostava e tinha facilidade.

Chegando no Ensino Médio como dito, eu só tinha uma opção e me esforcei para conseguir uma vaga na universidade para esta, porém não consegui a nota suficiente e depois de um certo tempo pensando muito resolvi cursar minha segunda opção, que seria História. Assim eu fiz, de início, nos dois

primeiros períodos eu ainda me sentia confusa, não pertencente aquele lugar, porém isso foi mudando e enxerguei tudo aquilo que sempre quis, ter contatos com pessoas, lidar com elas, estudar- pois professor nunca para de estudar ou ler- tenho várias áreas ligadas a psicologia que também tenho possibilidades de seguir nesse ramo, e muitas outras peculiaridades que me encantaram no curso. Hoje me sinto acolhida e pertencente ao curso, em cada período que passa vejo que é isso que quero fazer, pois além de estar fazendo o que amo estarei formando pessoas, e, ajudando a população de meu país de uma forma maior.

Fazendo um recorte do curso temos a disciplina de Didática, ministrada pela professora Maria Aparecida Vieira de Melo, que foi uma professora compreensiva e usou do melhor método que qualquer bom professor pode utilizar, que é a dinâmica, usando essa nas aulas, provas e afins. A disciplina de didática é essencial para qualquer área da licenciatura, isso porque ela nos auxilia durante toda nossa vida profissional, a didática está presente em cada aula ministrada, pensada e cada programação para fazer com que os receptores de nossa mensagem capturem elas mais satisfatoriamente, e assim aprendam da melhor forma possível. Durante a disciplina estudamos vários livros, inúmeros assuntos ligados à área da licenciatura, e alguns, particularmente, me chamavam atenção, um deles foi a aula ministrada sobre a interdisciplinaridade, pois a educação no geral é interdisciplinar, todas as matérias na escola se analisarmos se complementam e não são separadas, além dessa junção de vários assuntos, é interessante abordar a interdisciplinaridade nas aulas que futuramente nós estudantes do curso de História e os demais iremos ministrar.

O curso de História, por exemplo, é um curso de bastante interdisciplinaridade, pois vemos a geografia, filosofia, psicologia, sociologia, biologia, e várias outras áreas que estudamos, sendo assim, para mim, um curso totalmente

completo. Além do uso da interdisciplinaridade, as aulas de Maria também nos ensinaram como fazer um plano de aula - sendo essa talvez a aula que todos mais gostaram - essa experiência foi muito boa e interessante, ter esse breve gostinho de como fazer uma aula, como ser um bom professor, como pensar no outro para assim poder oferecer o melhor que temos para desenvolver suas aprendizagens.

E, em nossa última unidade, vimos as inteligências múltiplas de Howard Gardner, na qual elaboramos seminários com vários grupos onde cada um ficou responsável de apresentar uma inteligência. As inteligências múltiplas foi um assunto também muito especial, visto que podemos e temos que trabalhar ela em sala de aula, é de extrema importância que os professores saibam extrair, ou seja, desenvolver em seus alunos o melhor que eles tem, fortalecer suas aptidões é muito especial e muito enriquecedor para ambos, aluno e professor, e também este faz ponte com a interdisciplinaridade, pois abrange inúmeros assuntos, tanto físicos, matemático, musicais, linguísticos, e afins. Ou seja, trabalham e abrangem o máximo de assuntos que podem chamar atenção dos alunos, e tornam as aulas dinâmicas e interessantes, pois se diferencia uma das outras.

Por fim, como já mencionado, o estudo e a disciplina didática durante qualquer graduação de licenciatura é primordial, pois com ela pode-se aprender como ministrar melhores aulas, além de fazer com que seus alunos e receptores da mensagem que você deseja passar possam captar da melhor forma possível, fazer com que estes além de aprender, tenham um conhecimento amplo de várias disciplinas, possam aprimorar e desenvolver áreas de seu gosto e também redescobrir como, por exemplo, as várias inteligências múltiplas que nos foram apresentadas durante o curso. Portanto, aprendi muito com a disciplina, os ensinamentos passados foram da melhor forma possível e muito bons, enriquecedores para todos

MEMORIAIS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIVERSAS  
Maria Aparecida Vieira de Melo; Joseane Maria dos Santos; Maria Clara Carneiro  
Câmara (Org.)

da turma, talvez uma das matérias mais essenciais para a graduação e agradável para os alunos.

## REFERÊNCIA

MARTINS, Ivanda, NASCIMENTO, Roseane. **Didática**.  
Coordenação geral de Educação a Distância, UFRPE. Recife,  
2010. v.1,-3.

## MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO

Felipe Maia Pereira

As experiências relatadas a seguir são parte da memória estudantil de um graduando do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (URFN), campus Caicó. Todas as experiências foram vivenciadas na cidade de Caicó durante 9 anos, de 2010 a 2019, em escolas municipais, estaduais e federais. O objetivo desses relatos é mostrar a visão de uma criança de 10 anos, um adolescente de 15 anos e por fim, a visão de um discente da disciplina de Didática. Os relatos serão divididos por anos e instituições. Por fim, fecharei com uma conclusão sob o olhar de um futuro docente.



Foto: Acervo pessoal

**2010 – 2011:** Nessa época eu estudava em uma escola do município que abrangia o ensino infantil e fundamental I, quando o aluno chegava o 5º ano deveria procurar uma nova instituição para seguir, fiquei nessa escola do ensino infantil até o 4º ano. O que muito observei nesse período, foi a presença

feminina no quadro de funcionários da escola, tanto que nos 5 anos que fiquei nela todas as minhas professoras eram mulheres. No terceiro ano, o que fazíamos muito era desenhar ou pintar desenhos que a professora trazia, todos feitos no mimeógrafo, exalando aquele forte cheiro de álcool. As atividades já haviam saído daquele sistema de “junção de palavras” das séries anteriores, a professora Edna focava mais na aprendizagem, afinal, era nosso último ano em que éramos aprovados por idade, na série seguinte já tinha avaliação com nota. No 4º ano, lembro bem que toda segunda a professora Edvania nos provocava com a construção de uma produção textual sobre o nosso final de semana e após isso, fazíamos fazia a leitura, por ordem alfabética, ela também recebia nossos textos para fazer correções e mostrar qual era a forma correta de algumas palavras. Essa atividade proposta pela professora é importante para tudo que vem pela frente, principalmente quando pensamos no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), quando se vai para uma prova de produção textual, por mais “receita de bolo” que ela seja, se não soubermos o básico de uma produção textual, não vai sair nada naquela folha. Então, desde cedo incentivar na escrita é de suma importância. Ao mesmo tempo em que suas avaliações predominava o uso de questões dissertativas, não sei ao certo se ela não gostava de questões objetivas, ou se era uma forma dela explorar ainda mais a capacidade de argumentação dos alunos, fazendo refletir sobre as respostas ao invés de apenas assinalar uma alternativa.

**2012 – 2016:** Ainda no fundamental I mudei de escola, dessa vez para uma estadual, onde fiquei até o 9º ano. De início, o sistema era um pouco parecido com a escola antiga, a diferença era a valorização da leitura, ela era bem mais que na escola anterior, acredito que pela falta de estrutura da anterior que não possuía uma biblioteca, diferente da estadual que tinha uma e éramos incentivados, quase obrigados, a pegar um gibi

a cada duas semanas e criar um resumo do mesmo; se caso quisesse pegar um livro emprestado podia, o aluno ficava com ele por um mês e fazia um resumo sobre o mesmo.



Foto: Acervo ESCOLA ZUZA

A educação física era bastante valorizada nessa escola, tínhamos aulas da disciplina de educação física pela manhã (teórica) e na sexta a tarde tínhamos a prática, que seguia o modelo mais tradicional: meninos no futsal/futebol e meninas no vôlei. Lembro bem que no 6° ano aconteceu um torneio entre turmas, obviamente que os pequenos (meu caso) perdia logo no início dos confrontos. Outra transformação que ocorreu no 6° ano foi a substituição de um professor para todas as disciplinas, ficando um para cada (alguns se repetiam, pois não havia professores suficientes). Isso foi muito estranho, eu estava há anos acostumado com apenas uma professora ensinando todas as disciplinas e depois tinha um para cada disciplina, cada um com uma metodologia diferente, e nesse período foi o início dos seminários, coisa que ainda não tinha contato. Sobre

MEMORIAIS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIVERSAS  
Maria Aparecida Vieira de Melo; Joseane Maria dos Santos; Maria Clara Carneiro  
Câmara (Org.)

os seminários, essa forma de avaliação caminhou comigo até o ensino médio (e agora no ensino superior). Foi nessa escola que aconteceram as primeiras aulas fora do muro, aconteceram algumas visitas ao SENAI e ao SESC.



Visita ao SENAI – Foto: Acervo pessoal

Foi nessa escola que consegui ter o primeiro contato com os questionamentos: o que fazer depois que acabar a escola? Qual profissão eu quero tomar? É muito importante que a escola incentive desde cedo os alunos a pensarem sobre a profissão que eles querem ter, os contatos externos com mostras de cursos profissionalizantes do SENAI e de outras instituições públicas é uma ótima forma de conduzir, indiretamente, o pensamento dos alunos para o mercado de trabalho. Além disso, nessa mesma mostra de cursos do SENAI foi explicado vários assuntos e conceitos ligados a física, química e outras áreas do conhecimento que a essa altura não tinha sido estudado.



Exposição – Foto: Acervo ESCOLA ZUZA

Do 7º ao 8º ano houve muito incentivo na parte artística, a professora Joana Darc, de História, era muito ligada ao artesanato e ela sempre trazia isso para a gente, desde maquetes de construções emblemáticas do nosso Seridó a artes terapêuticas. Na despedida dela, em conjunto com professores de outras disciplinas, em um processo multidisciplinar, conseguimos trazer várias de suas atividades para criar uma exposição na escola. Na foto acima é possível observar um dos maiores cartões postais de Caicó, o Arco do Triunfo. A professora Joana era muito ligada as suas raízes seridoenses e nessa ocasião ela iria deixar o ensino na zona urbana para se dedicar ao ensino na zona rural. A cima uma foto de Joana Darc com as obras que fizemos sob sua orientação, tal exposição, em formato de homenagem, foi uma surpresa para ela.

Minha trajetória pela Escola Estadual Zuza Januário durou 5 anos, de 2012 a 2016. Sempre lembro com carinho de tudo que vivi lá, desde as exposições que atraíam várias outras escolas, públicas e privadas, aos aprendizados no dia a dia, cresci muito como estudante graças a alguns puxões de orelha que recebi por lá. Tais puxões de orelha, me renderam uma vaga em uma das escolas de nível médio mais concorridas do Brasil: A Escola Sesc de Ensino Médio, no Rio de Janeiro. Porém, acabei desistindo alguns dias depois que o resultado saiu. Algumas semanas depois saiu um novo resultado, de uma outra prova que eu havia feito: a prova do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Eu tinha sido aprovado para ir fazer um curso técnico com ensino médio e depois de muito incentivo de alguns professores, resolvi que meu ensino médio seria lá, fui um dos 6 alunos da escola que foram aprovados para estudar na rede federal.



Informática 1M – Foto: Acervo pessoal Peça teatral – Foto: Tâmara Luiza/IFRN

**2017 - 2018:** Em 2017 cheguei ao Instituto Federal, tudo era muito novo, a estrutura era “coisa de outro mundo”, a maioria dos professores possuíam doutorado e podiam somar com a minha formação, enquanto aluno e ser humano. Foi no IFRN que tive ligações com o música, o teatro e a dança. As formas de avaliação haviam mudado, várias delas ocorriam em

laboratórios e havia muita interdisciplinaridade, teve uma atividade de física que mesclou com inglês, tínhamos que criar um curta metragem em inglês e em 3D. Ou quando juntamos as disciplinas de geografia, matemática e física para chegar em um valor aproximado da massa da Terra. O fato era: dada a grande estrutura do IFRN, podíamos fazer coisas que não daria para fazer nas outras escolas. O festival de ginástica e dança, que exigia do nosso corpo e a escolha com música. Ou da tradicional peça teatral, onde tínhamos que escolher diretores, atores, produtores. Podia não parecer, mas o IFRN era um enorme ecossistema. A exposição multicampi (SECITEX) ou até mesmo a EXPOTEC atraíam todos os olhares, nós estávamos lá para mostrar o que estávamos aprontando dentro do instituto. Fiquei no IFRN por dois anos, até ver que aquilo tudo não para mim e que nada daquilo fazia mais sentido. Pedi minha transferência do IFRN e fui concluir o último ano que faltava em uma outra escola.



Foto: Acervo pessoal

**2019:** Após sair do IFRN, voltei para uma escola estadual, era uma escola nova para mim, eu nunca tinha estudado nela. Uma turma nova com pessoas que eu nunca

tinha visto antes e que já estavam juntos há 2 anos, todo mundo íntimo e próximos. A estrutura não era como a do IFRN, mas não era tão degradada como a da primeira escola. O que mais me impactou na nova escola foi a falta de professores, ficamos o ano inteiro sem professor de sociologia, e faltando duas semanas para acabar o ano, recebemos uma mini apostila com conteúdo e algumas questões. Algo que eu não vi no IFRN, foi o incentivo à produção textual, principalmente o gênero textual dissertativo argumentativo bastante cobrado no ENEM, e na nova escola isso era bastante cobrado pela professora Ana Santana. O método de avaliação tradicional se manteve apenas no primeiro bimestre, do segundo ao quarto fazíamos simulados por áreas de conhecimento, como se fosse um ENEM. Das disciplinas novas entraram 'projeto de vida' e 'disciplina eletiva', onde ambas buscavam por meio de atividades nos guiar para a vida ou fechar alguns pontos que ficaram abertos ao longo da nossa caminhada estudantil.



Foto: Helder Macedo/Acervo pessoal

Em 2020 entrei no ensino superior, no curso de História na UFRN. Eu mudaria algumas coisas na minha trajetória acadêmica, mas não mudaria nenhum dos professores. Aprendi

com cada um deles, mesmo os estagiários que apareciam de tempos em tempos, não mudaria nenhuma metodologia e nem os vários seminários que fiz, que eu mesmo falava: "Seminário de novo? Vamos usar isso em quê no futuro?" e hoje vejo que a profissão que escolhi e o curso que faço exige que eu consiga pegar um assunto, ir para a frente e falar para outras pessoas. Descobri para que vou usar a experiência com os seminários. Algumas instituições de ensino que passei me fizeram aflorar muitas coisas, desde a música, a dança, as explosões em laboratórios de química ou os choques no laboratório de eletrônica. O repasse de conteúdo não é somente entrar em uma sala de aula e começar a ler um livro didático, é botar os alunos para pularem para fora da caixinha, para botar seu lado vilão para fora e ser ator em uma peça, para pegar seus dotes de escritor e escrever o roteiro de uma peça, ou botar em prática seu lado artesão criando maquetes. Ensinar é isso! É colocar mais de uma disciplina para um mesmo objetivo. Somos feitos de inteligências múltiplas, cada qual com a(s) sua(s) inteligências. Por fim, concluo esse memorial agradecendo a cada docente que passou (e estão passando) pela minha vida acadêmica, estou recebendo um pedacinho de cada um, para que eu possa me tornar um ser único.

## REFERÊNCIAS

A Escola Zuza no Dia Do Desafio. **Escola Zuza**. Disponível em: <[http://escolazuza.blogspot.com/2012/07/blog-post\\_07.html](http://escolazuza.blogspot.com/2012/07/blog-post_07.html)>. Acesso em: 07 set. 2021.

Comemorando O Dia Nacional do Livro Infantil. **Escola Zuza**. Disponível em: <<http://escolazuza.blogspot.com/2012/04/comemorando-o-dia-nacional-do-livro.html>>. Acesso em: 07 set. 2021.

MEMORIAIS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIVERSAS  
Maria Aparecida Vieira de Melo; Joseane Maria dos Santos; Maria Clara Carneiro  
Câmara (Org.)

GARDNER, Howard. **Inteligência**: um conceito reformulado. Rio  
de Janeiro: Objetiva, 2001

## MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO

Amanda Magna de Azevedo Gomes

Meu nome é Amanda Magna de Azevedo Gomes, sou estudante do curso de licenciatura em História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, no Centro de Ensino Superior do Seridó - CERES. Concluí o ensino médio em 2014, na cidade onde resido, Jardim de Piranhas- RN.

Esse texto trará relatos da minha experiência escolar relacionando com minha formação acadêmica. Escrever esse memorial é uma novidade, estamos sempre escrevendo atividades acadêmicas pautadas em pensamentos de grandes filósofos, acho necessários botar por escrito nossas vivências, relacionando com as aulas, assim podemos observar nosso crescimento.

Nas aulas e nos textos trabalhado na unidade, estudamos sobre as tendências pedagógicas, e o método tradicional é o mais comum nas escolas, onde temos o professor como figura de autoridade e o aluno é apenas aquele que vai receber as informações transmitidas pela figura superior. Sempre colocamos a sala de aula com cadeiras em fileiras e o professor na frente como detentor de conhecimento, e autoridade. E aplicando o que assistimos em aula, o método interpessoal é importante para a relação aluno professor.

Minha experiência na escola foi conturbada. Quando criança, tinha alguns problemas de saúde, devido esses problemas não conseguia permanecer em aula sem chorar, então acabei sendo expulsa da escola. Quando comecei minha formação acadêmica, analisei melhor esse momento da minha vida e cheguei à conclusão que é uma problemática a qual deve ser trabalhada para melhorar, o ideal seria ajudar a criança, buscar reforço psicológico, uma escola pública não aceitar com uma criança está distante da política de inclusão.

Contudo, fui transferida para outra escola. Lá, me acolheram e me encaminharam para ter apoio psicológico. Inclusa na sala de aula e tratada como qualquer outra criança, aprendi a ler rápido e a escrever. As professoras eram didáticas e pacientes com as crianças. Algo que aprendi na disciplina de Didática, ministrada pela professora Maria Aparecida Vieira de Melo, foi que uma das coisas mais importantes para ser um educador é a atenção e a adaptação. Devemos nos adaptar as crianças e suas realidades. O primário é uma base fortalecedora para os outros níveis de ensino. Como profissional na área, devemos sempre buscar acolher e atender nossos alunos.

No 5º ano do ensino fundamental, tive dificuldades em matemática. Acredito, e aprendi no ensino superior, que devemos incentivar os alunos, estimular suas habilidades e se mostrar presente. Porém, um educador acabou por quase reprovar um aluno apenas por supor que ele não se sairia bem em matemática, no ensino fundamental. Não vejo como método eficaz, pois pode desmotivar o aluno e fazê-lo desistir. Professores são espelhos, devemos ser espelhos. E, aplicando o que estudamos na unidade III, entendemos que possuímos vários tipos de inteligências, mesmo a criança não tendo habilidade na matemática, ela tem outras inteligências, então é um erro medir a capacidade da criança com base apenas em conhecimento didático.

A imagem a seguir é um exemplo visual perfeito para descrever sobre o incentivo que mencionei mais acima:



Fonte: Google imagens

No ensino fundamental II, mais conhecido como ginásio, foi mais calmo, acabou que as críticas me ajudaram a focar, me empenhar e a aprender o conteúdo passado pelos professores. Diria que foi minha melhor época de colégio, professores excelentes, dos quais irei levar sempre como fontes de admiração. Paulo Freire, um educador que tenho muito apresso, fala na sua obra; *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, que “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (FREIRE, 1996, p. 25) e concordo com esse pensamento. Ensinar não é só falar e falar, é também conhecer, é preparar. Paulo freire em outra citação nos mostra a importância do testemunho vivido:

É preciso insistir: este saber necessário ao professor – que é ensinar não transferir conhecimento – não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética,

epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido (FREIRE, 1996, p. 27).

No ensino médio tive bons professores, mas teve muitas greves dos docentes. Anos importantes para se preparar para o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, foram negligenciados. A falta de apoio ao corpo docente gerou um desfalque na carga horária de muitos alunos, assim dificultando seus desempenhos tanto escolar como no ENEM.

Cursos preparatório é uma forma de estudo mais convencional e é um bom recurso, nada irá substituir um professor cara a cara, mas é de ajuda imensurável para aqueles que tem as ferramentas e não pode pagar um cursinho online.

Contudo, a disciplina de didática e toda a grade pedagógica da graduação foi bastante satisfatório. Aprendi e entendi como se portar em sala de aula, aguardando a parte prática para pôr em vigor todo o aprendizado.

## REFERÊNCIAS

Imagem 1:

[https://th.bing.com/th/id/R.83fd849ca6e7df3883f3479b1628dd75?rik=vRuEZgPsYHNNHw&riu=http%3a%2f%2f4.bp.blogspot.com%2fDGgSPGsZWrg%2fTukCbAMkDI%2fAAAAAABZQ%2f2iw\\_ptjwNDQ%2fs1600%2fgenteinteligente.jpg&ehk=tET88v1iP3hLRpLfRbVavJuCsYGcXLUSEQd7E4Puevg%3d&risl=&pid=Imgraw&r=0](https://th.bing.com/th/id/R.83fd849ca6e7df3883f3479b1628dd75?rik=vRuEZgPsYHNNHw&riu=http%3a%2f%2f4.bp.blogspot.com%2fDGgSPGsZWrg%2fTukCbAMkDI%2fAAAAAABZQ%2f2iw_ptjwNDQ%2fs1600%2fgenteinteligente.jpg&ehk=tET88v1iP3hLRpLfRbVavJuCsYGcXLUSEQd7E4Puevg%3d&risl=&pid=Imgraw&r=0)

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

## MEMORIAL ACADÊMICO

Victor Hugo Oliveira da Silva

Me chamo Victor Hugo Oliveira da Silva, nascido no dia 31 de janeiro de 2001, na cidade de Caicó/RN, mas sendo toda a família residente em Jardim de Piranhas/RN, por volta de 36 km de Caicó. Ambas cidades do sertão do Seridó Potiguar, uma região rica em cultura, em histórias, em tradições e com sua base firmada na religião cristã católica. É necessário mostrar esta informação pois toda a construção social desta região foi pautada no conceito de cristandade, de fato, o que se entende de moral e de convivência humana passa pela óptica religiosa, sendo que esse pensamento e a forma de pensar foram se alargando com o passar das décadas e com o aumento da população letrada.

Vindo de uma família de agricultores, homens e mulheres do campo, faço parte de uma segunda geração destes que conseguiram terminar seus estudos no Ensino Médio e adentraram na Universidade. Mas, isso não impediu que estes me ensinassem coisas importantíssimas para a vida, como fui criado pelos meus avós, naquela característica do sertão de família sempre reunida, dessa forma, nunca me faltou vários tios e tias, primos, agregados e amigos em casa. Apesar do pouco estudo destes, em sua maioria o ensino fundamental incompleto, nunca faltaram aos meus ouvidos conselhos para não desistir de estudar, nunca fui motivado a sequer faltar aula, se não me engano das irmãs da minha avó, parte da família mais próxima, terminou o ensino médio e chegou ao nível técnico. Em suma, faço essa apresentação familiar, pois a forma que levo minha vida, meus estudos e minha força de lutar vem deles, destes homens e mulheres de força e garra indescritíveis, realmente a minha primeira escola foi em casa e

não aprendi letras ou números, mas sim a ser gente e sou infinitamente grato a eles por isto.

Estudei do ensino infantil, na época chamado Jardim I e II, ao Ensino Médio na mesma instituição, chamada Centro de Educação Professora Maria Norma Alves, escola particular de minha cidade, nela passei 13 anos de minha vida. Adentrando aos 3 anos e concluindo aos 16 anos, junto a mim vários colegas que me acompanharam neste mesmo percurso de 13 anos, os quais considero mais que amigos, e sim irmãos.

Fui o tipo de alunos amigo de todos, dos professores, dos funcionários, dos colegas, dos diretores. Conhecia todo mundo, era amigo de todos. Por muitas vezes fui chamado a atenção pelos meus sumiços nas saídas para beber água e ir ao banheiro e de como trazia informações da escola inteira, desde que seria o lanche, qual professor tinha faltado e o motivo pelo qual o professor da sala vizinha estava gritando. Fui muito feliz neste meu período escolar, além também de ser o aluno que conversava demais e quanto mais me pediam silêncio, menos controlava a língua. Este é um pouco do que sou e do que fui, acredito que estamos sempre em evolução e tudo pode mudar em questões de segundos, por isso não gosto de me sentir limitado e nem preso, dessa mesma forma, me expresso com palavras e na escrita, acho que deixei transparecer isso ao longo desta introdução.

Como sempre fui muito enérgico, tive muitos problemas com aulas paradas, monótonas e sempre iguais. Nunca me dei bem com números nem com cálculos, apesar de sempre me esforçar muito pra ver se passava no fim do ano. Um fato engraçado é que sempre me dei bem com História, tive a sorte de possuir professores de História que se faziam de livro didático, eles eram o detentor do conhecimento e aquele livro em minha carteira era tão somente um apoio e no máximo um guia a se falar. Por outro lado, tive professores de línguas

estrangeiras que tão somente sentavam e mandavam traduzir, ao vê-los era mesmo que tomar um sonífero.

Sempre fui muito fácil de perder a atenção e ao estudar a disciplina de Didática eu pude entender e analisar as metodologias que meus professores usavam e ver os pontos positivos e negativos. Como sempre, fui um pouco rebelde, gostava de ser chamado atenção pela minha desatenção e provar para o professor que eu entendia muito bem o que ele estava falando, ao passar do tempo alguns deles foram percebendo isto e foram me instigando cada vez mais a isso, a traduzir o livro e suas explicações para minhas palavras, creio que o ensino em geral daria um salto se os professores assim fizessem, da mesma forma que tive estes que quase queriam entrar na minha mente, tive outros que simplesmente cuspiam o que estava copiado no livro e ficava por isso mesmo.

Acredito que a postura do(a) professor(a) em sala de aula influencia muito na qualidade de sua aula, quando um professor chega com entusiasmo, vontade e desejo de ensinar a aula tem muito mais qualidade, os alunos se aproximam mais, as trocas de experiências são muito mais produtivas, mas quando o contrário acontecesse, eu como aluno e vários outros relatos que tive acesso, a aula vira um castigo, uma tortura.

Eu tenho marcas de gratidão e amor a todos aqueles que passaram pela minha vida acadêmica, todos me deixaram marcas positivas, por mais que eu tenha sofrido ou me desgastado para concluir uma disciplina.

Levando em consideração a teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner, acho que me enquadro nas seguintes: Linguística, na interpessoal e na espacial, não que eu me considere um gênio, longe disto, me acho que sou até um "abestado", falando na linguagem popular seridoense. De fato, entrei nesse assunto e neste termo para fazer como que um apelo aos professores, que não tenham medo de ousar ou de usar a criatividade, somos tendenciados a seguir velhos moldes

de cadernos amarelados pelo tempo e da cantiga de Gabriela que “sempre foi assim e que vai ser sempre assim”. Não é que passamos anos na graduação que somos donos da razão e sempre aptos para ensinar, tudo se atualiza tudo se transforma e nós devemos acompanhar estas transformações.

Outro pedido especial que faço e que sou um exemplo disto é de que confiem nos seus alunos, deleguem responsabilidades a eles, os façam sentir-se inseridos no processo de aprendizagem e nunca os tratem como burros, lixo ou inaptos a aprender por causas de nossas dificuldades, em muitas vezes já trazemos problemas demais em nossas vidas não façam que a escola seja mais um deles.

Por fim, termino dizendo que nunca deixaremos de sermos alunos, sempre existe algo a aprender, sempre existe algo novo despertando. Que nunca deixemos nossa chama da curiosidade se apagar, que a única sede que nunca passe seja a do saber, essa é a nossa riqueza e esperança. Vivemos tempos sombrios de ignorância no Brasil, sejamos a voz que nunca deixará se apagar a voz da liberdade oferecida pela educação, que a todo custo defendamos o legado de Paulo Freire e usemos suas percepções, exemplos e análises para um avanço sempre constante na educação.

Lutemos contra aquele ensino de massa de manobra, tão comum no passado, e que as oligarquias a todo custo tentam instaurar novamente no poder, sejamos resistência, firme aos nossos ideais. Até a matéria de Didática, ainda não me tinha caído a ficha de que estava me formando um educador e como gostei das experiências vividas em sala, como foi rico aprender sobre isso, aprender com a pluralidade, entender que a gente aprende mais que ensina, e ainda mais, de como somos importantes e necessários na sociedade, apesar de sofridos, mal pagos e desvalorizados, mas firmes no ideal, firmes com a educação e a propagação do saber. Que riqueza foi entender isto!

MEMORIAIS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIVERSAS  
Maria Aparecida Vieira de Melo; Joseane Maria dos Santos; Maria Clara Carneiro  
Câmara (Org.)



Fonte: Acervo pessoal

## MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO: AS MINHAS LACUNAS, NOS MEUS ENSINOS

Agildo de Medeiros Júnior

### INTRODUÇÃO

A elaboração em si desta atividade, me causou durante o seu processo, vários momentos de reflexões e sonhos, vislumbres das situações agradáveis, difíceis e por vezes insolúveis que imagino de encontrar em meu futuro como professor. A questão de ter que lidar com a sala de aula não me impõe tantos receios ou medos, mas imaginar se serei capaz de disponibilizar a metodologia e abordagem corretas aos meus futuros alunos é o que me preocupa de momento. Sei que pode parecer um pensamento vago e desconexo para uma introdução, mas fará sentido ao decorrer e final deste memorial, pelo menos assim espero. A proposta que permeia a elaboração deste trabalho é bem interessante, mas infelizmente impossível de ser fielmente reproduzida por mim, por isso tentarei ao máximo atingir as metas estabelecidas, e isto, é o que pretendo explicar a partir de agora.

### EU POR MIM MESMO NA TRAJETÓRIA ESCOLAR

Aqui pretendo situar o leitor a entender por mais breve e mutilada que seja a descrição, minha trajetória estudantil e até mesmo de vida. Primeiramente, não poderei de deixar de dizer ter vivenciado minha vida em noventa e cinco por cento de sua totalidade no município de Acari, interior do Rio Grande do Norte. Vida pacata e sem as preocupações que assolam os centros populacionais mais densos, cresci como todo garoto nascido nos idos da década de oitenta, mais precisamente junho de 1982.

Meu primeiro contato com uma escola ocorreu ainda em 1985, ao ingressar em uma pequena creche chamada *O Cebolinha*, da qual nenhuma recordação possuo a não ser, a de um sapo gigantesco que íamos observar pela manhã, abismados com seu tamanho e quietude. Após dois anos, passando para o ano de 1987, eu estava vivenciando *O jardim de Infância*, que como o próprio nome entrega, era onde as crianças de minha cidade recebiam a educação infantil ofertada pelo governo, aqui consigo lembrar de no primeiro ano estudar pela manhã, e no segundo ano à tarde, também recorro de haverem apenas duas salas de aula no prédio, divididas por um compensado, ambas formando um grande salão, outra intensa lembrança deste prédio era a existência de um parquinho anexado, sensação entre todos os alunos.

Com sete anos em 1989, finalmente cheguei ao *Grupo Escolar Thomaz de Araújo*, onde existia o ensino dedicado da primeira à quarta série, lembro de todas as minhas professoras neste colégio, lembro das merendas deliciosas e me orgulhava de sempre estar com meu boletim repleto de notas azuis, sem jamais ter sido imaculado por uma nota vermelha em meus quatro anos neste colégio.

Entre os anos de 1992 e 1996, estive mergulhado no cotidiano da *Escola Estadual Dr. José Gonçalves*, o famoso ginásio, famoso para o contexto da época de minha cidadezinha. Tudo acontecia em se falando do mundo jovem, dentro dos muros daquela escola, literalmente tudo, foi a experiência máxima que tive em relação a socialização e aceitação das diversidades que compõe as pessoas. Foi também um momento de ruptura entre o aluno bonzinho e dedicado, com notas não menos que excelentes, para uma epopeia de quedas e percas do gosto por estudar, culminando na morte do eu estudante.

Mesmo com inúmeras recuperações, principalmente nos dois últimos anos, consegui atravessar o período de ensino

fundamental, e mergulhei em uma nova modalidade que se anunciava como incrível para o filho do pobre, pelo menos na mente de minha mãe, era o Científico, o 2º da minha geração. Havia também a opção de ingressar no magistério ou no curso técnico de contábeis, dentro do universo de Acari, mas o tal do Científico era atraente demais para os padrões atrasados de meu município e não me havia opção a considerar.

Aqui neste momento o que vinha caminhando meio torto acabou de ser desmantelado, perdi o gosto total por aprender, ou minha curiosidade por evoluir, não sei, muita coisa ocorreu nos três anos que duraram minha experiência nesta modalidade, na mais nova e moderna escola que havia surgido por ali, pelo menos em esfera pública, a *Escola Estadual Professora Iracema Brandão de Araújo - EEPIBA*. Penso hoje que várias coisas me atingiram para minha derrocada escolar naquele momento, da perda de meu pai ocorrida em um acidente automobilístico, as mudanças estruturais causadas por essa perda, somadas as já naturais angústias e transformações que um jovem entre 14 e 17 anos vivência. Desisti da escola e fui viver outras coisas, todas as outras que pude encontrar e onde não havia escola, porque acredito que algum estudo sempre continuei a executar, por mais que não estivesse relacionado a uma vida acadêmica.

## UNIVERSIDADE E TRANSFORMAÇÃO

Para este momento, reservo as únicas associações que posso fazer com relação a experiências dentro da minha caminhada educacional. Isto porque após um hiato de 23 voltei a ser aluno de verdade em uma escola, e a breve trajetória que aqui descrevi, pouco ou nenhuma memória que tenha serventia ou importância para o desenvolvimento de uma ideia acadêmica, não me é mais alcançável, está junto com tudo aquilo de decorei e não aprendi e se perdeu com o tempo.

Aqui de cara está uma transformação de percepção acerca das mudanças no ensino que vivi. Primeiro a questão da competitividade que era estimulada de forma incessante pelos professores, no sentido de definir os mais inteligentes da turma, sempre em referência honrosa para os demais que não atingiam os mesmos resultados esperados. Esses resultados positivos eram em muito conquistados pela situação familiar que cada aluno possuía, os mais privilegiados socialmente, e nem sempre financeiramente apenas, eram os que melhores saíam-se bem em minha opinião, pois eram os que podiam atender aos métodos exigidos para decorar os conteúdos ministrados em sala de aula, fixa e imutável.

Essas críticas que faço estão relacionadas a visões despertadas dentro da universidade e especificamente dentro da didática, me marcou bastante as constantes referências que nossa professora Maria Aparecida Vieira de Melo, de forma tão explícita, fez durante todo o semestre aos estudos de Paulo Freire, em especial para mim, *Pedagogia da autonomia*, meu primeiro contato com o autor, e claro de toda sua obra em prol de uma educação mais abrangente e eficiente no Brasil. Posso garantir que sua paixão pelo método e trabalho deste grande educador de reconhecimento mundial, me servirá como recurso e orientação para meu desenvolvimento como professor. Com relação as demais transformações de pensar que a didática está me causando, posso também citar o trabalho de José Carlos Libânio com o seu *Didática*, ao qual com menos indicações que o autor anterior citado, foi também bastante exemplificado em nossas aulas, somadas aos livros base propostos no semestre, obras essas desenvolvidas pelas professoras Ivana Martins e Roseane Nascimento, na Universidade Federal Rural de Pernambuco, e que são sugestivamente intitulados, Didática volume 1 e o Didática volume 3.

Pensar sobre a elaboração de um plano de aula "simples" foi chocante para minha realidade, são muitas coisas,

pequenos detalhes que não me eram notáveis quando eu frequentei uma escola, as conquistas no campo da inclusão e avanços em áreas como psicologia, antropologia, sociologia e tantas outras, vem a contribuir neste caldeirão que a didática precisa abraçar.

Esse não abismo, mas grande lacuna que percebo nas metodologias e objetivos que diferenciam estes dois períodos de minha vida em que mantive e, atualmente, mantenho uma vivência ligada ou voltada para o contexto de escola na esfera social, sinto-me profundamente tranquilo quanto a essa transformação. É por saber e sentir a transformação constante das camadas e relações intrincadas entre elas, que entendo a urgência da escola em ser agilmente transformadora e transformada por suas células participantes. Mas, atender a tantas exigências que um professor precisa incorporar, as vezes me parece ser necessário uma sensibilidade e delicadeza na análise do aluno, que discursões acerca das inúmeras avaliações que precisam ser feitas me desnortaram na complexidade. E, por fim, as incríveis possibilidades referentes a se trabalhar no contexto das inteligências múltiplas, ainda estão dentro de minha cabeça, Howard Gardner realmente sintetizou muita coisa em suas observações humanas e trabalhar textos sobre o tema foi maravilhoso.

## CONCLUSÃO E O QUE FAZER?

Nesta experiência no meio universitário, estou constantemente sendo instigado a realizar sérias reflexões, na busca de ser capaz de atingir um senso crítico e analítico em relação a tudo que se propõe estudar, percebo ainda uma grande atenção em, de certa forma transformar o aluno no protagonista do teatro universitário, mas ao menos uma participação coadjuvante de grande destaque e não apenas um mero figurante de cenário, onde nem sempre o ator designado

para atuar, se sai bem, mas penso ser assim mesmo o processo, errando e corrigindo e assumindo este papel gradativamente.

Isto foge e muito das poucas lembranças competitivas que recheiam minha distante memória de experiência escolar, no infantil, fundamental e ensino médio, nomenclaturas essas que aliás como já descrito em meu relato, não eram presentes na minha sociedade. Muito mudou, eu, o ensino, a escola, a sociedade, e assim também a percepção do que é ensinar, e nisso a didática se apresenta com as ferramentas e sementes que preciso para semear meu campo de atuação como futuro professor.

Termino com algumas perguntas das quais não tenho resposta de momento, e acho que somente ao ter a experiência da sala de aula é que poderei talvez responder. Primeiro, essa fenda profunda entre o que se estuda antes da faculdade e o que se estuda na faculdade é referente ao meu distanciamento da escola e reaproximação tardia em níveis de educação diferentes? Segundo, é possível atender a tantos detalhes perante uma aparente falta de interesse e dedicação a educação por parte de governantes e da própria população que mais necessita de instrução para tudo, inclusive pensar? Os avanços minguados em condições de pouca valia por muitas vezes distribuídos ao passo de conta-gotas, causam impacto real quando é possível uma experiência prática? Que professor serei, instigador ou acomodado, lutador ou entregue? São esses pequenos pontos que me assombram para um futuro em sala de aula, puder despertar curiosidade nos alunos, saber os atalhos para perceber como e quando, e para chegar o mais próximo de uma plenitude de tudo isso, espero usufruir destes ensinamentos que vivenciamos e lembrar dos caminhos apontados pela didática.

**Figura.** Aniversário de 4 anos em 1986, Colégio Cebolinha, registro com as professoras (lado esquerdo).

**Figura.** Fotografia no Jardim de Infância em 1988, com a querida professora Aparecida (centro).

**Figura.** Desfile cívico em Acari no ano de 1995, representando o ginásio (lado direito).



Fonte: Acervo pessoal

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MARTINS, Ivanda e NASCIMENTO, Roseane. **Didática** Volume 1. Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2011.

MARTINS, Ivanda e NASCIMENTO, Roseane. **Didática** Volume 3. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco. Múltiplas Inteligências na Prática Escolar. *In: Cadernos da TV Escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 1999. Inteligências Múltiplas (ISSN 1517-2341 n.1).

TEIXEIRA, Hebert Balieiro et al. A inteligência naturalista e a Educação em espaços não formais: um novo caminho para uma educação científica. *In: Revista Areté*, Manaus. Vol.5, nº 9. ago/dez 2012, p. 55-66. (ISSN:1984-7505).

## MEMORIAL AUTOBIOGRAFICO

Moisés Vinícius da S. Cândido

Me chamo Moisés Vinícius da Silva Cândido, comecei meus estudos no Centro Municipal de Educação Infantil Evilazio Luis Victor no ano de 2003, aos 2 anos e meio de idade, ficando apenas por 3 semanas, pois não me adaptei. Daí então passei a frequentar a escola municipal de educação Infantil Cicero Romão de Souza, apenas como ouvinte, pois a instituição não permitia essa faixa etária. Passei a ser aluno matriculado no ano seguinte (2004), aos 3 anos e meio.

Em 2005 fiz o primeiro ano do fundamental, ainda no Cicero Romão, nesse ano fui descobrindo muitas coisas, que segundo minhas professoras, desde desse tempo já era muito participativo nas aulas.



Foto de acervo pessoal: em 2005 com minha turma do  
1º ano do fundamental

No ano de 2006 mudei de escola para estudar na Escola Nova de Ensino Infantil, onde desenvolvi muito, em relação a escola antiga, repetindo o primeiro ano por não ter idade suficiente, segundo a diretoria da escola. Permaneci nessa escola até 2009, nas palavras das minhas professoras, na ficha individual, no primeiro ano que passei foi dito que:

O aluno compreende com facilidade os conteúdos de sala de aula, palavras e textos simples e complexo. Tem ótimo desenvolvimento na realização de atividades e nas Produções textuais, orais e escritas. Necessito de ter mais interesse nas aulas propostas e organização a escrita de como material escolar. Nos conhecimentos lógicos matemáticos, conhece os números de 0 a 50 sabe seriar e associar a ideia de quantidade. Resolve com sucesso situações problemas que envolvem adição e subtração. Em Ciências sabe a importância do ciclo da vida dos seres vivos do desenvolvimento das plantas e das suas utilidades. Valoriza os bons hábitos de higiene e saúde nos estudos sociais e entende acontecimentos que ocorrem no nosso planeta. Seu relacionamento com os colegas e professor é saudável demonstrando amizade por todos. Participa com dedicação nos eventos promovidos pela escola. Realiza todas as atividades artísticas, mas deixa a desejar na pintura no desenho. ensino religioso, participa ativamente os momentos de reflexão e sabe o valor de terço na religião (ARQUIVOS DA ESCOLA).

O que já era muito avanço comparado minha escola antiga. Assim fui desenvolvendo nos 4 anos que passei na dita escola, Sempre participando de atividades, criando amizades e uma base sólida para todo meu ensino fundamental.

Em 2010, sai do ENEIEF e fui estudar na Escola Adalgisa Amorim Bezerra, onde não me adaptei, devido a casos de

ansiedade infantil. Tinha muita dificuldade em fazer amigos e aprender, não gostava de estar em sala de aula e sempre chorava devido as crises de ansiedade, mudando de turma várias vezes. Em maio do mesmo ano mudei de escola e voltei ao Cicero Romão de Sousa, onde tinha amigos e era perto de casa, nesse período foi recomendado a minha mãe a ida a um psicólogo infantil no qual atestou somente a ansiedade devido a mudança repentina de ambiente escolar, podendo assim continuar minha vida acadêmica sem tantos transtornos. No ano de 2010 me destaquei no Cicero Romão por ser um dos melhores alunos da minha turma, sempre com notas muito altas e ainda ajudando aos meus colegas na aprendizagem deles.

Em 2011 mudei para escola a qual passaria bons anos da minha vida, a Escola Estadual Manuel Luís de Maria, me modifiquei em vários aspectos, conheci os meus colegas que passaria a ter contato pelos próximos 10 anos. No Manuel Luís terminei meu fundamental I com grande facilidade, os anos de ansiedade tinham ficado pra trás e, continuei minha jornada. No 5º ano do fundamental, que é onde eu lembro nitidamente como se fosse ontem, minha vida era muito diferente, meus colegas e eu sempre fomos bastante inquietos correndo e fazendo brincadeiras o tempo todo, como a gente era os mais velhos do turno pensávamos que mandávamos na escola e nossa professora nos tratavam como os reis do colégio, até hoje não sei o motivo. A forma que fui ensinado teve muita serventia e me mostrou como seria a vida nos próximos anos

Em 2012 comecei o fundamental II e com a infinidade de conteúdos tive muita dificuldade no início, principalmente na matemática, tenho na lembrança até hoje as aulas da minha professora Josefa Coutinho Berto, no qual depois de muito esforço consegui aprender o que era necessário, Além de Josefa Coutinho, eu lembro de todos os meus docentes nos quais me acompanharam, a maioria até o fim do ensino médio. Cada lição de aprendizagem e de vida ficou marcado na minha

memória. Todos esses professores, do fundamental II, tinham a abordagem da tendência da pedagógica tradicional de educação, assim fui sendo ensinado de modo mais tradicional, coisa que eu sempre preferi.

Em 2013 quando estava no 7º ano minha turma dividiu-se em duas, porém foi aí que tive as melhores amizades, as quais levo até hoje. Com toda certeza, a única viagem que fizemos de estudo foi a Natal, lembro-me como a gente era inocentes e tivemos que nos virar dentro da capital do estado.

Em 2014 quando cursava o 8º ano estava descobrindo a vida de adolescente, começando a sair desacompanhado com os amigos da escola, nessa fase estava aprendendo o que realmente era educação por que a partir daí comecei a entender perfeitamente tudo que me era passado.

No ano de 2015, eu estava prestes a terminar o ensino fundamental e comecei a focar nos estudos para ingressar no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), sendo assim, fui focando no estudo na escola e em casa. Infelizmente não consegui, mas isso não me impediu de tentar de novo no ano seguinte. Depois de 5 anos estudando no Manuel Luís chegou a hora de ir mais além, finalizei meu ensino fundamental e não via a hora de ir pra o médio.

Em 2016 cheguei ao tão sonhado ensino médio, no 1º ano eu conheci uma realidade muito diferente da que era acostumado, quando cheguei na Escola Estadual Angelita Felix Bezerra encontrei uma escola onde mal se tinha aula, professores sofrendo com salários atrasados, diretores totalmente despreparados e sem pulso pra lidar com alunos. Essa escola que estava à beira de um precipício teve diversos problemas, desde assédio sexual de professores a falta de manutenção com o prédio escolar, todos os dias tinha algum problema que nos impedia de aprender, os poucos professores que realmente davam aula não eram valorizados pelos alunos.

MEMORIAIS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIVERSAS  
Maria Aparecida Vieira de Melo; Joseane Maria dos Santos; Maria Clara Carneiro  
Câmara (Org.)

Mas, no final do ano letivo surgiu uma oportunidade de enriquecimento acadêmico, o curso Despertar de Jovens Empreendedores, assim tive um certo aprendizado para criação de negócios e administração. Aqui percebi o quanto nosso ensino tinha tendência Progressista, mas não da parte dos professores, e sim dos estudantes, que vivíamos da luta diária para aprender.



Foto acervo pessoal:  
Em junho de 2016 com minha turma do primeiro ano



Foto acervo pessoal:  
Em novembro de 2016 com a turma do curso despertar.

Em 2017 com a reforma estudantil do ensino médio, a carga horaria foi alterada transformando uma escola sem estrutura alguma numa escola de tempo integral, nesse ano foi que as coisas não deram certo mesmo. O Angelita Felix foi transformado numa espécie de escola sem rumo onde estudantes transavam em suas imediações, se drogavam em seus corredores e alunos mantinham relacionamento, nada profissionais, com seus professores. Devido a isso me retirei da instituição e voltei ao Manuel Luiz de Maria para o ensino noturno, no qual melhor em todos os aspectos. Assim terminei o 2º ano com um pouco de facilidade, devido o ensino noturno ser menos aplicado aos estudos, como se deve ser.

Em 2018, já no 3º ano, eu estava totalmente despreparado para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), nosso ensino foi muitas vezes deixado de lado. Porém, a minha vontade de ingressar em uma universidade era maior que tudo, concluí meus estudos sempre com notas acima da média e consegui prestar o ENEM com um pouco de dificuldade.

Em 2019, com minha nota do ENEM consegui começar no curso técnico em Tecnologia em Sistemas para a Internet, foi aí que eu me dei conta de como meu ensino fora sucateado, algumas vezes por minha falta de foco outras devido ao ensino que me foi dado. O IFRN me abriu os olhos para um novo horizonte, como pra mim sempre foi um sonho fazer parte da instituição isso me fez agradecer muito ao ensino federal, com meu ingresso ao IFRN consegui aprender o que nunca sonhei, posso dizer que foi um verdadeiro sonho fazer parte daquele lugar onde considerei meu lar durante um ano. No mês de outubro de 2019 participei de um projeto de um foguete movido a bicarbonato e vinagre, não era o foco do meu curso, mas como um amigo queria ajuda pra participar o ajudei no projeto. Ganhamos em 1º lugar no IFRN e fomos selecionados para as nacionais da MOBFOG (Mostra Brasileira de foguetes) no estado do Rio de Janeiro (RJ), participamos da 25º jornada

de foguetes oferecido pelo OBA (Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica) no qual fomos campeões em 4º lugar. O que foi um orgulho para todos que nos conheciam e chegamos em casa com a glória da vitória, o que é muito para dois jovens do interior.

Em 2020 realizei mais um sonho, passei em Licenciatura em História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) curso no qual estou até hoje. A pandemia foi severa com todos, nós estudantes não ficamos de fora, a luta para aprender em casa tem sido árdua, não sabemos quando isso vai acabar e a evasão dos meus colegas foi muito grande, devido a isso tudo perdemos metade da turma, porem sigo firme até aqui.

Pra mim que estou escrevendo e lembrando de como foi esses anos da minha vida acadêmica, consigo ver como meu ensino teve muitas dificuldades, tanto que para chegar até aqui foi uma luta enorme, nunca tive vida fácil. Porém, se cheguei até aqui foi graças a cada professor, colega, diretor, coordenador e funcionários de cada lugar por onde passei. Tudo que ocorreu seja de bom ou ruim me ajudou a crescer e ser quem eu sou.

## MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO

Maria do Socorro de Melo Soares



Imagem de acervo próprio

## INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem o intuito concluir a disciplina de didática, do curso de licenciatura em história. Eu sou Maria do

Socorro de Melo Soares, tenho 35 anos, moro em Caicó/RN, sou discente do curso de História/licenciatura na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus Ceres (Centro de Ensino Superior do Seridó) em Caicó.

Minha vida escolar teve início aos 5 anos quando fui matriculada no ensino infantil, era uma pré-escola (Pré-escola casulo-Caicó/RN) no bairro que morava, nessa pré-escola comecei a entender um pouco sobre partilhar coisas como brinquedos, lápis de colorir, e até mesmo o lanche, e um ponto que me chamava muito atenção era sentar em uma mesa pequena com mais três colegas, e o modo como a professora interagia com todos da sala, e hoje estudando a didática de um professor, entendo perfeitamente as várias funções que um professor tem que agregar ao seu conhecimento para chegar a sala de aula e ter uma interação com todos os alunos, principalmente em ensino infantil, que é quando a criança deixa de pertencer apenas ao convívio familiar e passa conhecer um mundo novo.

Vou dividir minha trajetória escolar em 4 partes, duas do fundamental, uma do médio, e uma do superior. Na primeira série do ensino fundamental estudei em uma escola municipal (Escola Municipal professor José Gurgel de Araújo-Caicó/RN) situada no bairro que moro, é nessa série que a criança vai apresentando mais responsabilidades, tendo contato com as matérias específicas, no tempo em que fiz a primeira série, as matérias eram: Português, matemática, ciências e estudos sociais. O ensino que tive na primeira série foi bem tradicional, pois era uma professora em uma sala de aula com quase 40 alunos crianças de 7 anos, onde muitas tinham dificuldade para copiar a tarefa tirando do quadro, eu, particularmente, cheguei na primeira série alfabetizada e sabendo copiar do quadro para o caderno sem nenhuma dificuldade, pois tive a base da alfabetização na pré-escola, que também era municipal.

As, segunda e terceira, séries foi em uma escola da zona rural (Escola Isolada do Ferreiro – Jardim de Piranhas/RN) nessa escola vi a noção de algumas competências sendo colocada em prática, pois noção de competência é definido em não se limitar só ao conhecimento teórico, mas colocá-lo na prática em diversas situações, acredito que ela era colocada em prática, pois na escola rural que cursei 2<sup>ª</sup> e 3<sup>ª</sup> séries era uma professora para 3 turmas diferentes, 2<sup>ª</sup>, 3<sup>ª</sup> e 4<sup>ª</sup> séries em uma só sala. Ela não se limitava só no conhecimento teórico, uma vez que encontrou um jeito de juntar três séries distintas em um único ambiente, e conseguia ministrar o conteúdo de todas com maestria, acredito que foi com ela que descobri que queria ser educadora, pois ela encontrava uma solução até para que todos tivessem recreação. Falar nessa professora me leva novamente aquela escola em que, a sala era dividida com um giz no chão, e assim para ela e para nós era como se cada turma tivesse sua própria sala.

Com o passar do tempo mudamos para a cidade novamente e voltei para a mesma escola onde tinha cursado a 1<sup>ª</sup> série do fundamental, fui cursar 4<sup>ª</sup> série, a qual se caracterizou como um ano marcante em razão da professora ser muito especial, pois ela tinha uma identidade profissional muito particular, onde não fugia das regras mas era muito dinâmica e criativa, gostava muito de dá aula com a sala arrumada em formato de círculo. Ela era uma educadora que trabalhava várias inteligências múltiplas pois, nas sextas feiras, ela trabalhava exercícios corporais, pinturas e músicas. Com ela, a turma e eu, desenvolvemos vários gostos, e, sem falar que tinha vários modos dos alunos participarem da aula, tinha o dia de ditado coletivo em que cada aluno ditava uma palavra, porém tinha as regras para as palavras que dependia do assunto que estava sendo dado em português. Essa 4<sup>ª</sup> série foi muito proveitosa na minha vida escola.

Terminando a 4<sup>ª</sup> série segui para uma escola estadual (Escola Estadual Antônio Aladim de Araújo) nessa escola cursei da 5<sup>ª</sup> série do ensino fundamental até a conclusão do ensino médio. O ensino fundamental foi muito tradicional, nesses 4 anos passaram por mim vários professores, alguns deles tinham noções das competências, como por exemplo, administrar a progressão das aprendizagens, trabalhar em equipe, informar e envolver os pais, tinham professores que sabiam trabalhar as dez noções de competência, mas infelizmente teve também alguns que trabalhavam sem nenhuma delas, e o pior, sem didática, costumávamos dizer que eles sabiam muito pra eles, mas para passar para os alunos tinham dificuldades. Às vezes, os professores acham que ter o conhecimento basta, mas isso é um grande equívoco, um professor que tem uma boa didática e conquistar seus alunos, tornando assim o aprendizado mais fácil para todos.

O ensino médio foi dividido em três anos, o 1<sup>º</sup> ano foi uma nova experiência de ensino, pois deixamos de lado o ensino fundamental, e passamos a entender melhor o contexto. Contudo, olhando o ensino médio do ângulo do superior, percebo que não soube explorá-lo bem, visto que senti muita dificuldade quando me deparei com o vestibular e depois o ENEM. Vi o quanto que um ensino médio sem aprofundamento faz falta, e então foi nesse contexto, de Enem e Vestibular, que resolvi fazer um cursinho preparatório para o Enem, e foi lá, no corpo docente do cursinho que vi a prática docente interdisciplinar, essa que se constitui em revê o velho para torna-lo novo. No cursinho vi muitos conteúdos que foram dados no ensino médio, porém passados maneira que nos levasse a entender melhor e com mais clareza, até mesmo as matérias de cálculos podiam ser vistas de uma forma diversificada, com didática e interdisciplinaridade.

O ensino superior me surpreendeu muito, pois é na faculdade que entendemos que não sabemos de quase nada da

vida social, histórica e filosófica. Nos deparamos com um mundo completamente novo, e chegamos até a nos assustarmos com a responsabilidade que somos obrigados a termos conosco, onde muitas vezes pensamos em desistir, e é aí que nos perguntamos: que tipo de futuro queremos para nossa vida, o do conhecimento ou o da desistência? E cada dia na faculdade é um novo aprendizado, uma nova barreira a ser vencida e um conhecimento que estava estampado na nossa frente.

## CONCLUSÃO

Concluir um trabalho autobiográfico é sem dúvida uma tarefa difícil, uma vez que se auto avaliar não é fácil, pois na vida escolar temos a responsabilidade do que nos tornamos independente do que acontece, se foi bom ou ruim, as vezes queríamos ser tão mais do que escrevemos, porém temos o efeito das escolhas que são feitas no decorrer da vida, e temos que carrega-las conosco. Fazendo um balanço dos anos de aprendizados, foi frutífero, pois no momento em decidimos seguir na vida estudantil um ano é fruto de outro. O ensino fundamental é fruto de sementes que plantamos e que os mestres regam com muito conhecimento, o ensino médio já é fruto do fundamental e é semente para o ensino superior, e chegar ao superior é ter tido paciência de plantar e esperar a colheita, e daqui em diante sementes para um futuro que só depende de cada um de nós e dos docentes que iremos encontrar nessa caminhada. Termino aqui com um desejo de ter cumprido minha missão na disciplina.

## REFERÊNCIA

CANDAU, Vera Maria. **A didática em questão**. ed. 22, 2003.

MEMORIAIS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIVERSAS  
Maria Aparecida Vieira de Melo; Joseane Maria dos Santos; Maria Clara Carneiro  
Câmara (Org.)

GARDNER, Howard. Inteligências múltiplas ao redor do mundo.  
*In: revisão técnica*: Rogério de Castro Oliveira. Porto Alegre:  
Artmed, 2010. p. 1- 433.

## MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO

José Mariano Dutra da Silva

### APRESENTAÇÃO

Meu nome é José Mariano Dutra da Silva, sou estudante do curso de História licenciatura na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, moro na cidade de São Bento no estado da Paraíba. Estudei basicamente quase toda a minha vida, mesmo tendo começado tarde e terminei o Ensino Médio em 2019, e, logo em 2020 entrei na universidade Federal.

### PRIMEIRA ESCOLA

Começando com a minha primeira escola, tenho ainda lembranças de algumas coisas que aconteciam. E é muito interessante que os métodos utilizados para a aprendizagem, mesmo sendo métodos tão simples que parecem serem desnecessários, mas que se mostram uma maneira eficaz de aprendizagem. Desenhos, brincadeiras, músicas e outras metodologias fazem com que o aluno cresça em inteligência, esses meios fizeram parte da minha primeira aprendizagem. Isso tudo ocorreu em anos, da minha vida, na Escola Menino Jesus, localizada aqui no município de São Bento–PB. Essa escola ainda existe e mesmo com a diminuição de alunos, comparados com os que tinha na minha época, ela tem professores ótimos e sua eficácia no ensino mostra que ainda está de pé. Meus estudos ocorreram de forma bastante didática, com outros métodos de ensino, e nesse período ainda não tinha iniciado minha alfabetização. Meus primeiros anos foram para me desenvolver, em outras áreas do conhecimento, e abrir caminho para uma futura alfabetização.

## PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Meu processo de alfabetização iniciou como as demais crianças, embora eu fosse mais velho que os outros. Nas atividades, de acordo com os professores, só precisavam me explicar uma vez para eu aprender, então considero que aprendi rápido a ler e a escrever, tendo em vista que esse meu processo se concretizava fora da escola também.

## EU E A ESCOLA

Antes não sabia, mas a escola e eu tínhamos uma grande ligação, mesmo no início eu sendo meio desligado para ir à escola, acabei me apegando a ela. Acho que o fato de poder está entre amigos/as, brincar, correr e se divertir me chamava a atenção. E o mais importante era ter com quem conversar, esse é e sempre será, para mim, a maior foça que a escola tem, o fato de poder interagir com os outros.

## ENSINO FUNDAMENTAL

Meu Ensino Fundamental foi parecido com o Ensino Médio, mas em relação a aprendizagem. O fundamental foi um processo que, podemos dizer que, estava na metade do meu ensino. Também, igual aos outros períodos, foi um ambiente em que métodos didáticos foram utilizados, do 4º até o 9º ano pude me desenvolver bastante e me preparar para o Ensino Médio. Uma coisa que mais evolui nessa época foi em relação a apresentações de seminários, no qual no início tinha muitos problemas, mas devido à insistência de um professor, acabei me dedicando a desenvolver mais linguagem falada para fazer uma boa apresentação.

## ENSINO MÉDIO: UMA MALA DE SONHOS

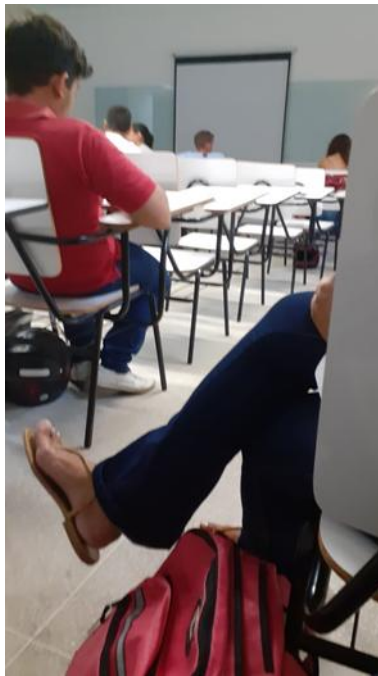


Por que uma mala de sonhos? Porque é o período em que tentamos descobrir que caminho iremos seguir quando o ensino médio acabar. Mas não pense que foi uma tarefa fácil, aliás, ainda não está sendo. A complexidade desse período é algo exorbitante, por minha experiência, posso afirmar que os alunos sofrem vários tipos de pressões, e de várias partes, dos pais, dos educadores e da própria rede escolar.

No capítulo Interdisciplinaridade e Contextualização no Ensino Médio do livro Didática tem uma frase que chama bastante atenção, pois fala da interdisciplinaridade: “[...] podendo funcionar como subsídio ao trabalho pedagógico dos professores sensíveis à importância da articulação do

conhecimento no atual mundo globalizado.” (MARTINS; NASCIMENTO, 2011, p. 46). Esse aspecto chama a atenção pois fala do trabalho pedagógico, e é algo que tem que ser sempre atualizado, para o bem do jovem que está iniciando na vida acadêmica.

## ENSINO SUPERIOR: CONSTRUINDO O PROFISSIONAL



O que irei ensinar? Quais as competências que os alunos precisam construir? Como dar aulas dinâmicas e atrativas para os alunos? Em que escola irei atuar? Como será a minha relação com os alunos? Será que conseguirei sucesso no exercício da docência? (MARTINS; NASCIMENTO, 2011, p, 44). Essas são as perguntas que aparecem para mim durante o

curso, pois quanto mais se aproxima a conclusão, mais ficamos preocupado com a futura carreira, que neste caso é de professor. O curso de História licenciatura está quase na metade, e mesmo com algumas experiências de ensino que tive, não pude deixar de notar a dificuldade que é ensinar, principalmente se não tem uma base para se apoiar.

Já durante esse curso de História sigo com minhas dificuldades e minhas conquistas, mas sei que para ser um bom professor não devo amolecer, tenho que continuar tentando, errando, caindo, levantando e prosseguindo. A disciplina de Didática me mostrou que se pode encontrar maneiras diversificadas de didáticas, em qualquer lugar, até mesmo no Ensino Superior. E essas práticas que aprendi, levo para meu futuro de educador.

As práticas didáticas seguem com sua importância em todos os níveis de ensino. Sua estrutura é levar ao discente uma maneira melhor de ver os pontos apresentados em aula. Uma coisa difícil pode se tornar fácil se seguir alguns métodos didáticos, se ficar apenas na teoria das coisas o aluno pode ter bastante prejuízo, mas se aplicado com destreza o aluno poderá sair da aula com o conhecimento que o professor desejou que ele recebesse.

## **MINHA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL**

Embora o título, minha experiência de trabalho no ambiente escolar ocorreu no ano de 2020, poucos meses depois que eu terminei minha educação básica. E foi algo impagável, uma ótima experiência. O fato da pessoa está em um ambiente de sala de aula, apresentar, com detalhes, aos alunos a proposta de estudo, é algo sensacional. Parando para pensar foi uma experiência vigorosa pois me elevou de um status de aluno para professor, embora que fosse substituto,

não me tirou o prazer de ser a figura do professor para aqueles alunos.

## CONCLUSÃO

Para concluirmos, só posso passar um fio na memória e colocar aqui o que se formou em mim depois desse tempo de estudo. Com o tempo, vem a experiência, e no meu caso não foi diferente. Com o passar dos anos comecei a me apegar a escola de um jeito incrível, até hoje me considero apegado, pois ainda sinto muita falta, devido o atual momento de ensino remoto. Mas uma coisa é certa, minha mentalidade evoluiu mais e mais depois de todos esses anos, e cada atividade que fiz ou deixei de fazer, serviu para meu desenvolvimento. Então, podemos concluir que estou no caminho para ser um professor, mesmo que ainda não atenda a todos os requisitos, estou em processo de formação e agradeço a todos que contribuíram e contribuem no meu processo de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

- MARTINS, Ivanda; NASCIMENTO, Roseane. **Didática**. Volume 1, Recife, 2011, p. 1-111.
- MARTINS, Ivanda; SILVA, Nascimento da. **Didática**. Volume 2, Recife, 2011.
- SILVA, Luzia Mônica da. **Construção Identitária de uma Professora**. 2014, Natal, p. 1-50.

## MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO

Onofre Soares de Medeiros Araújo

Eu me chamo Onofre Soares, sou aluno do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte no campus de Caicó, e estou aqui a escrever esse memorial para um trabalho da disciplina de Didática no terceiro período da graduação. Essa atividade tem como objetivo relatar como se deu minha experiência desde os primórdios da minha educação escolar até o momento atual, e desta forma espera-se que haja uma contribuição importante na área de atuação educacional para os leitores do livro em que esse texto fará parte.

Desde que me lembro minha educação escolar iniciou-se no município de São Mamede-PB nas classes pré-escolares aos 5 anos, na época me lembro que eram necessários cursar três “Prés” para depois entrar na primeira série. Nestes anos iniciais era aprendido coisas essenciais como a coordenação motora e habilidades sociais, exercícios de pintura e brincadeiras de interação em grupo acontecia quase todo dia.

Aos 7 anos entrei na 1ª série do ensino fundamental ainda em São Mamede no colégio que tinha o apelido se Rodopiando (Não lembro o nome oficial da escola), mas devido alguns problemas na vida domiciliar me tornei um péssimo aluno, fugia e brigava na escola quase todo santo dia, nesse ano fui reprovado e não aprendi nada, nem ler e muito menos as quatro operações matemáticas básicas. Aos 8 anos me mudei para a zona rural do município de São João do Sabugi-RN, onde iniciei novamente a primeira série na escola rural Unidade V João Úrsula de Maria, foi nesse momento que houve uma reviravolta no meu comportamento e comecei a ser um aluno aplicado. Penso que a mudança comportamental ocorreu devido a fatores externos, porque agora eu estava longe das

influências exercidas pela periferia e começava a descobrir um novo mundo que interagiu a todo instante com a natureza, apesar de alguns transtornos familiares permanecerem.

Na Unidade V João Úrsula de Maria recebi uma educação excelente. Por ser uma escola rural tinha menos de dez alunos no total, o que favorecia uma atenção individual maior por parte das professoras. Tinha apenas duas salas, uma onde se estabelecia a 1ª e 2ª série e a outra 3ª e 4ª série com uma professora para cada sala. Na primeira série aprendi com grande esforço a ler e escrever, tinha uma dificuldade especial em relação a pronúncia da letra "R", pois possuía a língua "colada" como dizem por aqui, mas com muito treino consegui fazer a pronúncia correta. Na segunda série tudo se decorreu bem com o desenvolvimento da leitura e das quatro operações matemáticas aprendidas na série anterior. Na 3ª série ou 4º ano conheci algumas matérias como Geografia e História, e lembro que foi nesse momento que a paixão pelo passado floresceu em mim com a descoberta de personagens como Zumbi dos Palmares. Na 4ª série/5º ano foi um aperfeiçoamento do ano anterior, em especial em Geografia e História. Lembrando que desde a 1ª série ao 5º ano todos os dias as professoras exigiam que antes de sair para casa lêssemos um texto para elas com o objetivo de melhorar a leitura. Uma curiosidade é que na terceira série foi permitido o uso de caneta de tinta, foi uma revolução para mim.

Aos 12 anos de idade comecei a frequentar na cidade de São João do Sabugi-RN a escola Padre Joaquim Felix para fazer a segunda etapa do ensino fundamental. Todos os dias pegava o carro "Pau-de-arara" percorrendo 36 km, pela parte da tarde, chegando em casa as 19 horas em meio a escuridão, e assim se passaram mais alguns anos. No Padre Joaquim cursei do 6º ano ao 9º ano. No sexto entrei em contato com uma turma totalmente diferente da zona rural, as salas eram mais barulhentas e com muitos alunos, cada um com suas

peculiaridades, agora tinha que me adaptar ao mundo escolar totalmente novo do anterior, nesse meus colegas tinham pouco respeito pelos seus iguais, e em algumas ocasiões ofendiam até mesmo os professores, a disciplina comportamental era inferior ao da Unidade V João Úrsula de Maria. Continuei com a disciplina herdada da educação rural e aos poucos me destaquei dos demais (todos queriam fazer trabalhos comigo). Conheci alguns professores que me seguiriam até o fim do ensino médio, como foi o caso da professora de História Amanda Lins Gorgônio que aguçou mais ainda minha curiosidade por essa disciplina. Neste mesmo ano, aumentou a quantidade das disciplinas que giravam em torno de dez, para ser sincero não lembro perfeitamente a quantidade das matérias, mas relembro perfeitamente que aumentou em relação ao 5º ano.

No 7º ano começaram alguns desvios, recebendo influências de meus amigos da cidade, o estudo se tornou menos importante, matava aula para jogar vídeo game nas “lanhouses”, e meu aprendizado percebo hoje que foi prejudicado, especificamente nesse ano, mas mesmo assim consegui passar no terceiro bimestre. No 8º ano me lembro bem que se inseriu a prática de seminários pelos professores para que os alunos perdessem aos poucos a timidez, ao mesmo tempo, em matemática surgiu as primeiras equações que eram um terror para mim, pois sentia muita dificuldade, a até hoje sinto, porque não consegui aprender direito. No 9º ano com a regularização dos seminários, principalmente em História, consegui desenvolver minha fala aos demais de forma razoável, mas permanecia a dificuldade em matemática, muito pela a entrada da fórmula de Báskara. Uma curiosidade é que neste ano participei da Olimpíada Nacional de História chegando a quarta etapa, outro destaque é que ganhei um troféu de melhor aluno da sala que guardo até hoje.

Para cursar o ensino Médio ou 2º grau me transferi para a escola Senador José Bernardo, a única escola de ensino médio no município, o turno era pela tarde (Vespertino). Nessa nova jornada as coisas mudaram um pouco, novamente houve a adição de disciplinas com 13 no total. Sociologia, Filosofia, Química, Biologia, Física, e o estudo das línguas inglesa e espanhola eram a novidade. De início adorei Filosofia, e odiei o estudo da língua inglesa, por ser algo tedioso e trabalhoso com os enormes textos que o professor passava regularmente para traduzirmos, através do dicionário Inglês/Português. Em Filosofia, com a Professora Ana Paula Mariz, descobri um mundo novo com os pensamentos dos antigos gregos, peguei uma adoração por Platão e seu “mito da caverna”, da mesma forma conheci com afeição os contratualistas como Rousseau e Locke. Química e Física se tornaram os desafios nesta etapa, nunca aprendi corretamente química, física só tenho facilidade nas questões teóricas, enquanto em matemática consegui me desenvolver com mais facilidade, em relação ao ensino fundamental.

No ensino Médio me debrucei mais sobre as disciplinas humanas como História, Geografia, Sociologia e Filosofia. Imagino que isto aconteceu porque sempre gostei de ler, além de ter uma memória muito boa para lembrar dos textos. As maiores dificuldades foram mesmo nas matérias de ciências exatas como Física e Química, matemática, como já relatei antes, consegui um desenvolvimento até razoável, tanto que no 3º ano consegui uma menção honrosa na Olimpíada Nacional de Matemática. E em inglês a aprendizagem foi quase nenhuma, penso que devido a metodologia tediosa aplicada pelo professor.

Aos 18 anos quando terminei o ensino normal entrei na Marinha do Brasil, algo que atrasou a minha entrada na universidade em alguns anos. Em 2019, prestei a prova do Enem e consegui em 2020 adentrar no curso de Licenciatura

em História, e aqui estou escrevendo este memorial para a terceira avaliação da disciplina de Didática, ministrada pela professora Maria Aparecida de Vieira de Melo, no 3º período do curso.

Por fim, gostaria de falar como foram importantes os primeiros anos de ensino fundamental I, na escola Unidade V João Úrsula de Maria na zona rural de São João do Sabugi, pois, foi ali que construí minhas bases de formação de estudante que me segue até a Universidade. Apesar deste estabelecimento ter sua estrutura precária, os esforços empreendidos pelas professoras Ana Galvão e Inês Dantas se sobressaíram sobre as dificuldades físicas, e, vejo hoje como é importante os professores no início da educação escolar. Além disso, o mundo rural me proporcionou uma vida feliz que refletia na escola, diferentemente do que acontecia na periferia da cidade de São Mamede-PB.

### IMAGENS DAS ESCOLAS ONDE ESTUDEI:



Escola Unidade V João Úrsula de Maria em 8 de setembro de 2021  
(Acervo do aluno)



Escola Municipal Padre Joaquim Felix (Acervo do aluno)



Escola Estadual Senador José Bernardo (Acervo do aluno)

## REFERENCIAS

JAILMA, Anna. Escola sabugiense comemora 40 anos de Ensino e Aprendizagem. *In: Notícia de cultura é aqui*. 2014. Disponível em: <<http://aflordaterra.blogspot.com/2014/07/?m=1>>. Acesso em: 05/09/2021.

MEMORIAIS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIVERSAS  
Maria Aparecida Vieira de Melo; Joseane Maria dos Santos; Maria Clara Carneiro  
Câmara (Org.)

JAILMA, Anna. EESJB é segundo lugar nas escolas públicas que aprovaram no Vestibular UFRN. *In: Notícia de cultura é aqui, 2011.* Disponível em: <  
<http://aflordaterra.blogspot.com/2011/04/eesjb-e-segundo-lugar-nas-escolas.html>>. Acesso em: 06/09/2021.

## MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO

Gabriela Farias Alves

*“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”  
Cora Coralina*

### INTRODUÇÃO

É sabido que os corretos métodos de ensino e orientação utilizados pelos professores em sala de aula são fundamentais para a construção intelectual e humana dos alunos. Sabe-se também que, através da criatividade e competência dos docentes, as metodologias devem adequar-se às características pessoais de cada estudante (como idade, cenário familiar e social) para que sejam eficazes.

Considero-me uma pessoa privilegiada. Durante toda minha trajetória acadêmica pré-universitária estudei em Parelhas, cidade localizada no interior do Rio Grande do Norte, na qual fui criada. Tive professores (e amigos) incríveis e muito capacitados, cujas estratégias de ensino proporcionaram-me um rápido aprendizado. Guardo pouquíssimas lembranças ruins deste período. Dessa forma, vejo a execução desta tarefa como uma experiência prazerosa e nostálgica.

Neste documento, tento mostrar a realidade (e seus aspectos, tanto positivos quanto negativos) do ambiente escolar frequentado por alunos que receberam ou recebem uma educação semelhante à minha.

### DESENVOLVIMENTO

Iniciei minha vida estudantil aos quatro anos e seis meses, ingressei no Colégio Municipal Teresinha Fernandes de

Castro. De todos os métodos educacionais aplicados pelos docentes, recordo-me com mais clareza da música, diariamente uma de minhas professoras (por quem tenho enorme carinho) cantava duas pequenas canções que me ajudaram a memorizar o alfabeto e os dias que compõem uma semana. Para mim e meus colegas, essa era uma maneira divertida de aprender.

Ainda nessa época, tive um de meus primeiros contatos com a leitura. Visitava frequentemente a biblioteca para brincar e colorir desenhos, mas nem sempre buscava livros. Um dia, encontrei um livro sobre o conto do Patinho Feio cujo título e autor, infelizmente, sou incapaz de lembrar. Fiquei encantada com aquela história. Esta é minha lembrança mais antiga (e especial) como leitora.

Posteriormente, aos sete anos, comecei o Ensino Fundamental na escola Dom José Delgado. Era vista como uma criança tranquila e brincalhona. Adorava ler, desenhar e brincar com vários jogos. Lá, usei um computador pela primeira vez graças a um curto curso de informática oferecido pela equipe gestora. Foi um período particularmente feliz em minha vida acadêmica.

O livro didático era a principal base no planejamento e execução das aulas. Muitos professores solicitavam a leitura em voz alta do conteúdo, além de organizarem anotações e questionários.

Ademais, o estímulo ao raciocínio lógico e habilidades manuais figurava como prioridade na metodologia em vigor. Exercícios como recortar e montar imagens, decoração e jogos numéricos eram uma parte indispensável de nossa rotina. Havia também a prática de esporte, semanalmente (às sextas-feiras) éramos levados à praça em frente ao colégio onde realizávamos atividades físicas.

Mais tarde, com onze anos de idade, fui aceita na Escola Cooperativa Educacional de Parelhas (COOEPAR) como bolsista. Nela, concluí as cinco últimas etapas do Ensino

Fundamental e o Ensino Médio. Ao longo destes, aprendemos algo que eu não conhecia até então: o livro didático não é a única fonte de conhecimento disponível. Embora fosse religiosamente utilizado e valorizado, os docentes encorajavam-nos a questionar e criar opiniões próprias acerca do material e seus temas.

Além disso, éramos sempre tratados com grande apoio, respeito e paciência. Creio que, graças a estas virtudes, a transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio não foi tão difícil para mim quanto costuma ser para outros estudantes.

Desde o início de minha trajetória universitária, notei que, graças à COOEPAR, inúmeros métodos educacionais adotados no Ensino Superior já me são familiares. Um ótimo exemplo disto é uma de minhas professoras favoritas, ela foi responsável por acostumar-me à prática de elaborar fichamentos (resumo sobre um tema), pelo que sou profundamente grata.

O Ensino Médio foi também um período de crescimento emocional para mim. Apesar de sempre ter sido considerada uma boa aluna, jamais tive aptidão para a área de Exatas. De modo que o talento lógico-matemático é visto como "sinônimo" de alta inteligência, isto prejudicou minha autoestima. Contudo, este sentimento mudou quando conheci minha primeira professora de literatura, vendo a quão culta e sábia ela era, entendi que há distintos tipos de capacidade (conforme a Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner).

Após finalizar o Ensino Médio em 2019, fui admitida no curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Caicó, onde permaneço.

## CONCLUSÃO

Desde a infância, sempre ouvi que os professores são heróis, e sempre entendi o porquê. Tive (e tenho) a chance de

ser ensinada por profissionais maravilhosos que me formaram, pessoal e intelectualmente, com muito respeito.

Educar é um ato complexo. Exige força e compreensão para lidar com o universo de ideias, gostos e conflitos que é o aluno. A sala de aula é diversidade, lugar onde apenas a vocação nos permite entrar. Mas é também o mais belo dos dons.

## MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO DA MINHA VIDA ACADÊMICA

Alessandra Bezerra de Medeiros

Dou início ao relato da minha trajetória educacional destacando que hoje sou totalmente apaixonada pela ideia de receber e poder repassar conhecimento para alguém, me fascina a possibilidade de interferir diretamente na vida de um indivíduo ao ponto de alcançar uma evolução pessoal. Porém, nem sempre foi assim, nos meus primeiros anos de vida, a escola me assustava, não queria conviver com estranhos, a única coisa que queria era desfrutar do conforto da minha casa, esse ponto acabou ocasionando meu atraso no ingresso da vida acadêmica. Então venho por meio desse memorial, tentar descrever um pouco da minha jornada nas escolas, assim como influenciar, até mesmo ajudar, alguém que tenha passado pelos mesmos impasses que, infelizmente, enfrentei no ensino.

Dando uma pequena apresentação sobre mim, me chamo Alessandra Medeiros, tenho 21 anos, sou natural da cidade de Jucurutu/RN e tenho hoje como maior paixão o ensino. Como já mencionei anteriormente, tive dificuldade para conseguir me encaixar nas escolas, quando minha mãe decidiu me matricular aos 3 anos de idade, simplesmente era impossível me manter ali, chorava muito, o pânico tomava conta de mim, e a única alternativa encontrada pela escola foi me deixar afastada, deram como solução esperar mais uns anos para eu entrar na escola novamente, atestavam que eu era muito nova. Quando finalmente completei 5 anos, foi necessário meu regresso para a escola, mesmo com todo os escândalos que eu causava, não era mais possível me manter fora das aulas.

Esta questão me prejudicou bastante, como a entrada escolares se davam em uma faixa etária muito baixa comparada a minha, passei toda a minha alfabetização

atrasada em relação aos meus colegas. Mesmo depois da adaptação, as dificuldades continuavam, não conseguia me comunicar bem o bastante, era a única da turma sem saber ler e escrever. Para uma criança de 5 anos era um peso bem forte, geralmente os demais acabavam rindo, me excluindo, cada vez mais sentia pavor em me encontrar dentro de uma sala de aula. Cheguei a um ponto que não participava em nada dentro da turma, apenas sentava e passava todo o horário calada, sem interagir.



(FONTE: <https://seduca.com.br/blog/bullying-na-escola-veja-como-lidar-com-esse-o-problema/>)

Aos 8 anos continuava sem saber ler e a escola se tornou o pior lugar do mundo para mim, inventava diariamente desculpas para não a frequentar. Até que uma professora teve a iniciativa de formar uma turma exclusivamente dedicada a ensinar a ler, com um novo método, assim sendo, fui ganhando lugar dentro da escola, a nova turma me dava espaço, não existia competição, cada um aprendia e se desenvolvia no seu tempo. A partir desta iniciativa tudo começou a mudar, logo comecei a ler minhas primeiras palavras e a leitura foi tomando conta, queria cada vez ler mais, conseqüentemente, fui considerada a melhor da turma, coisa que até o momento

nunca tinha acontecido comigo, melhor não no sentido comparativo, mas sim em questão pessoal mesmo, o que eu considerava impossível e motivo de pânico estava se tornando uma possibilidade, a leitura acabou se tornando minha maior paixão.

Relatar essa memória dentro desta narrativa me faz refletir sobre diversos pontos discutidos dentro das aulas de Didática ministradas pela professora Maria Aparecida, nas quais sempre foi problematizado o ensino tradicional, onde o conhecimento é repassado de forma ímpar, sendo detido apenas pelo docente, é basicamente 1 único modelo seguido para uma turma de 30 alunos, cada um tem sua singularidade, porém são vistos da mesma forma. Conseqüentemente, muitos estudantes acabam se perdendo nesse meio, posto que visualizam o coleguinha conseguindo acompanhar os passos do ensino do professor, enquanto ele não consegue porque sua aprendizagem requer uma didática diferente. Trazendo para minha experiência, tal ponto aconteceu comigo, como eu já mencionei, meu acompanhamento era mais lento, porém a partir do momento que a professora notou que o problema não estava somente em mim e pensou em mudar a didática, tudo mudou na minha trajetória educacional. São de profissionais assim que nosso ensino está carente.

Partindo para meu ensino fundamental, encontrei novos desafios, o bullying foi um deles, por eu ser calada e está com o corpo cheio de mudanças, como espinhas e corpo desproporcional, me tornei vítima de piadas de mal gosto, logo, mais uma vez, fui sugada pela bolha do isolamento, mesmo conseguindo me destacar nas avaliações, a escola novamente se tornou terrível. Assim sendo, notei que não poderia fugir para sempre, comecei a me resguardar dentro da literatura, todo tempo livre que eu encontrava me dedicava a ler livros ficcionais, ali eu poderia me transportar para um mundo paralelo. Eu encontrava na leitura uma nova maneira de ver o

mundo, lia histórias de superação e comecei a me impor, não aceitei mais as piadas, e encontrei dentro da escola uma forma de revolução, de trazer mudanças para a vida de diversos indivíduos, surgindo o sonho de fazer diferença como professora dentro das salas de aula.

Este sonho me fez se aproximar dos meus colegas, quando eles tinham dificuldade em entender determinada matéria eu me dedicava a ajuda-los, dava uma “aula de reforço”. Pude começar a me conhecer, a ser, imediatamente fui ganhando assas, Rubens Alves fala que existem escolas que são gaiolas, enquanto outras são assas. Então, encontrei dentro do ensino a solução para manifestar minha verdadeira vocação.



(FONTE: <https://blog.livrarialoyola.com.br/2018/05/10/8-motivos-para-voce-se-apaixonar-pela-leitura/>)

Diferente da minha formação inicial e fundamental, o ensino médio foi ótimo, várias possibilidades surgiram, o medo não era mais presente, e finalmente encontrei o que eu realmente queria fazer na minha vida, o amor por ensinar eu já tinha despertado desde nova, mas a paixão pela história se concretizou somente com as aulas da minha querida professora Ingrid, ela me fez mergulhar em tempos antigos, em guerras, revoluções, pragas, inquisição, descobrimentos, literalmente, eu fazia uma viagem no conhecimento, cada vez queria saber mais, pesquisar, estudar, entender. Com essa paixão despertada tive a oportunidade de adentrar no curso de História

pela UFRN e participar das aulas mágicas da docente Maria Aparecida, que me ajudou a encontrar falhas dentro de todo o meu ensino, assim como me deu várias possibilidades de mudar, de fazer a diferença no ensino.

Nas unidades da disciplina foi apresentado a didática como uma forma de refletir sobre a formação docente e suas futuras ações pedagógicas, sendo justamente o que contribuiu para que eu repensasse todo o meu ensino, como a didática foi me apresentada. Afirmo que teve vários erros, mas também não vou negar que em vários momentos passou profissionais preocupados com a forma que as aulas estavam sendo ministrada, virão a sala de aula como plural, onde cada indivíduo tinha sua própria singularidade, entretanto, foram poucos que demonstraram este cuidado, a maioria ficou presa em suas próprias teorias e esqueciam de olhar os alunos como seres plurais.

É exposto a necessidade de elaborar aulas cativantes com o intuito de seduzir os alunos, na vivência do ensino público tal medida encontra-se carente, infelizmente não é semeado a necessidade de prender os alunos com o conteúdo, não se usa uma tática para alcançar tal dádiva. Nesse cenário, o conteúdo geralmente é apresentado rapidamente de forma rasa, não existe um aprofundamento, uma didática criativa, envolvendo jogos, filmes, dinâmica, entre tantas outras possibilidades de se ter dentro de sala.

As inteligências múltiplas também foram apresentadas dentro das aulas, foi possível compreender a teoria de Howard Gardner, a capacidade intelectual não fica limitada a um QI, nem somente a uma inteligência, estamos preparados para receber todas, porém algumas desenvolvemos com mais propriedade. Esse conteúdo me tocou bastante, quando criança eu acreditava não ter nenhuma inteligência, acreditava que somente quem fosse bom em português e matemática seriam considerados sábios, mesmo eu sendo boa em outras questões,

não me olhava como inteligente ou capaz de alcançar algo. Logo, podemos destacar a importância que é discutir essas questões em sala de aula, fazer o aluno entender que ser inteligente não está restrito somente a notas altas, a se dar bem nas disciplinas acadêmicas, temos um mar de possibilidades para serem exploradas.

Assim sendo, cada aula ministrada pela professora foi fundamental para entender o lugar que o professor necessita de ter em sala de aula, ao qual sempre precisa procura novas didáticas para repassar aos seus alunos, onde exista a troca de conhecimento, onde o aluno possa questionar, se impor, existindo uma troca verdadeira entre ambos. Espero um dia colocar em prática todo o ensinamento adquirido, que meus alunos possam se sentir acolhidos e confortáveis de participarem, também desejo que o meu relato desperte sensibilidade e a noção que por mais cruel que a escola pareça ser, somente com ela é possível adentrar em um mundo mágico, cheio de ensinamentos, de momentos marcantes e únicos.

## REFERÊNCIAS

MARTINS, Ivanda; SILVA, Roseane Nascimento da. **Didática**. Recife: UFPE, Vol.3. 2010. p.15-18.

## MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO

Fernando de Assis Silva

### INTRODUÇÃO

Esse memorial tem como objetivo compartilhar experiências sobre o processo de formação no qual estou inserido e ajudar nos estudos antropológicos e sociológicos de outros profissionais. Produzir esse memorial não foi fácil, em face do atual momento de desmonte da educação e das políticas de equidade social que vive nosso país. Meu processo de formação sempre foi auxiliado por políticas públicas como o programa do vale gás, bolsa família e PROUNI, o que fomentou em mim a consciência de classe e clareza sobre quais fatores contribuíram para meu avanço educacional.

Sou Fernando de Assis Silva, brasileiro, nordestino mais especificamente natural e residente em Caicó no Rio Grande do Norte, pardo, 26 anos de idade e discente do curso de pedagogia na UFRN Campus Caicó, curso que quando concluído será minha segunda formação superior. Primogênito de Elvira Neta Silva e Francisco de Assis Silva, tenho como única irmã Clara Elizabeth Silva. Meu pai é agricultor semianalfabeto, filho de agricultores e teve que largar os estudos na quarta série do ensino fundamental para ajudar sua mãe a sustentar a casa e seus quatro irmãos após o abandono do seu pai. Minha mãe é funcionária pública municipal (agente de saúde), ex diarista, filha de pedreiro e dona de casa, formada em serviço social e pós graduada na área. Sua formação superior se deu vinte anos após o término do ensino médio quando conseguiu uma bolsa de 50% de custeio do curso no Programa Universidade para Todos (PROUNI). Minha irmã atualmente cursa enfermagem na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Residimos na zona rural por 12 anos até a aprovação da minha

mãe no concurso público municipal, nesse momento migramos para zona urbana pois teríamos melhores condições de vida.

Acreditar na educação como ferramenta de evolução pessoal e social sempre foi um pensamento dos meus pais que foi repassado para mim e minha irmã, então com esse apoio e discernimento familiar somado a programas de equidade social minha trajetória de formação vem sendo possível através dos anos.

## TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO

Minha formação educacional começou aos três anos de idade quando fui matriculado na Escola Menino Jesus em 1998, uma pequena escola particular que ficava em um bairro próximo ao sítio onde morávamos, pois não havia transporte escolar e nós também não tínhamos transporte, então todo o percurso era feito caminhando ou com sorte através de caronas. Nessa escola estudei por um ano até que no ano de 1999 com o nascimento da minha irmã as condições financeiras ficaram mais difíceis, então em 2000 fui matriculado na Creche Santo Estevão Diácono que era pública e funcionava em outro bairro também próximo ao sítio. Na creche Santo Estevão Diácono cursei minha alfabetização na turma da professora Nazaré que lembro ser bem rígida e pouco afetiva com os alunos diferente das professoras Rosa e Rita que foram minhas professoras na Escola Menino Jesus. Quando concluí minha alfabetização fui matriculado na Escola Estadual Santo Estevão Diácono que também funcionava no mesmo prédio.



(Fardamento e parte do material da Escola Menino Jesus) ( Formatura da alfabetização na Creche Santo Estevão Diácono)

Na Escola Estadual Santo Estevão Diácono cursei todo meu ensino fundamental. No fundamental I tive uma boa experiência com minhas professoras, as quais recordo até hoje, na 1º série com a professora Francisca costa, na 2º série com a professora Elita, na 3º série com a professora Ana Elizabete e na 4º série com a professora Conceição Araújo, destaco o nome dessas professoras, pois guardo por elas grande afeição, principalmente a professora Conceição Araújo que despertou em mim o gosto pela leitura e arte trabalhando com livros de literatura e peças teatrais que me mostraram um novo universo dentro da escola. Meu fundamental I foi marcado também por diversos acontecimentos como uma cirurgia, uma enchente que fez minha família mudar para um sitio mais distante, acidente de trabalho do meu pai e problemas de saúde da minha irmã que fizeram com que em alguns momentos meu rendimento escolar diminuísse, mas com o constante incentivo familiar e apoio da equipe escolar não precisei repetir nenhum ano. No

fundamental II a escola passou por uma mudança de nome e prédio passando a se chamar Escola Estadual Padre Edmund Kagerer. Iniciei no turno matutino o fundamental II, mas por não conseguir acompanhar a metodologia de uma professora de matemática e está tendo prejuízos no meu desenvolvimento em cálculos minha mãe junto com a equipe escolar me mudaram para o turno vespertino onde a professora de matemática Mires Maia compreendeu minha dificuldade com cálculos e buscou maneiras de me fazer aprender o conteúdo e não ter prejuízos. Nesse período minha mãe foi aprovada no concurso público municipal e mudamos para a zona urbana o que me possibilitou participar de diversas atividades como peças teatrais, projeto de xadrez e um projeto das Aldeias Infantis SOS que dava aulas de artes e informática para alunos de escola pública. Torna-se valido salientar que sempre enfrentei bullying no ambiente escolar por ser morador da zona rural e também pela minha sexualidade, o que muitas vezes me desmotivou, mas não me fez desistir de dar o meu melhor. No ano de 2009 concluí o 9º ano e fui aprovado no primeiro processo seletivo para ensino médio técnico do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) Campus Caicó onde cursei o primeiro ano do ensino médio e parte do segundo ano de 2010 a 2012, mas por não conseguir acompanhar o ritmo de estudos da instituição me desliguei do IFRN e me matriculei na Escola Estadual Calpúrnia Caldas de Amorim (EECAM) no turno vespertino onde cursei metade do segundo ano e trabalhava no turno noturno em uma sorveteria do meu bairro, mas por problemas pessoais repeti o ano e no ano de 2013 fui cursar o segundo ano no Centro Educacional José Augusto (CEJA) no turno noturno pois já trabalhava manhã e tarde, mas por motivos pessoais desisti na metade do ano e no ENEM 2015 solicitei minha conclusão do ensino médio pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e nessa mesma edição do ENEM através do PROUNI consegui uma bolsa de 100% para o curso

de Tecnologia em Marketing na Universidade Potiguar (UNP) trabalhei durante todo o período do curso e me formei em 2017, sendo assim o primeiro neto dos meus avós paternos e maternos a se formar em uma instituição de ensino superior. Nesse mesmo ano fui aprovado no curso de pedagogia na UFRN campus Caicó, mas por ter uma bolsa integral através do PROUNI não pude cursar pedagogia, pois ainda não tinha finalizado o curso de marketing.



(Formatura do curso superior de Tecnologia em Marketing na UNP)

Em 2019 após algum tempo atuando na área de marketing e não me identificando com as exigências do mercado dentro dessa área e observando que essa área profissional me colocava contra minhas convicções a respeito da sociedade e do capitalismo decidi voltar minhas atenções para a área da educação que sempre foi uma paixão, ganhei uma bolsa de 50% na UNP para o curso de pedagogia onde cursei 2 períodos e meio, mas por questões financeiras tranquei o curso para tentar ser novamente aprovado na UFRN e através do ENEM 2020 consegui ingressar na instituição com cotas raciais e

econômicas, mais uma vez as políticas de equidade social que estão sendo ameaçadas pelo atual governo foram fundamentais no meu processo de formação. Hoje estou mais uma vez no ambiente universitário em busca de uma formação dentro da área que compactua com meus ideais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje com maiores conhecimentos ressalto a importância de se conhecer como pessoa e sujeito social. Identificar quais fatores sociais, econômicos e culturais corroboraram para minha formação tem sido fundamental para a construção do meu perfil de educador. Os conhecimentos que venho adquirindo através das aulas de sociologia e antropologia da professora Maria Aparecida Vieira de Melo na disciplina de Estudos Sociológicos e Antropológicos da Educação vem me abrindo um leque de conhecimentos a respeito da influência dessas áreas na sociedade e a importância de levar a luz desse conhecimento para todas as camadas de ensino. Minha formação como educador acredito ser uma linha que só “se finda” quando minha vida também chegar ao fim, pois na minha concepção o educador é um eterno aprendiz de conteúdos formais e informais para que cada vez mais possa ser um canal próspero de conhecimento para todos aqueles que por ele passarem.

## SENTA QUE LÁ VEM HISTÓRIA...

Leyvison Gabriel Dantas Silva

### MEUS AVÓS E PAIS: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Era uma manhã de quinta-feira quando minha mãe concretizava o ciclo de mais uma gestação. Segundo filho, nasci na cidade de Currais Novos, interior do Rio Grande do Norte. Sua origem é ligada ao Ciclo do Gado no século XVIII.

Inicialmente habitada por índios Cariris, o município de Currais Novos tem sua origem ligada ao período conhecido como Ciclo do Gado, no século XVIII. [...] Quanto a sua denominação, deu-se que os famosos “currais novos”, construídos pelo Capitão-Mór Galvão, tornaram-se símbolos do desenvolvimento pastoril da região, passando a designar, com o tempo, a fazenda, a capela, o povoado, a vila, e, conseqüentemente, o próprio município. Os currais que deram nome ao município funcionaram até 1790, também com feiras de gado e vaquejadas – disputas de corridas entre vaqueiros, o divertimento rural dos finais de semana (CURRAIS NOVOS, 2017).

Nascido às 9:15 do dia 16 de janeiro de 1997, filho mais novo de José Jobson da Silva e Ilane Kênia Dantas (separados desde 2013), neto paterno de Valdenira Maria da Silva, e, neto materno de José Arlindo Dantas e Iracema Izaura Dantas, eu, Leyvison Gabriel Dantas Silva fui finalmente apresentado às alegrias e percalços deste mundo. O enlaçamento do cordão umbilical no pescoço já era sinal de que as coisas não seriam fáceis, como realmente não foram, não são e não serão. Como a proposta deste memorial é trazer

aspectos da escolarização no âmbito familiar, me deterei à sua análise, bem como centralizarei esse movimento de autoconhecimento e reconhecimento de minha história em momentos que puderam ser relatados pelos meus familiares e rememorados por mim.

Nascida em 1949, minha avó paterna viveu grande parte da infância no município de São Tomé-RN. Residente na roça, não pôde ter nenhuma oportunidade de educação básica. O contexto histórico era totalmente desfavorável. De família pobre, tinha que se engajar nos trabalhos braçais e do lar. Mudou-se inúmeras vezes até o nascimento do meu pai, seu segundo filho em 1964. Por precisar estar em constante movimento à procura de melhores oportunidades de vida passou longos períodos por Natal-RN, São Paulo-SP quando, finalmente, estabilizou-se em Uberlândia-MG. Meu pai teve que acompanhar toda essa busca por oportunidades favoráveis. Com isso, não pôde aprofundar-se nos estudos, tão menos construir relações duradouras com outras pessoas. Mesmo com as dificuldades relatadas, meu pai conseguiu chegar a ingressar numa escola. Com o Ensino Fundamental I incompleto, aprendeu a ler e escrever. Naquele contexto social em meados dos anos 80, com a Ditadura Militar (1964-1985) instalada no Brasil, aprender a ler e escrever já era grande coisa. Dedicando-se a outras atividades, pôde encontrar na eletrônica uma oportunidade de sobrevivência que o mantém até os dias de hoje.

Meus avós maternos enfrentaram os mesmos problemas sociais e políticos evidenciados por pessoas que viveram naquele contexto, como as secas no Nordeste, as condições desfavoráveis à educação, etc. Nascidos em 1940 (avô materna) e 1944 (avô materno), em pleno período da 2ª Guerra Mundial (1939-1945) nas cidades de Campo Redondo-RN e Cerro Corá-RN, respectivamente, Iracema e Dedé – como é popularmente conhecido – casaram-se e constituíram uma

vida na cidade de Currais Novos-RN. Dedicado ao comércio, José Arlindo achou na culinária uma oportunidade de sustentar a esposa e, futuramente, seus quatro filhos. Por outro lado, minha avó ficou conhecida na cidade pela atividade de manicure, o que lhe rende elogios até os dias de hoje. Com o nascimento de seu primeiro filho, e meu tio, Paulo em 1969 e de minha mãe, Ilane, em 1974 era chegada a hora de pensar em oportunizar a educação aos filhos. Alfabetizados de modo que apenas sabem ler e escrever, queriam que tivessem outras oportunidades. Assim, com muito esforço, proporcionaram - É pertinente afirmar que todos os filhos tiveram igual acesso à educação - o estudo dos dois primeiros filhos no Educandário Jesus Menino (Currais Novos-RN), colégio católico de bastante influência e renome até os dias de hoje naquele município.

Apesar de conceber a chance de chegar a níveis escolares antes não atingidos por nenhum deles, tão menos de seus pais, avós e bisavós, nenhum dos quatro filhos chegou ao Ensino Superior. Quem chegou mais perto foi minha amada mãe. Depois de casar com meu pai e cuidar de mim e minha irmã, nascida em 1990, encontrou a necessidade de concluir o Ensino Médio. Conseguiu com esforço e muita dedicação. Parou aí. Dedicou-se a outras atividades autônomas para ajudar no sustento dentro de casa.

## DO JARDIM DE INFÂNCIA À UNIVERSIDADE

É a partir da contextualização exposta anteriormente que apontarei os momentos marcantes que me levaram ao acesso à educação.

Conforme detalhado, mesmo que de forma breve, no início deste memorial, me apresentarei de forma mais concisa e objetiva. Me chamo Leyvison Gabriel Dantas Silva, tenho 24 anos (16/01/1997) e nasci na cidade de Currais Novos-RN. Apesar de nascido na terra da Scheelita, minha família residia

em Natal. Assim, após meu nascimento, fomos imediatamente para a capital do Estado.

Mesmo sendo filho de pais com o Ensino Fundamental I incompleto e Ensino Médio completo, sempre houve uma grande preocupação e incentivo aos estudos.



Em 2001 tive o primeiro contato com a educação formal. A escola se chamava Centro de Ensino Operacional, localizado na Zona Norte de Natal-RN. Lá estudei do Ensino Infantil à 2ª série do Ensino Fundamental I. Recordo que em 2005 (com 8 anos de idade) meu pai estava sem trabalhar de carteira assinada. Vivendo dos famosos “bicos”, as mensalidades da escola tornaram-se um peso no orçamento da família

composta por eu, meu pai, minha mãe, e minha irmã. Pelo que posso me lembrar, a escola possuía uma boa infraestrutura. Salas amplas, sala de informática, quadra poliesportiva, pátio espaçoso, piscinas para a prática da natação e momentos de lazer, etc. Além de ter um bom ensino e professores dedicados.

Com o aumento do valor das mensalidades nessa escola, fomos obrigados a procurar outra que coubesse no orçamento da família. Com meu pai ainda desempregado e trabalhando como eletricitista de forma autônoma, resolvemos por pesquisar uma instituição com valores mais em conta, e que fosse relativamente perto de onde morava. Depois de pesquisar e por indicação de pessoas próximas, encontramos uma escola que ficava a cerca de 15 minutos de casa: a Escola Alegria &

Saber, localizada na Av. Maranguape, no bairro de N.S. da Apresentação, Zona Norte de Natal. Lá, conclui o Ensino Fundamental I (da 2ª a 5ª série). Era uma escola com estrutura limitada e que precisava de muitas adaptações. Entretanto, tinha mensalidades mais em conta.

Confesso que não carrego boas lembranças da educação oferecida na última escola citada. Há quem diga que o aluno que quer estudar o faz independentemente de onde estuda – foi com essa justificativa que, posteriormente, meus pais me matriculariam numa escola pública -, mas a falta de comprometimento da equipe escolar e de alguns professores era notória. Esses fatos não influenciaram no meu desenvolvimento cognitivo. Sempre fui estimulado a estudar e quando chegava da escola ia imediatamente resolver as atividades encaminhadas pelos professores. O estudo era um dos meios de conseguir presentes prometidos pelos meus pais no fim do ano, até que pudesse perceber a necessidade e a importância da educação em minha vida.



Depois de quatro anos, fui matriculado na Escola Estadual Jerônimo Gueiros, localizada no Barro Vermelho, no centro de Natal. Minha primeira

experiência com a escola pública foi marcante. Cercado de preconceitos direcionado às instituições públicas, confesso que minha passagem por lá foi extremamente acima de qualquer expectativa. Obviamente que, diferentemente das escolas particulares, alguns aspectos deixavam a desejar. A escola era

espaçosa, com bons professores e uma equipe pedagógica interessada em dar seu melhor na contribuição para que houvesse melhorias no contexto escolar. Por se localizar praticamente do outro lado da cidade, era necessário acordar às 4:50 da manhã todos os dias para pegar o ônibus coletivo que passava às 5:40. O deslocamento levava de 40 minutos a uma hora, dependendo de como o trânsito estava.

Lá pude perceber como deveria me portar e como as relações sociais são caras para o nosso desenvolvimento pessoal, profissional e cognitivo. Particpei de movimentos importantes. Lá fui eleito pela primeira vez líder de turma e ficava encarregado de discutir alguns assuntos de relevância para meus colegas. Particpei de projetos como o Mais Educação, por exemplo. Fui representante da escola no Soletrando depois de passar por eliminatórias. Não hesito em afirmar que foi um momento muito precioso da minha formação educativa.

Do 6º ao 9º ano me envolvi emocionalmente e criei afeto por professores e funcionários que mantenho contato até os dias de hoje. Graças à excelência da instituição e ao meu empenho em 2011 fiz o PROITEC (processo para ingresso no IFRN) e fui aprovado, no fim daquele ano, em 13º lugar no curso técnico integrado de Informática no Campus da Zona Norte (IFRN).



Em 2012 ingressei no IFRN – Campus Natal Zona Norte. Diferente de todas as outras instituições por onde passei, por se tratar de um espaço que prioriza as várias áreas da cognição humana e oferecer atividades esportivas de modo

satisfatório, a experiência foi divisora de águas em minha vida. Para alguém que vinha de uma escola pública limitada, aquele lugar parecia o céu. Como de fato era. Com duração de 4 anos e carga horária de 4.040 horas, o ensino técnico disponibilizava componentes curriculares direcionados a área da informática.

O PPP (Projeto Político Pedagógico) do curso, datado de 2011, tem como objetivo:

O curso técnico em Informática, ao integrar ensino médio e formação técnica, visa propiciar uma formação humana e integral em que o objetivo profissionalizante não tenha uma finalidade em si, nem seja orientado pelos interesses do mercado de trabalho, mas se constitui em uma possibilidade para a construção dos projetos de vida dos estudantes (Frigotto, Ciavatta e Ramos, 2005).

Com a finalidade de propiciar o ensino técnico e a inserção no mercado de trabalho, o curso técnico em informática também se preocupa demasiadamente em oferecer uma visão crítica para que os alunos percebam a necessidade de atuação na sociedade.

É importante lembrar que o plano de expansão dos Institutos Federais foi concretizado a partir de 2005, na transição entre o 1º e 2º mandato do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. A proposta de levar uma educação de qualidade àqueles que estavam nas margens da sociedade funcionou e até os dias de hoje rende bons índices de avaliação.

O Ministério da Educação, em seu site, reitera:

O Ministério da Educação, por meio de sua Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec/MEC), criou no final de 2005, o Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional. O objetivo foi ampliar a presença destas instituições em todo o território nacional. Esse processo de expansão das instituições federais de

educação profissional e tecnológica iniciou-se quando o governo federal revogou, por meio da Lei nº 11.195, de 18 de Novembro de 2005, a proibição de criação de novas unidades de ensino profissional federais prevista no § 5º do Art. 3º da Lei nº 8.948, de 8 de dezembro de 1994. Distribuição das instituições federais de educação profissional e tecnológica O projeto buscou melhorar a distribuição espacial e cobertura das instituições de ensino e, conseqüentemente, ampliar o acesso da população à Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no país (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO).

Diante desse cenário, alguns problemas familiares impossibilitaram minha permanência em Natal, e, conseqüentemente, no Instituto Federal do Rio Grande do Norte. Destaco aqui a excelência dos servidores federais que foram extremamente atenciosos e dedicados à minha causa e de minha mãe. A assistente social, pedagoga e psicóloga foram empáticas à minha situação e em pouco tempo buscaram resolver meu caso. Por ser um caso delicado, não me sinto confortável em relatá-lo aqui.

Depois de todo o processo interno na instituição com o pedido de transferência, em meados de janeiro de 2013 chegamos à sua culminância. Transferido para o campus de Currais Novos-RN, enfrentei as dificuldades iniciais de adaptação ao ambiente e a novas pessoas. Felizmente fui rapidamente inserido na rotina da instituição com o apoio do Diretor Acadêmico,

dos professores e de meus colegas de classe.

Confesso que a adaptação se tornou absurdamente mais fácil



com a ajuda das pessoas em minha volta. Mesmo tendo chegado depois, fui abraçado de uma forma que jamais haverei de esquecer. Além do mais, nossa turma se uniu e mantém contato até os dias de hoje através dos meios sociais como o WhatsApp, Instagram, Facebook, Telegram, etc. Somos de uma geração que viveu essa transição dos meios analógicos para os tecnológicos.



Prometendo cumprir um ensino de qualidade, o IFRN é o ponto mais significativo de minha caminhada acadêmica. Lá convivi com pessoas de diferentes visões religiosas, políticas e morais. Entretanto, o respeito sempre foi

presente na instituição. Carrego e guardo em meu coração com muito carinho as lembranças vividas naquele lugar.



Com a mudança para a cidade de Currais Novos-RN, me aproximei de grupos de oração jovem e passei participar de movimentos católicos. A partir da inserção no meio religioso - após concluir o Ensino Médio em 2015 - ingressei no Seminário da Diocese de Caicó - RN para o discernimento vocacional acerca do sacerdócio. Com isso, tive que prestar ENEM para o curso de Filosofia, necessário para dar continuidade ao caminho de

discernimento vocacional. Com a aprovação, ingressei na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN Campus Caicó, em agosto de 2016.

Cursando Filosofia no campus mencionado, pude ter uma visão ampla de dimensões antes limitadas pelo preconceito e desconhecimento. Questões metafísicas, políticas e empiristas, por exemplo, tornaram-se cada vez mais presentes em minha vida. Considero também um momento de divisão de águas em minha formação pessoal. Chamado a encarar a realidade das escolas públicas, perceber seus problemas e seus potenciais, ingressei no PIBITI (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação) em agosto de 2018 fazendo planejamentos, identificando problemas e possíveis resoluções para o ensino da Filosofia no Ensino Médio. Além disso, os momentos de estágio, proporcionaram o contato com a comunidade de alunos da Escola Estadual Professora Calpúrnia Caldas de Amorim (EECCAM), demonstrando a realidade educacional existente.

Foi através do curso de Filosofia que pude perceber os elementos existentes na nossa sociedade. Não apenas perceber, de modo passivo, mas me incluir nos problemas e propor soluções. A humanização dos funcionários e o acompanhamento dos professores da UERN (Campus Caicó-RN) com os alunos ajudou a despertar em mim as qualidades e o desejo de seguir na docência.

## **FINALMENTE...**

Após a conclusão da graduação em licenciatura (Filosofia) encontrei na Pedagogia uma oportunidade de ampliar as possibilidades de procura por emprego e realização de concursos. Com 3 meses de aulas decorridos, posso dizer que o curso está se apresentando, desde já, como satisfatório para todas as dimensões de minha vida. Além disso, a sensação

de revisita da nossa história de modo pausado nos coloca diante de diversos paradigmas educacionais e de comparações com as metodologias de ensino utilizadas na contemporaneidade.

Atento, brevemente, para a expansão das novas tecnologias em todos os âmbitos da sociedade. Vinte anos atrás ouvíamos falar de robôs e “engenhocas”. Há algum tempo são palpáveis e têm grande participação no processo de ensino-aprendizagem, tanto nas instituições de níveis iniciais, quanto nas grandes universidades do país. Porém, este não é o momento de discutirmos acerca da referida questão.

No geral, agradeço a professora Maria Aparecida pela oportunidade de visitar minha história através de imagens e outros tipos de registros. A sensação gostosa da nostalgia, de saber que viveu bem apesar das dificuldades, preencheu meu coração e me deu ânimo para seguir em frente. Mesmo depois de relutarmos pelo fato de ser um método avaliativo novo, os resultados foram muito proveitosos.

## REFERÊNCIAS

- Currais Novos (RN).** Prefeitura. 2017. Disponível em: <http://prefeituracurraisnovos.com.br/p/currais-novos>. Acesso em: 19 ago. 2021.
- FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. **A política de educação profissional no governo Lula: um percurso histórico controvertido.** Educ. Soc., v. 26, n. 92, Campinas, 2005.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Expansão da Rede Federal. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec-programas-e-aco/es/expansao-da-rede-federal>. Acesso em: 21 ago, 2021.

## MINHA EDUCAÇÃO DESDE OS PRIMÓDIOS

Weslânia Menezes de Melo

### RESUMO DA MINHA VIDA (FAMÍLIA, VIDA ACADÊMICA)

Meu nome é Weslânia Menezes de Melo, filha da dona de casa Maria Sueli de Menezes e do “quebrador de pedra” José Melo de Araújo. Nasci no ano de 1999 e entrei na escola muito nova, não sei com qual idade, só sei que era muito novinha, da zona urbana da cidade de Caicó. No ano de 2006 meus pais resolveram se mudar para a zona rural, Sítio Brabo, município de Caicó. Com isso, fui matriculada na 1ª série do fundamental I da escola municipal do Sítio Brabo. Assim que conclui o fundamental I, fui cursar o fundamental II em uma escola municipal da cidade de Jardim do Seridó. Concluindo o ensino fundamental, cursei meu Ensino Médio no IFRN Campus Caicó. No ano de 2016 quando eu estava no 3º ano do ensino médio meus pais faleceram, a partir disso, eu e meus irmãos saímos do Sítio Brabo e fomos morar no Sítio Barra da Espingarda, que fica também no município de Caicó. Conclui o Ensino Médio e fiquei um ano em casa estudando para o Enem, depois passei um tempo estudando para concursos. Atualmente sou funcionária pública da prefeitura de Jardim do Seridó e entrei na faculdade no ano de 2021. Sempre fui estudante de escola pública. Meu memorial será um pouco vago em relação a educação que meus familiares tiveram acesso, pois só tenho contato com minha avó materna e meus pais não estão mais aqui para contar sua história, mas como meus pais faziam comentários quando eram vivos, vou tentar me recordar para mostrar um pouco. Nunca tinha parado para analisar minha trajetória acadêmica e enxerguei nesse memorial a

oportunidade de recordar e refletir como era a educação a partir dos meus avós até os dias de hoje.

## **MINHA AVÓ E SUA EDUCAÇÃO**

Consegui falar apenas com minha avó materna Maria do Carmo de Menezes, nasceu no ano de 1956 e começou a estudar com 13 anos de idade, mas ela não lembra muito. Comentou que estudou até a 3ª série do ensino fundamental I, mas não sabe ler e só aprendeu a escrever seu próprio nome. Minha avó falou que naquela época o povo não ligava de estudar. A escola não era valorizada e a prioridade era o trabalho.

## **MEUS PAIS E A EDUCAÇÃO**

Como eles já faleceram, dificulta e deixa muito a desejar o acesso as informações sobre a educação formal que eles tiveram. Do meu pai eu não me recordo dele falando algo sobre sua educação formal, o que sei é que naquela época era muito difícil o acesso à escola, principalmente para ele que morava na zona rural, sem falar que a escola era elitizada. Sei que ele não concluiu o ensino fundamental, mas era alfabetizado, com isso sua educação foi predominantemente informal, a qual foi muito conservadora e tradicional. Serviu o exército brasileiro, lá aprendeu várias coisas, lembro que ele sempre fazia comentários sobre o tempo que passou servindo. Mas como não resolveu progredir nos estudos devido as dificuldades existentes, ele precisava trabalhar para se manter e ajudar seu pai. Casou muito novo com minha mãe e teve que trabalhar em serviços braçais para sustentar a família. Ele quebrava pedra para fazer cal, um trabalho bastante desgastante, cansativo, perigoso e que exigia muita força física, e foi com essa profissão que ele nos sustentou (eu, minha mãe e

meus irmãos) até o fim de sua vida. Por mais que ele não tivesse tido acesso à escola, seu trabalho exigia de muito conhecimento e ele era um dos melhores profissionais nessa área.

Minha mãe, diferente do meu pai, morava na Zona Urbana, ela sempre falava da educação formal que ela teve, mas eu não me lembro como era, sei que ela frequentou a escola e gostava muito de estudar. Sempre foi uma pessoa muito esforçada e dedicada. Mas como era muito humilde - pois minha avó lavava roupa para conseguir o sustento e meu avô era cadeirante - ela precisava trabalhar com faxinas, ajudava minha avó com a lavagem das roupas e fazia outras tarefas para conseguir dinheiro para se manter e ajudar os pais.

Então devido às condições financeiras, ela tinha que escolher entre trabalhar ou estudar. Foi mãe muito nova do meu irmão mais velho. A partir disso não teve mais como dar continuidade aos estudos, devido ter que se dedicar as tarefas domésticas, aos filhos e ao marido. Sua educação informal também era bastante conservadora e tradicional. Ela gostava muito de ler. Como era muito apaixonada por estudar, resolveu retornar aos estudos, através do EJA. No sítio que morávamos no município de Jardim do Seridó chegou o projeto com a educação EJA, onde a professora da escola do sítio ministrava essas aulas para os adultos da comunidade que tinham interesse em dar essa continuidade, então minha mãe se matriculou e era muito feliz, e dedicada na continuação dos estudos. Meu pai não apoiava muito, mas mesmo assim ela não deixava de ir. Mas infelizmente ela chegou ao fim de sua vida muito nova.

Resumindo: Meus pais quase não tiveram uma educação formal pois a escola era muito difícil e era elitizada, então receberam uma educação predominantemente informal bastante conservadora e tradicional, mas ambos tinham muitos conhecimentos e passaram muitos ensinamentos para mim e

meus irmãos. Sempre nos incentivaram a estudar e faziam de tudo para que a gente frequentasse a escola. Minha mãe sempre foi muito participativa nas reuniões de pais e mestres nas escolas, pois gostava de saber como andava nosso comportamento e desempenho nas salas de aula. Quando tirávamos notas baixas éramos repreendidos por eles, pois eles deixavam bem claro que os estudos era uma forma de sairmos da baixa renda e por isso incentivaram e valorizavam muito, pois não queriam que tivéssemos a mesma vida de dificuldades que eles tinham.

## MINHA EDUCAÇÃO INFORMAL E NÃO-FORMAL

Como meus pais receberam uma educação bastante conservadora e machista, na minha casa não foi diferente, logo, cresci vendo meus irmãos tendo liberdade para se divertir e eu e minha irmã precisávamos nos proteger e nos resguardar para um homem ideal. Cresci vendo que tarefas domésticas são tarefas para mulheres e que eu precisava casar e servir o marido para não ficar “pra titia”. Cresci me sentindo feia por ter cabelos cacheados e pele escura, pois o ideal de beleza era branco do olho azul com cabelos lisos, mas tirando essa parte ruim da educação conservadora, recebi muitos ensinamentos bons dos meus pais que serviram para minha vida, eles me ensinaram a ser forte, a saber se virar sozinha, ser uma pessoa responsável e uma cidadã de bem. Recebi muito conhecimento de mundo, muitas experiências de vida. Frequentei grupos de jovens da igreja católica, onde aprendi muitas coisas também. No sítio que eu morava, a professora da escola da comunidade desenvolveu um grupo de teatro, onde reuniu os jovens da comunidade para fazer uma peça chamada Casamento Matuto, foi uma experiência bastante produtiva.

## MINHA PRIMEIRA ESCOLA (ALFABETIZAÇÃO)

Minha primeira escola foi na zona urbana na cidade de Caicó. Não me recordo muito bem sobre como era, pois eu era muito novinha. O que lembro é que recebia reforço escolar, pois não sabia escrever e nem ler muito bem. Fui morar na Zona Rural do município de Caicó, lá fui matriculada na escola da comunidade e é a partir dessa escola que vou começar minha trajetória escolar, já que não me recordo muito desse meu primeiro contato com a escola.



## ENSINO FUNDAMENTAL I

Iniciei meu fundamental I na Escola Municipal Miguel Arcanjo Pereira que fica localizada no Sítio Brabo, município de Jardim do Seridó. Essa escola ficava um pouco distante da minha casa, então eu ia a pé. Em relação a estrutura do ambiente, tinha apenas uma sala de aula para todas as turmas (alfabetização, 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série) e era apenas uma professora (tinha o curso de magistério) para ensinar todos os alunos. A professora organizava a sala e dividia o tempo para cada turma. Ela morava na comunidade, então conhecia todos e era uma professora muito boa que se preocupava com a aprendizagem dos alunos e tentava oferecer uma educação básica de qualidade. Não passava alunos sem saber ler, sem saber escrever maiúscula e minúscula e aprender a tabuada.

Ela sempre buscava nos preparar muito bem para chegar no fundamental II sem sentir tanta dificuldade. A mesma procurava ofertar um pouco de tudo em sua metodologia de ensino, desde a aprendizagem dentro das salas de aula até aulas de campo, interação com a natureza, fazíamos hortas.

Não existia uma biblioteca física e nem um laboratório de informática, ou seja, não tive acesso ao mundo tecnológico em minha educação básica. Então aproveitávamos muito as brincadeiras, usávamos nossa criatividade desenvolvendo brinquedos com os recursos que tínhamos, já que não tínhamos condições de comprar brinquedos já feitos, a interação com as outras crianças eram bastante valorizadas e ainda tive a oportunidade de desfrutar do cheiro delicioso do mimeógrafo.



## ENSINO FUNDAMENTAL II

Meu ensino fundamental foi ofertado na zona urbana na Escola Municipal Prof<sup>a</sup> Maria de Lourdes Medeiros Cunha, localizada na periferia da cidade de Jardim do Seridó. O trajeto para chegar à escola era por meio do ônibus escolar que vinha de Jardim do Seridó buscar os alunos da zona rural. A parada do ônibus era um pouco distante da minha casa, então eu tinha que ir a pé até a parada. A escola tinha uma boa estrutura e tinha professores muito bons que contribuíram bastante no meu progresso acadêmico. A escola tinha uma quadra enorme e um campo de futebol para as aulas de educação física.

Tinha laboratório de informática, onde tive meu primeiro contato com a internet, computadores. Também tinha uma biblioteca que ofertava bastante livros. A metodologia dos professores era muito boa, fazíamos peças teatrais, feirinha de ciências para exposição de conhecimentos, visitava os trabalhos dos alunos de outras escolas da cidade. No 9º ano tive a oportunidade de fazer o processo seletivo do IFRN, a escola ofertou um cursinho preparatório para os alunos que fossem fazer a prova e a prefeitura mandou um ônibus para que levasse a gente no dia da prova. Fui aprovada e meus pais ficaram muito felizes e orgulhosos.



## MEU ENSINO MÉDIO

Meu ensino médio foi no IFRN Campus Caicó. No início não foi nada fácil, mas meus pais faziam de tudo para termos acesso a uma boa educação e já que eu tinha passado juntamente com meu irmão, eles não queriam que tivéssemos que desistir por falta de dinheiro para pagar o transporte. O transporte para ir para o IFRN era particular, pois a prefeitura de Jardim do Seridó e a de Caicó não permitia que o ônibus escolar fizesse a linha para o IFRN por ser uma escola federal, então enfrentamos muitas dificuldades até conseguir o auxílio transporte. Depois do auxílio começamos a andar no carro particular que vinha da cidade de Jardim do Seridó com os alunos do IFRN e passava na pista onde íamos esperar esse carro. Minha casa era uns 3km distante da pista, então andávamos tudo isso a pé para pegar o carro e ir para o IFRN. Depois de algumas lutas, a prefeitura de Caicó autorizou os alunos do IFRN a andar no ônibus escolar que transportava os alunos da zona rural para as escolas estaduais e municipais da cidade de Caicó. O que facilitou muito, pois paramos de pagar transporte.

A educação federal é uma educação de ótima qualidade, com uma estrutura incrível, com professores mestres e doutores em sua área de ensino, e uma assistência muito grande ao aluno, psicólogos, dentistas, médicos, psicopedagogas, laboratórios para aulas práticas, piscina para aulas de natação, ginásio esportivo, campo de futebol, uma biblioteca com uma estrutura ótima, auxílios e bolsas para que alunos de baixa renda possam dar continuidade nos estudos, sem desistir por falta de condições financeiras. A educação que recebi do IFRN abriu muitas portas na minha vida acadêmica, me tornei uma pessoa muito sensata e desconstruí muitos pensamentos arcaicos, preconceituosos e conservadores que eu tinha, me reconstruí. Meu ensino médio foi muito rico, e foi

uma oportunidade de educação que infelizmente nem toda pessoa de baixa renda tem acesso. Percebo a diferença da mente pequena que entrei no IFRN e a mente grande que sai. Vestir aquela farda era sinônimo de orgulho, tanto para mim quanto para minha família. Fazer parte daquela instituição me fazia se sentir alguém, numa sociedade que pobre não tem vez.



## EU E MINHA FACULDADE

Concluí o ensino médio em 2018, mas não entrei de imediato na faculdade. Estudei para o ENEM, através de cursinho online, na plataforma do Descomplica. Nesse cursinho tinha professores maravilhosos que me trouxeram muitos conhecimentos. Foi através desse cursinho que tive o primeiro contato com o EAD e adorei a experiência. Entrei em 2021 na faculdade de pedagogia na UFRN, novamente estou em um ensino público federal. Não entrei nesse curso porque era um sonho, um desejo, coloquei minha nota para ver se passava e, como passei, resolvi cursar.

## CONCLUSÃO

Percebi nesse memorial que a transformação da educação ocorre a cada geração, percebi melhorias no ensino, nas estruturas das escolas, na facilidade ao acesso à escola, na valorização da educação a cada geração, mas também percebi a partir de todas as dificuldades que enfrentei e enfrento na trajetória escolar, o quanto o Brasil ainda precisa melhorar, o caminho ainda é longo para chegar ao conceito de meritocracia dentro da educação. A constituição fala que educação é para todos, mas nem todos tem acesso. Os avanços que já ocorreram na educação brasileira são nítidos, basta olhar como era no tempo dos nossos avós antigamente e como está atualmente, mas mesmo diante de todos esses avanços, a luta por uma educação de qualidade para todos não pode parar. Eu tive acesso a uma educação de qualidade no meu ensino médio, mas eu só não desisti por causa dos auxílios financeiros que o governo oferece. Então, falar de meritocracia e afirmar que a educação é para todos, no Brasil, ainda são assuntos que estão somente na teoria, é preciso muita luta ainda, para começar a colocá-los em prática. Em qual geração a educação de qualidade será ofertada para todos? Finalizo meu memorial com esse questionamento.

## MEMORIAL ACADÊMICO

Anaiza Queiroz de Oliveira

### MINHA HISTÓRIA

Meu nome é Anaíza Queiroz de Oliveira, nasci em 10 de agosto de 1992 na cidade de Jucurutu/RN. Tenho 29 anos, me casei aos 26, com Antônio Wlisses de Araújo e, vou contar um pouco de minha trajetória escolar e profissional em relação à educação.

Passei minha infância e adolescência morando no Sítio Santa Clara localizado no município de São Fernando. Minha família é composta por oito integrantes. Meu pai Alcimar Faustino de Queiroz (filho de José Faustino e Geralda Elina) e minha mãe Constância Maria de Oliveira Queiroz (filha de Aderbal e Maria Constância). Irmãos: Josemar Faustino de Oliveira (33 anos), irmãs gêmeas: Cláudia Queiroz de Oliveira e Clédna Queiroz de Oliveira (ambas com 30 anos), Joabson Faustino de Oliveira (26 anos) e Anayane Faustino de Oliveira (25 anos). Assim sendo, meus avós paternos são: José Faustino de Queiroz e Geralda Elina de Queiroz. E maternos, Aderbal Faustino de Oliveira e Maria Constância de Queiroz.

Bisavós: Francisco Faustino de Queiroz conhecido popularmente por Chico Branco e Antônia Virgulina dos Santos (pais de José - meu avô paterno - e de vovó Maria - vó materna). Pais de vovó Geralda - Vicente Borges dos Santos e Mariana Queiroz da Silva. Pais de Aderbal - Francisco Faustino de Queiroz (Chico Preto) e Maria Severa de Oliveira. Não foram à escola.

Meus pais estudaram até a 3ª série. Sendo que meu pai não sabe ler e conhece somente algumas letras.

O início de minha trajetória escolar se deu primeiramente no Sítio Santa Clara. Comecei a estudar aos 6

anos de idade. Naquele tempo a professora era minha tia Rita, irmã de meu pai. Íamos pra escola a pé pois não era distante. A escola ficava localizada no próprio sítio. Quando voltávamos da escola para casa, passávamos por baixo de cercas de arames farpados, brincávamos embaixo das algarobas, e da tamarindo que tinha pertinho da escola. Brincávamos com sementes de Pereiro, por parecer uma galinha caipira e, outras brincadeiras infantis do momento.

Nossa pobreza era imensa. Lembro-me até hoje. Tudo era muito difícil. Só não passei fome na vida porque meu pai era muito trabalhador. Ele tinha seus seis filhos para criar e vivia da força de seus braços. Em tempos de chuvas, plantava milho, feijão, melancia, jerimum, batata e melão. Além de cuidar do gado. O feijão era suficiente para dar pra o ano todo. Até a chegada do novo inverno no sertão. Todas as noites tínhamos aquele ofício de desbulhar nosso sagrado feijão. E assim, eram nossas noites. Quando todos se juntavam para desbulhar e conversar.

Minha mãe criava galinha, porco e ovelha. E para nossa sorte, ela foi chamada para ser a merendeira da escola onde estudávamos. Trabalhou por 12 anos.

Concluí minha 4ª série em 2004. E fiquei sem estudar por dois anos. Pois fiquei esperando (por ordem de meu pai) meus outros irmãos Joabson, Claudia, Clédna e minhas primas Anyele e Jeane, concluírem a 4ª série para só então podermos passar à estudar na nova escola.

A partir da 5ª série/6º ano, passamos a estudar no Distrito Janúncio Afonso popularmente conhecido como comunidade Barra de Santana. Localizada no município de Jucurutu. Isto em 2007. Lembro-me com muito carinho desta fase. O trajeto até a escola era dificultoso por sermos extremamente carentes, e os transportes não eram de boa qualidade. A moto que meu pai nos levava, era muito velhinha e andava muito lentamente. Nossa união como colegas era

muito bonita. Sentir que valeu a pena a “espera”. Nossa ida a escola era em moto, carro ou carona e vez ou outra, voltávamos a pé. Estudamos na Escola Municipal Janúncio Afonso sendo o ensino oferecido até a 8ª série/9º ano.

Nas séries seguintes passamos a ir para Jucurutu. Localizávamos até a barra de moto ou carro e da barra até Jucurutu íamos no ônibus oferecido pela prefeitura. Passamos por muitas aventuras em tempos de chuva. Quando os riachos enchiam e ficávamos esperando o fluxo das águas baixar. Assim, nosso ensino médio foi concluído em 2013.

Minha trajetória na vida acadêmica iniciou-se em 2016, quando fui aprovada em Geografia/Licenciatura na UFRN – CERES – Caicó. Ingressei através do ENEM – Exame Nacional do Ensino médio, pela cota de Argumento de Inclusão Regional.

Durante o curso tive a oportunidade de participar de projetos muito importantes como: IEL Instituto Evaldo Lodi, e Residência Pedagógica em Geografia. Também fui estagiária na Estação climatológica do Seridó e no Laboratório LABESA – Laboratório de Ecologia do Semiárido.

Meus estágios obrigatórios foram realizados em parceria com o Residência pedagógica. Aconteceram na Escola Estadual Senador Dinarte de Medeiros Mariz, Escola Estadual Monsenhor Walfredo Gurgel, Escola Estadual Professor Antônio Aladim de Araújo, Escola Estadual Professora Calpúrnica Caldas de Amorim. E a colação de grau em 10 de março de 2020.

No primeiro semestre de 2020 iniciei o curso de Bacharelado em Geografia, também através da mesma modalidade. Cursei algumas disciplinas e tranquei.

Ao longo de todo o percurso acadêmico, desenvolvi crises de ansiedades muito fortes, por isso não dei continuidade ao bacharelado.

No mesmo ano comecei a trabalhar na Lindáry Lingerie, uma fábrica que confecciona calcinhas e cuecas. O novo ofício me fez desenvolver novas amizades e até amenizar

ou esquecer a ansiedade. Precisei deste tempo para me recompor.

Em 2021, iniciei o curso de Pedagogia. Dessa vez, pelo processo seletivo de ingresso extra vestibular. Decidi mudar pra esta área por ser considerada uma área mais abrangente. Também pelo motivo que convivi no IEL, a companhia das crianças.

Enfim, pretendo continuar no curso e posteriormente participar de novos projetos e desenvolver pesquisas em laboratórios. Tenho muitos sonhos para serem postos em pratica.

Enfim, em anexo seguem imagens referentes a minha trajetória pessoal e acadêmica.

## ANEXOS

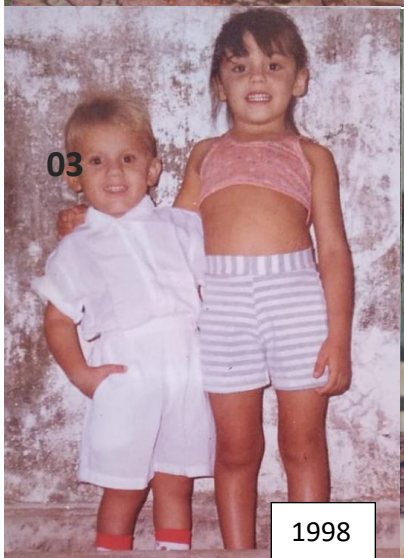




Figura 06. Escola Municipal Walfredo Gurgel – Projeto IEL (2018).

MEMORIAIS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIVERSAS  
Maria Aparecida Vieira de Melo; Joseane Maria dos Santos; Maria Clara Carneiro  
Câmara (Org.)



Figura 07. Escola Municipal Olívia Pereira Rodrigues – Projeto IEL (2017).



Figura 08. UFRN – CERES – Turma de Geografia (2018)



Figura 09. Esposo Antônio. Arquivo pessoal, Anaiza Queiroz.

## MEMORIAL EDUCACIONAL

Maria do Socorro Silva Barbosa

Pai: Pedro Gregório da Silva  
Mãe: Sebastiana Pereira da Silva  
Avós Paternos  
José Gregório da Silva  
Maria Romana da Silva  
Avós Maternos  
Luis Amancio Pereira  
Maria Joaquin da Conceição  
Bisavós: Sem conhecimento

Dos meus avós paternos, só conheci meu avô, minha a avó já havia falecido, sabendo que eles não tiveram a oportunidade de estudar, pois na época do coronelismo era só para trabalhar na agricultura.

Meus avós maternos, conheci somente minha avó, era descendente de índio, também não estudaram. Minha avó fala que meu avô não estudou, mas era uma pessoa muito sábia, era como se tivesse estudado, dava muito conselho aos filhos, explicando as coisas certas e erradas da vida, sempre ensinando a fazerem o bem, moravam em casa feita de barro, com muita dificuldade, em um sítio perto do açude Itans, era uma família de seis mulheres e quatro homens, todos trabalhando na roça e com a construção do açude Itans faziam cocadas para venderem aos trabalhadores, eram pequenos, mas já sabiam nadar. Quando estavam mais ou menos com nove anos, as mulheres iam trabalhar de doméstica só pela alimentação, não tinha direito a receber salário. Com o passar do tempo os filhos homens já rapazes foram embora para São Paulo, onde passaram quase um mês para chegar, viajaram de

pau de arara, onde fixaram morada, vinham só para visitar a família.

A educação dos meus pais para com os filhos era invejável, meu pai já é falecido, era analfabeto, mas uma pessoa calma, educada, nunca bateu em nenhum filho, e olha que não era fácil criar dez filhos em uma época tão miserável. Meu pai trabalhava na roça e minha mãe passava roupa nas casas dos ricos, minha irmã com apenas nove anos tinha que assumir uma responsabilidade de adulta para minha mãe trabalhar. Surgiu um emprego na algodoeira de Manoel Torres, mas só trabalhava na safra do algodão, as dificuldades foram surgindo e meu pai resolveu ir para São Paulo, um ano depois minha mãe foi com a gente deixando meu irmão mais velho, pois o mesmo já estava fazendo Engenharia Civil na UFRN.

A minha mãe era alfabetizada, ia para escola, mas não tinha como comprar livros e ficava lendo do colega da carteira da frente e a professora pedia para o colega emprestar para ela ler, e assim conseguiu concluir o primário. Lê, escreve e faz conta muito bem, com seus noventa e sete anos. Minha mãe sempre se preocupou muito com a nossa educação, não era fácil educar dez filhos em uma era tão ruim. O que nos ajudou foi que tinha um grupo chamado clube das mães, onde as mães pobres se reuniam toda semana, ganhavam roupas e alimentos vindo do exterior. Lembro que na nossa rua só tinha a gente de pobre, os outros moradores se achavam ricos, com a mudança de meu pai para outro estado conseguimos mudar de rua e aí foram melhorando.

Meus pais sempre muito preocupados com a nossa educação, estudava uns pela manhã, outros a tarde, sempre dividindo o lápis, a farda e as congas azuis, e assim todos conseguimos estudar. Em 1974 migramos a família toda para São Paulo, conseguimos ensinar nosso pai a assinar o nome dele. Apesar de uma família grande, nunca vimos nossos pais brigarem e assim levamos o exemplo deles, nunca brigamos.

A educação com meus filhos segue o mesmo exemplo dos meus pais, como nasceram em São Paulo, logo bebê já iam para escolinha para eu trabalhar, e dar uma boa educação, sempre fiz com muito prazer. Eles cresceram vendo os pais sempre estudando e, fazendo cursos, fizeram com eles vissem que só pela educação que conseguimos boas oportunidades na vida, e graças a Deus 3 filhos formados e sempre estudando para concursos. Lembrando que tenho três culturas diferentes: meu marido é gaúcho, meus filhos são paulistanos e eu potiguar, em julho de 2020 meu filho mais velho com quarenta e dois anos faleceu de um câncer no pâncreas. Em abril de 2015, tive um aneurisma cerebral, me recuperei sem sequelas, sempre fazendo o Enem para exercitar minha memória, em 2020 fiz um curso de secretariado escolar pelo IFRN, e agora resolvi fazer pedagogia.

## IMAGENS



E que apesar de toda dificuldade na nossa infância, sinto falta do gosto da felicidade de quando a gente ganhava uma roupa ou um sapato novo, tínhamos liberdade de viver, hoje temos tudo na hora que quisermos, mas não tem graça.



## REVIVENDO UMA TRAJETÓRIA ESCOLAR

Iohany Carollayne Lira de Morais

### TRAJETÓRIA DE VIDA

Eu, Iohany Carollayne Lira de Morais nasci no dia três de novembro de dois mil na cidade de Currais Novos no Estado do Rio Grande do Norte. Nesta época meu pai era barbeiro, onde executava seu ofício na casa de seus pais (Figura 1.). Muito arteiro, mas sempre foi muito querido entre os cinco irmãos. Minha mãe nasceu e se criou no interior. Trabalhando arduamente com seus sete irmãos no roçado, com os auxílios do meu avô, Paulo Alexandre, dado que não tinham tempo para estudar, tiveram que abandonar os estudos e se dedicarem ao cultivo, o que fez consequentemente a sua minoria até hoje analfabeta.



Figura 1 -  
Primeiro salão

Posteriormente, minha mãe passou a trabalhar como pipoqueira em uma padaria para auxiliar nas despesas de casa. Meu pai concluiu o ensino médio e minha mãe só tinha estudado até a nona série do ensino fundamental.

Meus pais se conheceram na escola e começaram a namorar. Pouco tempo depois eu nasci e dois anos após meu nascimento veio minha irmã. Durante minha infância, até aos 7 anos, morei em um sítio chamado sítio cachoeira, onde

enfrentamos muitas dificuldades, mas que foram superadas com os auxílios dos meus avôs paternos e maternos, figuras bastante presentes em toda a minha infância. Além de tudo, eles continuam vivos em minha memória. Quando completei 8 anos fomos, no ano de 2008, fomos morar na zona urbana, mais precisamente no bairro Silvio Bezerra.

## EDUCAÇÃO INFANTIL

Tudo começou na creche O Mundo da Criança, onde iniciei meus primeiros contatos com a escola. Fiz diversos amigos que estiveram presentes comigo no ensino fundamental e médio.

Lembro-me das festinhas de juninas, natalinas e as aulas em campo, com o intuito de explorar o mundo e adquirir mais conhecimentos (Figura 2). Essa escola era próxima de casa, minhas professoras eram todas adoráveis. A escola era enorme, com inúmeras salas de aulas, cozinha e banheiros.



*Figura 2 - Aula em campo*

Um fato que me marcou foi o processo de desenvolvimento da leitura e escrita, lembro-me das tardes que minha mãe e eu passávamos juntas, ela ensinando-me a realizar pequenas leituras e me auxiliando nas atividades de casa que as professoras passavam. Diante disso, esses momentos marcaram minha infância.

## ENSINO FUNDAMENTAL – 1ª A 4ª SÉRIE

Ano de 2007. Chegou a hora de recomeçar, minha mãe fez minha matrícula na Escola Municipal Prof.<sup>a</sup> Trindade Campelo, onde iniciei a 1ª até a 9ª série. A escola era grande e espaçosa, com diversas salas, banheiros, um pátio enorme para brincarmos e biblioteca.

No primeiro ano pouca coisa me lembro, a não ser o fardamento vermelho e branco, mas lembro perfeitamente que a professora, Andréa Cristina, era carinhosa e atenciosa com seus alunos. Sempre inovando em seus métodos e super compreensiva com seus pequenos (Figura 3).



*Figura 3- A esquerda minha irmã, no meio minha professora e na direita eu*

## ENSINO FUNDAMENTAL – 5ª A 9ª SÉRIE

Sempre fui muito dedicada aos estudos e sempre obtive notas ótimas. Confesso que não gostava tanto da professora de português, pois era muito exigente e rígida e nos forçava a ler

livros de leitura complicada, mas hoje sou imensamente grata pelo incentivo que me fez tomar gosto pela leitura.

Tenho lembranças muito boas desse período, entre elas estão meus colegas de classe, Ayslla, Ana Beatriz, Francielza, Gleyce, Isabelle, Isabely, José Carlos, Kleylton, Maria Eduarda, Maria Nathalia, Samuel, Yasmin, entre outros, lembro bem deles porque estudamos juntos desde a primeira série até concluirmos o ensino fundamental, sempre na mesma classe.

## ENSINO MÉDIO

Em 2017, iniciei o ensino médio na Escola Estadual Capitão Mor Galvão e me formei na mesma. Como era uma jovem sonhadora, de início queria me formar em pedagogia, sonho esse que foi destruído pelos meus pais, pois tinham a ideologia de que professor era mal remunerado, sonho este que foi substituído pela profissão de psicologia, visto que naquela época a irmã de minha mãe passou a morar conosco em razão de sua condição, esquizofrênica, o que tornou nossas vidas complicadas, dado que minha mãe passou a ser curatela de minha tia e desde então sua vida se torna sobrecarregada com internações e medicamentos, o que acometeu na perda de boa parte do desenvolvimento educacional de suas filhas nas escolas.

Na primeira série eu e meu novo grupo de amigas, Maria Eduarda, Júlia, Odaisa e Deyse éramos queridas pelos professores, sempre as primeiras da sala e inseparáveis. Nessa nova escola, vivi muitas coisas importantes da minha vida, fiz novas amizades, tive professores que me fizeram rever minha primeira opção de curso e surgiu em mim a vontade de me tornar aquilo que sempre fui tão encantada, ser pedagoga.

Na segunda série novamente tive meus sonhos cortados pelas raízes me fazendo voltar para a estaca 0. Decidi seguir a profissão em biologia, influenciada pela minha professora

Sanny e Rawilson, ótimos profissionais que me deixaram interessada pela área.

Em 2018, já na terceira série, com o Enem se aproximando e sendo uma das primeiras da turma, muita pressão surgiu sobre mim, o que me fez conseguir uma bolsa de estudo em um curso preparatório, mas infelizmente não consegui ingressar na faculdade que almejava, uma vez que tive que acompanhar minha mãe nas internações de minha tia.

De outro modo, com a contribuição da minha madrinha que mudou a concepção dos meus pais sobre o curso de pedagogia, pude novamente sonhar em cursar essa profissão maravilhosa.

## GRADUAÇÃO

Ingressei em agosto de 2021, no curso de Licenciatura em Pedagogia na UFRN, em Caicó e sinto-me imensamente grata por finalmente conseguir fazer algo que sempre almejei. E para finalizar esse memorial quero expressar a minha admiração por esse curso gratificante.

## CONCLUSÃO

Com base nos estudos oferecidos pela disciplina estudos sociológicos e antropológicos da educação, ofertada por Maria Aparecida, o Memorial permitiu-me uma avaliação e reviver o passado. Mais que isso, trouxe a reflexão sobre o curso da minha vida, cheia de emoções, em um processo contínuo de construção.

Finalmente, considero este trabalho uma ótima forma de registrarmos as experiências vividas e que possivelmente suscitaram infinitas possibilidades de aprendizado. Permitindo-me compreender o meu próprio processo de construção do conhecimento e dos meus familiares. Sem deixar de considerar

MEMORIAIS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIVERSAS  
Maria Aparecida Vieira de Melo; Joseane Maria dos Santos; Maria Clara Carneiro  
Câmara (Org.)

os diversos atores sociais presentes ao longo da minha vida:  
família, amigos e professores.

## **MEMORIAL ACADÊMICO: TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DA FAMÍLIA ABDIAS E JESUS**

Maria Clara Abdias Souza da Silva

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho é um memorial que, além de resgatar toda a minha trajetória acadêmica, até o presente momento, afim de recordar e destacar cada fase estudantil que contribuíram e ainda estão contribuindo de forma significativa para a minha identidade profissional, relata também a trajetória escolar da minha família, mostrando cada passo que contribuiu para chegar até o presente momento da vida deles e, conseqüentemente, da minha.

### **PRIMEIROS ANOS DE ENSINO: CRECHE (EDUCAÇÃO INFANTIL)**

Estudei em escolas públicas durante toda a minha vida, por razões financeiras e por somente haver escolas públicas na minha cidade. Meu primeiro contato com o ensino foi na creche, nessa primeira etapa de educação básica entrei com 3 anos de idade na Unidade de Ensino Infantil Eridimar Batista de Azevedo em Timbaúba dos Batistas. Nela, eu tinha contato com o lápis, papel, massinha de modelar, tinta e interagia com crianças da mesma idade que eu. Lá eu participava de várias brincadeiras lúdicas, aprendia várias músicas e histórias que contribuíam com meu desenvolvimento e aprendizagem.



Figura 4 Eu e meus amigos brincando no parquinho da escola.

Figura 5 Eu e meu padrinho na formatura do ABC.

## ENSINO FUNDAMENTAL I: 1º A 5º SÉRIE

Da primeira a quinta série do fundamental, estudei na Escola Municipal Paulino Batista de Araújo, onde entrei com 6 anos de idade em 2008. Durante todo esse tempo no fundamental, tive ajuda da professora de aula de reforço, pois minha mãe e meu pai não tinham um nível de conhecimento que pudesse me ajudar nas atividades da escola, pois eles só estudaram até o ensino fundamental. Quero dar ênfase para minha tia, Josefa Jesus da Silva, que já tinha terminado o ensino médio na época, sempre que podia, me ajudava nas lições de casa e me ensinava a ler, a escrever e, de vez em quando, a

tabuada. Ela me ajudou bastante e sou muito grata a ela por sempre me dar esse apoio que foi essencial na minha formação, já que eu não tinha ajuda dos meus pais para me ensinar.

Para compreender melhor, é essencial voltar e entender o nível de escolarização que eles receberam. Na minha família, nem todos tiveram educação escolar de qualidade visto que os fatores sociais na época os atingiam significativamente. Como eles eram pobres, não tinha como estudar, pois, desde cedo, ajudavam seus pais na agricultura, pastorícia e atividades dentro de casa, dificultando assim sua escolarização. Um exemplo disso são meus bisavós paternos, Generina Cristina de Jesus e Severino Luís da Silva, ambos eram analfabetos e nunca frequentaram a escola por causa dessas condições que citei acima.

No entanto, meus bisavós maternos, Joaquina Maria da Conceição e Francisco Roberto de Souza, até sabiam ler e escrever um pouco, porém nunca frequentaram a escola física, foram alfabetizados em casas de família e em fazendas. Minha avó e meu avô maternal (Izabel Maria de Souza e Eduardo Abdias), pelo fato de não terem meios de transportes adequados para se locomover até a cidade, não conseguiram frequentar a escola, mas também foram alfabetizados em casa, assim como meus bisavós. Já meus avós por parte de pai, conseguiram ter uma educação em escolas públicas, porém, também desistiram no ensino fundamental. Minha avó, Apolinária Generina de Jesus, frequentou até 3º série e meu avô, Pedro Garcia de Araújo, estudou até 2º série (ambos do fundamental).

Assim como toda a geração da minha família, consequentemente, a trajetória escolar dos meus pais também foi lamentável, estudaram até a primeira parte do ensino fundamental. Meu pai, José Jesus da Silva, estudou na mesma série durante 8 anos, isso aconteceu pelo fato de que ele nunca

quis estudar, nunca teve interesse em ir à escola por falta de incentivo da parte dos seus pais que também não tiveram esse estímulo dos seus. Por causa disso, ele decidiu sair da escola quando estava na 2<sup>o</sup> série do ensino fundamental, e trabalhar com gado em um sítio chamado Trapiar, perto da cidade de Serra Negra-RN, já a minha mãe, Aparecida Abdias de Souza, que estudou até a 3<sup>o</sup> série do fundamental, desistiu da escola por causa de suas condições financeiras, teve que morar em outra cidade para trabalhar na casa da sua irmã, ajudando a cuidar dos filhos dela. Hoje, com 51 anos, voltou a estudar e está no quinto período do EJA (Educação de Jovens e adultos), o quinto período é equivalente ao 6<sup>o</sup> e 7<sup>o</sup> ano do ensino fundamental e pretende concluir o médio, com o intuito de fazer concursos públicos.

## ENSINO FUNDAMENTAL II: 6<sup>o</sup> AO 9<sup>o</sup> ANO

Nessa nova fase da minha educação (ainda na mesma escola), por ser tudo muito novo (novos professores e didáticas diferentes, por exemplo), comecei a ter bastante dificuldade em matemática. No primeiro bimestre da primeira série do fundamental II, tirei 3,5 pontos na média de matemática, isso ficou marcado até hoje, visto que eu nunca tinha tirado uma nota tão baixa na minha vida. Na época, uma professora dessa escola sentiu a necessidade de dar um reforço à mais nas crianças que estavam tendo o mesmo problema. Eu lembro que a diretora dessa escola não aprovava essa atitude por problemas pessoais que tinha com essa professora, mas ela não deixou isso afeta-la, continuou dando o reforço e se esforçando para garantir que nossas dificuldades seriam sanadas. E assim aconteceu, minhas notas foram melhorando e me tornei uma das melhores alunas, não somente de matemática, mas de todas as outras matérias na minha turma.

Nessa época, meus professores sempre faziam elogios a mim para minha mãe, fui “aluna nota 10” por 3 anos seguidos, no qual, ganhei vários prêmios, inclusive uma câmera fotográfica que era sucesso na época e fui líder e vice-líder de turma também. Mesmo muito tímida, sempre me esforcei para conseguir alcançar meus objetivos e dei meu máximo durante toda a minha trajetória nessa escola. Minha formatura do fundamental foi uma “noite de autógrafos”, onde eu e meus colegas autografamos um livro de poesias “...Quem escreveu isso aqui?” que nós mesmos compomos no 9º ano. Esse livro foi um projeto construído pela professora Chaguinha Nascimento, onde fazia parte de uma proposta educativa que incorporava a literatura como forma de inspiração, chamado “Falando Sério Comigo”. Nessa formatura teve várias comidas, músicas tocadas pela banda formada pelos alunos da escola e teve também a entrada de cada formando, com direito à uma música especial para cada um.

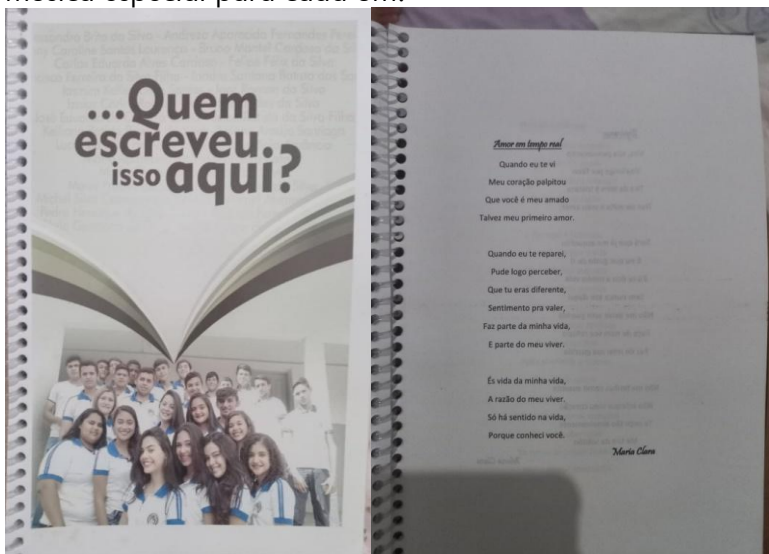


Figura 6 Capa do livro "...Quem escreveu isso aqui?"

Figura 7 Poema escrito por mim.



Figura 8 Eu e meus amigos de infância junto com a professora que criou o projeto do livro.

Figura 6 Eu autografando o livro de poemas

## ENSINO MÉDIO: SEGUNDO GRAU

Com quinze anos de idade, iniciei o ensino médio no Instituto Federal de ciências e tecnologias do Rio Grande do Norte (IFRN), localizada na cidade de Caicó-RN. Essa época, com toda a certeza, foi a que me marcou muito. Como eu sempre fui tímida e difícil de socializar com as pessoas, senti muita dificuldade em fazer novas amizades e me adaptar com a realidade de ter que estudar em outra cidade, pegando ônibus todos os dias e ter que passar, muitas vezes, o dia todo na escola por causa do Centro de Aprendizagem (CA), que funcionava como um reforço para os estudantes que encontravam dificuldades nas matérias. Por não ter tempo disponível, tive que abdicar de várias coisas que eu gostava de fazer, por exemplo, me afastei da igreja, saí da aula de música, não continuei na filarmônica, e entre outros. Tudo isso

aconteceu de uma vez, o que me desmotivou muito a estudar. Em algumas matérias técnicas, no segundo ano, tive bastante dificuldade e não atingi a pontuação necessária para conseguir a aprovação, e tive que repetir a série novamente, quase enlouqueci. Quando estava na metade do segundo ano, decidi sair da escola e continuar na escola da minha cidade. Assim eu fiz. Minha mãe me matriculou na Escola Estadual Basílio Batista de Araújo, onde eu terminei o ensino médio no ano de 2020. O ano que terminei o segundo grau foi o ano que começou a pandemia. As aulas eram remotas e, com isso, o ensino se tornava péssimo, mas consegui concluir e, nesse ano, entrei para a faculdade por meio do Sisu.



Figura 7 Eu e meus colegas de turma no ifrn

Figura 8 Eu e meus dois melhores amigos no ifrn



Figura 9 Eu e meus colegas de turma depois de uma aula interativa da disciplina de eletiva na minha cidade

Figura 10 Eu apresentando um jogo na feirinha de ciências da escola da minha cidade

## FACULDADE/GRADUAÇÃO

Logo depois de concluir o ensino médio, surgiu vários questionamentos: Que profissão eu devo seguir? Qual a área que eu mais gosto e me identifico? Quero realmente fazer faculdade de imediato? Estava mais que na hora de decidir. Fiz teste vocacional, fiz pesquisa na internet sobre várias profissões na área da saúde, mas nada me agradava ou me alegrava. Um dia uma amiga me apresentou a psicologia e fiquei radiante por essa profissão, mas, infelizmente, não consegui uma nota boa para entrar nesse curso pelo ENEM, e não tenho condições financeiras para conseguir pagar uma faculdade particular. Minha nota no ENEM foi boa o suficiente para entrar em pedagogia, então decidi cursa-la para ver se eu me identificava com o curso. Atualmente, estou no final do primeiro período no ensino remoto por causa da covid-19, mas entrei sem nenhuma expectativa. Até o presente momento estou gostando do curso e principalmente, de uma matéria específica que é a de Psicologia

e Educação que tem muito a ver com psicologia, que eu amo. Gosto também da disciplina de Fundamentos Sociológicos e Antropológicos da Educação, nos ajuda a refletir e investigar as relações existentes entre as sociedades, indivíduo e a cultura, focando na relação que a escola e a educação têm com a sociedade.

## CONCLUSÕES FINAIS

A partir deste memorial, pude perceber que mesmo sendo de família pobre com pouco/baixo nível de educação, com esforço e dedicação podemos ir mais longe. Foi pelo cuidado, carinho e muita consideração que meus pais e familiares tiveram em relação a minha educação, que eu cheguei até aqui, no auge da minha vida acadêmica. Apesar dos meus pais não terem estudado muito, com o pouco de educação que tiveram, sempre me incentivaram a estudar, pois viram, depois de um tempo, que só com ela posso ter um futuro melhor, diferente do que eles viveram. Só tenho a agradecer todos que me ajudaram durante toda a minha jornada, pelas lições que levarei durante toda a minha vida, e pelos momentos únicos que estarão eternizados para sempre no meu coração.

Finalmente, considero este trabalho como uma forma de refletir sobre todo meu processo de aprendizagem, como uma forma de apresentar/expor meus sentimentos e minha forma de pensar sobre determinadas questões que aconteceram durante toda a minha vida. É verdade que ainda existe muitos problemas na educação dos indivíduos pelo fato de que o processo de educação ainda é muito desvalorizado, mas se as pessoas focassem mais no tocante à educação, talvez o mundo mudaria para melhor, pois teriam acesso à meios que mudariam suas vidas, diminuindo a fome, as más condições de vida, a desigualdade social, e vários outros problemas sociais que ainda são recorrentes no nosso país e em todo o mundo.

## MEMORIAL

Ayslla Louizi dos Santos Araújo

### INTRODUÇÃO

Esse memorial consiste em histórias de alguns dos meus ancestrais e minha, sobre nossas trajetórias estudantis. Deixando vestígios cheios de saudades, aprendizados, dores, reflexões e ensinamentos. Em educações formal, informal e não formal. Minha trajetória estudantil se trata de uma história cheia de alegria e obstáculos nos quais, através deles tive a oportunidade de crescer tanto em questão da educação como também em pessoa, sou grata a meus pais por todos os aprendizados que tive com eles, e por eles sempre me darem forças e incentivos para que eu não desista diante dos obstáculos e dificuldades que a vida me impôs e impõe a todo momento. Minha vida estudantil foi baseada em escolas diferentes, onde tive a oportunidade de conhecer diferentes campos, culturas, pessoas, entre outros. O objetivo desse memorial é tratar de lembranças antropológicas e sociológicas da vida de meus ancestrais e minha.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ancestrais. Educação. Cultura. Vida. Formação.

### **“UMA PESSOA SEM LEMBRANÇAS É COMO UMA FOLHA EM BRANCO!” MEUS AVÓS**

Começo este memorial, relatando a vida dos meus avós tanto paternos quanto maternos em suas trajetórias estudantis. São histórias parecidas, nas quais irei resumir todas em uma só, então vamos lá?!

Quando eu era pequena sempre fui uma criança inquieta e sempre gostei muito de fazer perguntas, então sempre que perguntava aos meus avós sobre a vida estudantil deles, a primeira coisa que eles diziam era “Minha filha, nem vida estudantil naqueles tempos nós tínhamos”. Eles sempre relataram que eram histórias muito sofridas, pela falta de oportunidade. Todos eles moravam na zona rural, município de Florânia\Cruzeta- RN, onde ainda chegaram a ter oportunidade de adentrarem em uma escola, mesmo diante das dificuldades ainda chegaram a aprender o básico que é: escrever, ler e fazer contas. A escola deles se resumia a ir unicamente duas ou três vezes na semana para aprender os conteúdos e fazer tarefas, já que não podia ir todos os dias porque tinha suas obrigações em casa também, como ajudar na luta do gado, cuidar dos afazeres de casa, entre outros. E assim essas tradições\culturas foram passando de pais para filhos. Em casa seus pais (meus bisavós), ajudavam nas tarefas e também passavam contas para eles resolverem e praticar mais, já que o tempo na escola era tão pouco. Meus avós sempre relataram que todas as noites antes de dormir, eles tinham a obrigação de rezar e resolver as contas que seus pais passavam, para poder adormecer e só podia dormir quando fizessem essas tarefas, que para eles na época eram normas e a educação deles, não se relatavam só em educação formal. Naquela época também era muito valioso a educação informal e não formal, seus modos, suas culturas, suas religiões, saber com quem andar, educação de casa, saber em quais lugares andar, saber o que de fato se deve aprender e levar pro resto da vida. Eles diziam muito, que tem costumes e dizeres que a gente escuta\ vê\ aprende, mas que não se deve usar, se deve deixar no lugar no qual a gente escutou, ouviu ou aprendeu. Nos dias atuais só tenho vivos meus avós maternos, meus avós paternos hoje estão distantes de mim, mas antes deles serem levados para a vida eterna, diziam muito que queriam ver todas as gerações futuras de suas famílias

formados e com um bom emprego, para não viver a vida tão sofrida de zona rural que os mesmos viveram. Meu avô materno hoje em dia não tenho contato com ele, por ele ser separado da minha avó e ter outra família. Mas minha avó materna, que é a que eu tenho mais contato e que vive mais próximo a mim, me dá muitos conselhos, para que eu estude e tenha um futuro brilhante, e se Deus permitir, ela estará junto a mim, para vivenciar esse momento ao meu lado.

## MEUS PAIS

Francisca Erinalda Batista dos Santos, a qual tenho a honra de chamar de mãe, tem relatos incríveis de uma vida estudantil cheia de muitas experiências com suas vivências árduas e difíceis, mas também uma história muito bonita. Saía as 12 horas para escola, de jumento com uma cangalha cheia de baldes, onde em seu percurso para escola teria que pegar água nos sítios vizinhos para o consumo de casa, iria para escola, muitas vezes não assistia aula direito pelo cansaço, pois ficava até tarde da noite queimando louças de barro com minha avó para sustentar a família, já que era ela e mais cinco irmãos e foram criados sem pai, ainda hoje ela relata que em seu caderno teria que escrever de lápis grafite, que era para seus irmãos apagarem o que foi escrito e reaproveitar o caderno, na época ela usava somente um caderno, um lápis e uma borracha. Ela relata que estudou até a 3ª série na zona rural município de Floriania-RN, chegou a aprender somente a ler, escrever e fazer contas. Depois de muitos anos ainda tentou terminar seus estudos pelo EJA, mas como já tinha família, era dona de casa, desistiu pelo cansaço, mas também pela falta de interesse, relata ela. Em sua vida estudantil também sofreu preconceitos, por ir de jumento para escola e a pé, pois não podia subir no jumento, quando chegava na escola seus colegas ficavam rindo da mesma, pois dizia que ela estava com

mal cheiro devido ao sol e ao jumento, entre outras ofensas. Desistiu de seus estudos pela falta de oportunidade, já que naquela época ela teve que escolher trabalhar para ajudar minha avó a sustentar a família.

Adailson Pinheiro de Araújo, meu pai. Estudou até a 5<sup>o</sup> série na cidade de Florania-RN, relata que já era mais fácil pois como seu pai tinha transporte e era quem iria deixar os alunos da zona rural na zona urbana ele tinha a obrigação de ir, mas também era difícil pois quando chegava em casa iria ajudar na luta do gado e ficava até tarde da noite fazendo queijos para ajudar no sustento da família, o que se tornava cansativo e não tinha tempo para revisar os assuntos em casa, com o passar do tempo, ele começou a ganhar dinheiro fazendo bicos e decidiu lagar os estudos, já que o dinheiro naquela época era mais importantes que os estudos, pois o dinheiro servia para ajudar em casa, e naquela época os estudos não significa tanta coisa comparado ao trabalho e ganhar dinheiro, relata ele. Mas sempre diz a mim e minha irmã que a gente nunca desista dos nossos estudos, pois é o que vai levar a gente ao futuro de sucesso, e também fala que nos dias atuais se arrepende de não ter estudado, que se pudesse voltar no tempo fazia diferente.

## **MINHA HISTÓRIA JARDIM DE INFÂNCIA**

Eu, Ayslla Louizi dos Santos Araújo, estudei todo meu jardim de infância na cidade de Caicó-RN, na Escola Municipal Coronel Paulino Barcelos, as poucas lembranças que tenho era que minha mãe iria deixar de bicicleta e gastávamos 20 minutos no percurso, era uma escola muito organizada, tinha seus dias de historinhas, brincar, passear, assistir dvd de desenhos animados, entre outras dinâmicas para aprendermos números, letras entre outros.

## ENSINO FUNDAMENTAL

No meu ensino fundamental estudei em três escolas diferentes, minha 1º série estudei em uma escola na zona rural município de Florânia-RN, a escola em si era bagunçada, só fazíamos atividades de pintar e desenhar, era vários alunos de idades\séries diferentes todos juntos em uma sala só, com uma única professora. Após um ano minha mãe não notou desenvolvimento na questão escolar e me transferiu para uma escola na cidade de Cruzeta-RN. Escola Municipal Ana Assis De Medeiros, onde estudei a 2º e 3º séries, na época eu morava no sítio onde saía de casa as 11:00 horas ia de moto com minha irmã para um sítio vizinho, logo após pegava o ônibus e vinha para zona urbana, o trajeto era cansativo e de uma hora e meia de percurso até chegar na escola, mas a mesma compensava, era uma escola bastante capacitada e organizada, tinha seus dias de aulas, avaliações, recreações, aulas de flauta doce e suas diversas diversões. Após esses dois anos, fui para a Escola Municipal de Ensino Fundamental Cônego Ambrósio Silva, onde estudei a 4º,5º, 6º, 7º, 8º, e 9º série, onde meu coração carrega muitas saudades e aprendizados da escola que estudei tantos anos e tanto me ensinou, uma escola de rede pública excelente, com professores super capacitados, e de um ensino super diversificado, na época vim morar na rua e ia a pé geralmente acompanhada com minha mãe ou sozinha, onde gastava de 10 a 15 minutos no percurso até chegar na mesma , nessa escola aprendi coisas que levarei pro resto da vida, não só da vida estudantil, mas da vida pessoa também. Na minha 9º série fiz um cursinho com aulas extras de português e matemática, para tentar ingressar no IFRN, mas não foi daquela vez, eu me desesperei, mas mal sabia que Deus tinha planos muito melhores para mim.

## ENSINO MÉDIO

Todo meu ensino médio foi na Escola Estadual Joaquim José de Medeiros. No início eu não queria estudar na mesma, pois por ser escola de Ensino Estadual as pessoas achavam um ponto super negativo, que não tinha professores capacitados, eu também com o intuito de querer ter passado pro IFRN odiava a ideia de estudar lá, mas fui obrigada a ir, já que era a única escola na qual tinha o ensino médio na minha cidade e meus pais não tinha condições financeiras para me botar em uma escola particular em cidades vizinhas, então era minha única opção. Tive que aderir a ideia e com um tempo comecei a gostar. Depois do contato que tive com e mesma, vi que não era o que as pessoas falavam. Me surpreendi, com os métodos de ensino, os professores eram os mesmos que ensinavam em escolas particulares das cidades vizinhas, conteúdos super atualizados e uma organização magnífica, tinha seus dias de aula de campo, de palestras, de experiências, de práticas e onde também comecei a ter contato com apresentações, seminários entres outros. Eu trabalhava até meia noite pois tinha que ajudar nas despesas de casa e teria que acordar pela manhã logo cedo para estudar, fazia um percurso de 10 minutos até a escola a pé, mas com muito esforço e dedicação apesar de todo cansaço, desanimo e as batalhas que enfrentei terminei meu ensino médio no ano de 2020 pelo ensino remoto por causa da pandemia de Covid-19. E como de costume de todos os pré-universitários o coração era um misto de ansiedade, medo, sem saber qual faculdade de fato eu iria escolher e tinha mais uma coisa a se preocupar, que era ter terminado o ensino médio pelo ensino remoto, que sabemos que o aprendizado não é o mesmo. No mesmo ano de 2020 fiz minha inscrição para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), onde fui fazer a prova e botei minha nota para enfermagem e pedagogia, onde tive que escolher qual profissão

eu iria\irei me dedicar em um futuro próximo. E foi onde mais uma vez o coração não sabia qual caminho escolher.

## UNIVERSIDADE

Mas, algo mais forte que eu, me chamou para pedagogia onde passei dezessete dias na lista de espera e logo em seguida fui aprovada em Pedagogia em 2021 na UFRN\Caicó-RN e cá estou eu relatando essa história para vocês, hoje 07 de Setembro de 2021 o ensino continua remoto por causa da pandemia, então eu estudo e faço os afazeres de casa durante a manhã, pela tarde trabalho em uma ótica e à noite trabalho em um ponto de lanche, pois preciso ajudar nas despesas de casa e comprar minhas coisas pessoais. Então até aqui está tudo muito corrido e cansativo, até o momento eu não sei dizer se a pedagogia é o que de fato eu quero, mas gosto muito de crianças e quem sabe essa área não é a qual eu irei me identificar, já que não tenho nenhuma área na qual eu me identifico, pois gosto de muitas coisas. Mas, acredito muito que se cheguei até aqui é porque algum propósito tem. E quem sabe futuramente não irei dizer a frase “Não fui eu quem escolhi a pedagogia. Mas sim, a pedagogia quem me escolheu!”

## FALAS FINAIS

Hoje meus familiares, minha mãe, minha avó materna e meu pai, que sofreram muito em suas vidas estudantis e na vida de empregos tão difíceis, prezam muito que eu consiga terminar minha faculdade e arranjar um bom emprego já que eles não puderam e não tiveram a mesma oportunidade e relatam isso com tanta tristeza. Hoje eles relatam que se pudessem voltar no tempo iriam fazer tudo diferente, apesar da falta de oportunidade eles iriam buscar e tentar dar um jeito,

pois quem realmente quer, faz o impossível virar possível. E me dizem muito que já que eu tive essa oportunidade, apesar de tudo ser muito corrido e difícil, eu batalhei até o fim, valorizei meus estudos e fiz por onde dar certo. E futuramente, irá vir colheitas de frutos maravilhosos de um processo tão árduo, doloroso e demorado diante de toda uma vida estudantil. E também me falaram que eu zele da educação não formal e informal que foi a que eles batalharam tanto pra me ensinar e me guiar para os caminhos certos.

Então aqui deixo minha história estudantil e agradeço pela oportunidade de lembrar todos esses momentos mágicos que vivenciei. Espero terminar o curso de pedagogia e ser uma grande pedagoga, ajudar, fazer sempre o bem sem olhar a quem, e ter uma bela história nesse mundo, que ainda há de ser percorrido e que se tem tantas coisas para desfrutar.

## MEMORIAL DESCRITIVO - TRAJETÓRIA DA MINHA FORMAÇÃO ESCOLAR

Amanda Lorranny Almeida Rocha

**RESUMO:** Esse trabalho consiste no resgate da minha trajetória acadêmica, abordando diversas reflexões que influenciaram não somente a minha vida estudantil, como também pessoal e profissional, partindo da descrição do meu processo de ensino-aprendizagem, seguido da análise de como esse processo influenciou no meu desenvolvimento e contrastando com o percurso que minha progenitora teve em relação à sua educação. Além disso, é possível perceber a importância que essa produção de resgate da nossa existência, experiências e desenvolvimento pode nos proporcionar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória. Formação. Educação

### INTRODUÇÃO

A produção de um memorial é extremamente importante, visto que ele aborda reflexões sobre nossa vida pessoal, acadêmica e profissional. Além disso, ele nos faz perceber qual a nossa identidade, qual foi nosso processo de construção de conhecimentos, de vivências e experiências, e nos perpassa principalmente a ideia de como é interessante o resgate de nossas memórias.

Sendo assim, atualmente, com 19 anos de idade, graduanda do 1º Período de Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Centro de Ensino Superior do Seridó, consegui, através desse documento, readquirir memórias sobre meu processo de vida e também do processo de vida da minha progenitora Aurineide Gomes de Almeida, e observar que minha trajetória educacional, se deu de maneira bem diferente da trajetória da minha mãe, visto que, o tipo de

educação, o ensino, o contexto social e econômico, entre outras coisas, eram diferentes.

Nossas experiências de vida se construíram basicamente nas cidades de Campina Grande – PB, local onde nasci, e Brejo do Cruz – PB, local onde cresci e resido até hoje. Brejo do Cruz – PB foi o foco principal da minha aprendizagem e também da minha mãe, foi onde construímos nossa identidade e tivemos as experiências que serão relatadas no decorrer desse memorial. Por fim, o referido memorial objetiva apresentar de maneira sistemática a minha trajetória de vida acadêmica até a presente data, com foco no meu processo de construção de conhecimento durante o período de formação e aprendizagem no ensino pré-escolar, ensino fundamental, ensino médio e os passos necessários que me fizeram chegar no curso de pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sendo esse acontecimento o ápice da realização do sonho de chegar à formação acadêmica. Além disso, procuro descrever qual o tipo de educação que me foi ofertada durante cada período, de que modo ela influenciou no desenvolvimento da minha vida acadêmica, pessoal ou profissional e como ela se relaciona ou diferencia com a formação escolar da minha progenitora.

## **INCIANDO UMA TRAJETÓRIA: ENSINO PRÉ-ESCOLAR**

Meu primeiro contato com a vida estudantil foi logo nos primeiros anos da minha existência. No momento, morava na cidade de Campina Grande – PB com minha mãe, quando fui colocada no maternal Arco-íris do Saber, com apenas 9 meses de vida e fiquei até aproximadamente 1 ano e 8 meses (figura 1). Minha progenitora precisava trabalhar e estudar, então o local ideal para passar o dia sob cuidados e aprendendo era o maternal, o que atualmente denominamos de creche. Algum tempo depois, nos mudamos para a cidade de Brejo do Cruz –

PB, e com cerca de 2 anos eu comecei a frequentar outro maternal, que chamávamos de “Dona Ilda”, foi o local onde consegui me desenvolver melhor, principalmente o fator social, conseguindo interagir com as outras crianças de maneira significativa, visto que, já conseguia se comunicar verbalmente.

A fase de ensino pré-escolar começou quando eu tinha 3 anos de idade, estava prestes a completar 4 anos, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Terezinha Garcia Pereira. Iniciei a primeira fase que chamamos de Pré-I e precisei repeti-la outro ano, devido a minha idade, pois era obrigatório ingressar com 4 anos, e como eu aniversaria no final do ano, então eu estava adiantada. Em seguida, veio a fase Pré-II, já estava com 6 anos de vida e assim concretizei a pré-escola.

A proposta pedagógica da educação infantil durante esses dois períodos (maternal e pré-escola) era a realização de jogos, brincadeiras e atividades que me divertiam e me ensinavam. Essas eram ministradas pelas professoras através de círculos, brinquedos, desenhos, entre outros. Foram os momentos em que eu desenvolvi habilidades físicas, motoras, cognitivas, sociais e emocionais.

A educação que me foi fornecida durante esse tempo foi a que foi proposta por Maria Montessori, que tinha ênfase na autonomia e liberdade da criança para o desenvolvimento de diversas habilidades físicas, sociais e psicológicas, usando materiais sensoriais, de vida prática, de linguagens, entre outros.

Essa prática educativa influenciou de modo significativo a minha vida pessoal e acadêmica, pois me proporcionou autonomia para o resto da trajetória. Eu não ficava ligada ao fato de estar longe da minha mãe, eu gostava de estar naquele ambiente, de conviver com as outras crianças e com as professoras, de iniciar as atividades, de ajudar e de comunicar-se.

É uma educação que, infelizmente, minha genetriz não obteve. Ela iniciou a trajetória acadêmica com seus 9 anos de idade, na 1º série, numa educação extremante tradicional, em que você aprende com a memorização e a repetição de conteúdo, com a figura central sendo apenas o professor, transmitindo conteúdos e o aluno só com o objetivo de absorver, o que acaba prejudicando o processo do aluno. Nesse momento, recorremos à uma crítica desse tipo de educação e do papel do professor por Maria Montessori:

[...] a educação não é aquilo que o professor transmite, mas sim um processo natural que se desenvolve espontaneamente no indivíduo humano; que ela não é adquirida escutando-se palavras, mas em virtude de experiências realizadas no ambiente. A tarefa do professor não é falar, mas preparar e dispor uma série de motivos de atividade cultural num ambiente preparado exatamente com este objetivo. (MONTESSORI, 1949, p.16)



Figura 1 - Período que frequentei o Arco-íris do Saber em Campina Grande – PB. Fonte: minha mãe.

## ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO FUNDAMENTAL I

A primeira etapa do meu ensino fundamental iniciou na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Manoel Torres, na cidade de Brejo do Cruz – PB, no ano de 2008. Comecei aos 7 anos e foi nela em que eu concluí o 1° e 2° ano. Era uma escola ainda bem pequena, com poucas salas de aula e bem perto da minha casa, então eu tinha autonomia de ir e voltar sozinha. Foi o local onde eu aprendi a ler e escrever, desenvolvi minhas habilidades de comunicação e adquiri o gosto pela pintura. Adorava desenhar e pintar, colecionava lápis de cores e tudo mais. Aos 9 anos, já no 3° ano, voltei a estudar na escola onde eu tinha concluído a fase pré-escolar. E foi nesse período que eu encontrei dificuldade de socialização, já que meus amigos haviam ficado na antiga escola. A partir do 4° ano, a complexidade dos conteúdos aumentou. Foi uma nova professora chamada Maria Do Carmo. Ela ficou com a turma durante o 4° e 5° ano. Era uma ótima professora, me ajudou bastante durante aquela fase. Era uma pessoa com muita criatividade, inteligência e paciência, conseguiu conquistar todos os alunos. Com ela desenvolvi minha oralidade e um pouco mais da escrita, pois produzíamos muitos textos, liamos em voz alta para a turma, fazíamos ditado, entre outras coisas.

Durante esse período inicial de ensino fundamental, havia aulas dinâmicas, aulas de passeio, aulas de leitura e escrita, e havia também um pouco da velha Educação Tradicional, em que o professor ainda era a figura central, com aulas expositivas para todos os alunos, e com o método frequente de avaliação sendo provas escritas para analisar o quanto de informação o aluno memorizou. Infelizmente, até hoje, muitos docentes ainda insistem em uma educação autoritária, fruto da Educação Tradicional do séc. XX, e isso

acaba gerando cidadãos que não conseguem pensar por si próprio. (MARQUES e OLIVEIRA, 2016, p. 197)

No entanto, minha turma já estava um pouco mais atualizada, visto que, a educação tradicional não era a única em sala de aula, podemos ver que já havia novos tipos de educação, como por exemplo a educação proposta por Freinet, uma Educação Nova, com as aulas de campo para permitir um diálogo entre os alunos e os professores durante aquele momento de observação e a produção de texto livre, além da aquisição de conhecimentos. O que acarretou bastante no desenvolvimento da minha oralidade e um pouco mais da escrita, pois produzíamos muitos textos livres, liamos em voz alta para a turma, fazíamos ditado, observávamos nas aulas passeio e dialogávamos.

Eu era uma aluna extremamente empenhada e esforçada, além de ser uma das alunas destaques em sala de aula. Isso se deu pela motivação que minha mãe me fornecia, sempre me incentivando e me mostrando que estudar valia muito e seria algo significativo na minha vida. Ela nunca teve alguém para motivá-la, por isso sempre soube da importância da motivação para a criança durante a fase estudantil. Foi ela, a base do meu esforço e dedicação. Além do mais, minha progenitora precisava trabalhar, já na 1<sup>o</sup> série do ensino fundamental, quando começou a trajetória acadêmica, trabalhava para conseguir comprar os materiais escolares e roupas adequadas para frequentar a escola. Não passei por essa fase de trabalho, meu objetivo era estudar, e desse modo, me empenhava ao máximo, até mesmo para vê-la feliz, pois ela estava me proporcionando o que ela não teve.

## ENSINO FUNDAMENTAL II

Infelizmente, aquela educação rígida, autoritária e tradicional que havia, perpetuou no segundo período do ensino

fundamental, até porque a partir desse momento, não aprendíamos com apenas um professor, tinha cerca de 9 professores, e cada um possuía uma metodologia diferente, alguns se baseavam somente na Educação Tradicional, outros intermediavam essa Educação tradicional com uma Educação Nova.

Foi a partir desse momento que comecei a produzir trabalhos em equipe e produzir maquetes (figura 2); desenvolver minha habilidade de desenhar, quando precisava expor algo para a classe em forma de ilustração; praticar esportes, incluindo o handebol, esse esporte que sou apaixonada e que faz parte da minha vida até os dias de hoje; desenvolver minhas habilidades com as tecnologias modernas, pois muitas vezes usávamos os laptops ou computadores da escola para fazermos pesquisas, entre outras coisas. De qualquer maneira, essas foram formas que influenciaram tanto minha vida pessoal e acadêmica, como profissional e que me fizeram aprender de verdade. Me tornou uma pessoa mais criativa, com mais autonomia, mais comunicativa, competitiva, com boa oralidade e com conhecimento sobre diversas áreas.

Infelizmente, também foi nesse período que aprendi a memorizar os conteúdos programados para as provas, apesar de aprender o conteúdo em algumas vezes, eu ainda memorizava cada palavra do livro para colocar na prova, até porque muitos professores não aceitavam com as próprias palavras do aluno, era necessário estar da mesma maneira que estava no livro. Isso influenciou minha vida acadêmica de forma bastante negativa, uma vez que eu nem sempre absorvia o conteúdo ou aprendia de verdade, eternizando o conhecimento. Eu, na verdade esquecia tudo na semana posterior à prova, por isso, senti muita dificuldade quando terminei o ensino fundamental e iniciei o médio.

Durante essa fase, comecei a frequentar o Mais Educação, que era um programa estratégico do Ministério da

educação para introduzir uma educação integral nas redes estaduais e municipais, ampliando a jornada escolar nas escolas públicas. Então estudava de maneira integral, pois no período da manhã frequentava o Mais Educação, que durava em torno de 3 horas, e no período vespertino tinha aula normal. Tinha aula de música, aula de rádio, de dança, aula instrumental, aula de reforço escolar, entre outros.

Esse foi um programa muito importante para mim, visto que nele eu aprendi diversas outras coisas que não aprendia em sala de aula, como por exemplo a tocar instrumentos e aprender a dançar, o que me proporcionou ser do grupo de balizas da Banda Marcial da Terezinha Garcia Pereira. Eu achava magnífico tudo aquilo, eram momentos de diversão e aprendizado. Não pense que aula de dança, música ou rádio não te beneficiam em nada, muito pelo contrário, traz tantos benefícios e aprendizados quanto os conteúdos programáticos de sala de aula. Com elas eu consegui desenvolver estímulos para o cérebro, melhorar minha memória, concentração, coordenação motora, diminuir os estresses e ansiedade que tinha quando era semana de provas, entre outros. Foi algo inusitado no tempo, e que minha mãe não vivenciou, e mesmo que existisse em sua época, ela não experimentaria ou não vivenciaria, pois precisava trabalhar e também cuidar de mim, pois eu nasci quando ela ainda tinha 18 anos de idade, ainda estudava no ensino fundamental II, na 7<sup>o</sup> série. Além de ter começado tarde a vida acadêmica, se atrasou bastante devido as mudanças da cidade de Brejo do Cruz – PB para Campina Grande – PB.

Na etapa final, especificamente no 9<sup>o</sup> ano me veio a dúvida de onde iria iniciar o ensino médio. Eu tinha três alternativas: o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB Campus catolé do Rocha; a Universidade Estadual da Paraíba – UEPB campus IV e a Escola Cidadã Integral Técnica – ECIT. Ambas proporcionavam o

ensino médio e o curso de nível técnico, e tinha processos seletivos diferentes. Eu optei por concorrer a vaga na ECIT e no IFPB, pois sob minha visão eram as melhores e que proporcionava os melhores cursos técnicos. No IFPB o processo seletivo era o histórico escolar e na ECIT era apenas a matrícula. Consegui uma vaga em ambas as escolas, porém, escolhi o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB Campus Catolé do Rocha.



Figura 2 - Produção de maquete em equipe. Foto autorizada por todas as integrantes.

Fonte: Professora de geografia, Andrea Araújo.

## ENSINO MÉDIO: UM NOVO DESAFIO

Ingressei no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB Campus Catolé do Rocha, após ser aprovada em 1º lugar. Estava iniciando um novo desafio na minha vida, era uma nova rotina de estudos. Logo de início

foram muitas novidades, como o tripé da educação: ensino, pesquisa e extensão; novas disciplinas; novas metodologias; novos professores; novos protocolos; enfim, era tudo mais difícil. Demorei algum tempo para se adaptar e entender o quanto aquela rotina me beneficiou positivamente.

A educação transmitida no Instituto era bastante inovadora, as formas de avaliação e ensino variavam bastante, não eram apenas como na Educação Tradicional, eles abordavam uma Educação Popular, valorizando os saberes do povo e sua cultura, acarretando no desenvolvimento de um olhar crítico; uma Educação Nova, que incentivava a reflexão e observação, respeitando também a individualidade do aluno e além do mais, realizavam o que chamamos de metodologias ativas, em que o aluno também se torna responsável pelo processo de aprendizado, se tornando mais autônomo e participativo. Posso dar como exemplo as rodas de discussões e reflexões, sala de aula invertida, aulas de campo, gamificação, apresentação de trabalhos em eventos, aulas em laboratórios, produções textuais, produção de mapas mentais, etc.

Isso tudo influenciou para que eu conseguisse um ótimo desenvolvimento. Desenvolvi meu senso crítico, projetos de pesquisa e extensão, participei de eventos, desenvolvi meu gosto pela leitura, aprendi sobre uma nova área que foi edificações, novos métodos de estudo, passei a ser uma pessoa mais reflexiva, entre outras coisas. Foi lá onde eu ganhei o troféu de 1º lugar em linguagens e suas tecnologias, durante a III Semana de Ciência, Tecnologia e Cultura – SECITEC, com o tema “O lúdico no processo de aprendizagem infantil”, uma das minhas melhores produções no Instituto. (figura 3).

MEMORIAIS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIVERSAS  
Maria Aparecida Vieira de Melo; Joseane Maria dos Santos; Maria Clara Carneiro  
Câmara (Org.)



Figura 3 - Troféu e certificado da III SECITEC. Fonte: própria

## FORMAÇÃO ACADÊMICA: CONCRETIZANDO UM SONHO

No último ano do ensino médio eu estava conciliando os estudos da escola e os estudos para o Enem. Estudei pelo descomplica durante esse ano e tentava assistir todas as aulas, pois minha mãe estava pagando o programa para que eu conseguisse um bom desempenho no Enem e já conseguir entrar na UFRN – CERES na primeira chamada. Como essa faculdade é muito disputada, eu precisava dar meu máximo, e o resultado veio, consegui passar em 1º lugar para Pedagogia por meio da cota regional.

A escolha desse curso se deu a partir da minha experiência na Creche Nossa Senhora dos Milagres na cidade

de Brejo do Cruz - PB, local onde realizei meu projeto de extensão. Essa experiência durou por aproximadamente dois anos, e me mostrou o quanto eu adorava ensinar às crianças. Embora hoje, já no 1º período do curso eu perceba que pedagogia vai muito além da educação infantil, foi ela que me chamou atenção e por isso a razão de escolher pedagogia.

Além disso, também recebi influência da minha mãe, que quando terminou o ensino médio, iniciou o magistério, que antigamente era o curso profissionalizante voltado para a prática do ensino, habilitando profissionais para dar aula e que foi substituído pelo curso de pedagogia. Ela infelizmente não concluiu o magistério, devido ter que trabalhar e ainda cuidar de mim, mas me deixou o relato de como é bom conviver com crianças, e principalmente, ensiná-las.

O curso de pedagogia, nesse curto período de tempo, já me trouxe diversas contribuições, e entre elas estão as que me foram fornecidas pelas aulas de estudos antropológicos e sociológicos da educação. Com elas consegui descobrir a importância das diferenças, de identidades e diversidades culturais, disparidades sociais, visto que o Brasil é marcado por uma profunda pluralidade e desigualdade sociocultural. Além do mais, me trouxe a reflexão de como todos esses pontos podem influenciar no progresso de uma pessoa, incluindo o processo educacional, nos fazendo ficar atentos sobre como vamos contribuir para a vida dos indivíduos a partir da nossa profissão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo o processo de escrita do memorial até aqui, me mostrou o quanto esse resgate da minha vida me fez refletir sobre meus erros e acertos, avanços e recuos, sobre minha educação, ensino, identidade, experiências, meu processo de construção de conhecimentos, os diversos autores sociais

presentes na trajetória, além da reflexão de todo o processo da minha progenitora. Foi uma análise que englobou todo o meu ciclo acadêmico, pessoal e profissional e que influenciará todo o meu progresso daqui em diante.

Posso concluir que este trabalho é uma excelente estratégia para melhorar ainda mais a escrita, proporcionar novas vivências de aprendizado e conhecimento, desenvolver nosso senso crítico e reflexivo. Além disto, me deixou um objetivo futuro que consiste em não cometer os erros que foram cometidos no decorrer dessa trajetória, e após minha formação, aprimorar as formas de ensino e aprendizagem para meus alunos, de modo que a Educação Tradicional perca espaço para os outros tipos de educação que trazem mais benefícios e que contribuem muito mais para o desenvolvimento do indivíduo.

## REFERÊNCIAS

- FERRARI, Márcio. **Maria Montessori, a médica que valorizou o aluno.** Nova Escola, p.1-3, outubro, 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/459/medica-valorizouluno>. Acesso em: 15 de agosto de 2021.
- LIMA, Rubens Rodrigues. **Contribuições pedagógicas de Célestin Freinet.** Ensaios Pedagógicos, Sorocaba, v.1, n.1, p.87-94, jan/abr. 2017.
- MARQUES, Stela; OLIVEIRA, Thiago. **Educação, ensino e docência: reflexões e perspectivas.** Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 24, n.3, p.189-211, set/dez, 2016.
- MONTESSORI, Maria. **Mente absorvente.** Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1987. SILVA, Luzia Mônica da. **Construção identitária de uma professora.** Natal, p.1-50, 2014.

## MEMORIAL

Carlos Vínicius Rodrigues Silva

### INTRODUÇÃO

O memorial, a que me reporto a seguir, é instrumento avaliativo do módulo III da disciplina de Estudos Sociológicos e Antropológicos da Educação, curso de graduação em Pedagogia no CERES – Campus Caicó. Durante as reflexões feitas antes do processo de escrita, fiquei me questionando sobre que dados eu teria para contribuir com a educação e quais elementos da minha vida poderiam contribuir de alguma forma com o que sou e que serei enquanto educador. Tentarei durante a minha escrita, contar a história da minha vida estudantil, acadêmica e o processo construído até os dias atuais, passando por aspectos educacionais da minha família para, posteriormente, apresentar uma descrição mais contextual ligadas à educação e relatos da vida pessoal que de forma direta ou indiretamente estiveram ligados ao meu processo educativo.

### REFLEXÕES SOBRE A MINHA FORMAÇÃO

Venho de uma família humilde, aquela história comum em nosso país. Sou um de vários SILVA, o primeiro da família que conseguiu conquistar uma educação superior. Mas antes de chegarmos aos detalhes que me levam aos pontos já citados, precisamos entender o processo que me trouxe até aqui.

Meus antepassados não tiveram as mesmas oportunidades que eu, a falta de estrutura, a cultura da época e a necessidade de sobreviver fizeram com que meus bisavós nunca pisassem em uma escola, sendo um espaço distante, que remetesse a ideia de lenda, algo que não se distanciou muito na

época dos meus avós. O contexto em que viviam em uma cidade do interior do Rio Grande do Norte, pode ser exemplificado por uma composição da época. O convite é ler ouvindo a canção "Asa Branca", de Teixeira e Gonzaga, 1954.

Minha avó materna nunca foi a escola, criada por uma madrastra que exigia muitos afazeres de casa, ela costuma dizer que a escola era um espaço de "namoro e preguiçoso". Meu avô ainda fez uma breve imersão durante o fundamental, mas a necessidade de contribuir com a comida na mesa e diante das dificuldades financeiras, foi forçado a largar os estudos para trabalhar desde dos 8 anos de idade. Uma história que se repete com meus avós paternos, cada um com seus dilemas, mas todos que giravam em torno das mesmas dificuldades, a financeira era a principal delas. O fator social sempre foi uma grande barreira, era ele quem definia o acesso ou não ao conhecimento. Naquela época, meus avós me relataram que a escola e a educação formal eram vendidas para os pobres como uma ideia de algo inútil, para estudar era necessário ter poder aquisitivo e tempo, quem precisava lutar diariamente por um prato de comida, não encontraria na escola essa solução.

O tempo passa e a evolução da educação, assim como as oportunidades também crescem. O entendimento sobre a importância de estudar também é visto como um divisor de águas, nesse contexto, meus pais tiveram melhores oportunidades de estudo, mas ainda divididos entre o estudar e o sobreviver. Os anos 80 trouxeram revoluções, mas ainda apresentavam muitas dificuldades sociais. O convite é ler ouvindo a canção "Tempos Modernos", de Lulu Santos, 1982. Ela ajuda na compreensão sobre o contexto específico da geração dos meus pais.

A necessidade de trabalhar e uma gravidez não planejada, tiraram meus pais dos estudos durante o fundamental. Em 1995 no dia 24 de novembro eu finalmente cheguei ao mundo. Minha mãe era uma adolescente de 15

anos, assustada e sem estrutura nenhuma para ter um filho, o mesmo pode ser dito sobre meu pai. A relação logo chegou ao fim. Aos 3 anos fui deixado por minha mãe para ser criado por meus avós enquanto ela iria tentar uma vida melhor em Natal. Aos 4 anos e já um pouco atrasado, tive meu primeiro contato com escola.

## A EDUCAÇÃO NA MINHA HISTÓRIA

Fui matriculado no jardim de infância na Escola Municipal Cipriano Santa Rosa, na cidade de Acari, no mesmo bairro em que eu morava e distante apenas alguns metros da minha casa. De longe minha mãe orientava minha avó a me levar a escola diariamente.

Minha avó nunca achou muito importante o ato de estudar ou incentivar os estudos, por isso acabei faltando bastante durante os primeiros anos, bastava apenas eu não querer ir. Em casa eu não tinha um incentivo à leitura, algo justificável por meus avós não saberem ler, essa limitação também me dificultava na execução das atividades para casa, algo que nunca fazia. A atraso nos estudos me fez uma criança rebelde, não gostava do espaço escolar e me sentia menor que meus colegas por não conseguir acompanhá-los no mesmo ritmo de aprendizagem. Os conflitos pessoais contribuíram para as minhas ações no coletivo, naturalmente fui me tornando um aluno desinteressado e atrasado. É um momento da minha vida que relaciono com algumas discussões vistas na disciplina, como por exemplo, a de que o ser humano enquanto ser cultural e social, tem durante a sua relação com a sociedade um processo de absorção e interferência no meio por diversos fatores que se entrelaçam. Segundo Barreto (2012):

[...] Do ponto de vista da Antropologia e da Sociologia, é a partir do conceito de cultura que podemos entender o

homem como ser cultural e social. [...] Para entender esse homem, há que se entender também suas interações, seja com a natureza, com os outros homens, seja com o grupo a que pertence. Pois é o seu grupo quem dita às regras de convívio social. Ao nascer, o homem começa o seu processo de socialização, ou seja, a interiorização dos elementos socioculturais que lhe permitem adaptar-se à sociedade, vencendo os obstáculos das situações novas e amadurecendo a sua maneira de ser e de estar no mundo (BARRETO, 2012, p. 32).

Hoje eu entendo que o direito a educação retirado dos meus antepassados também interferiu em minha formação. O desconhecimento e a falta de oportunidades causada pela barreira de acesso à educação, me fez ter que correr muito mais em busca do prejuízo que outros colegas da minha turma. Aprendi a ler apenas aos 8 anos, quase reprovei na segunda série e se não fosse por minha professora Daguia, não teria aprendido a ler as primeiras palavras e muito provavelmente teria desistido ali mesmo, diante de minha primeira reprovação, de lutar por um caminho melhor por meio da educação. Sendo uma pessoa marcante em minha vida e o meu primeiro grande exemplo de mudança por meio da educação.

Educação envolve educador, educando e conhecimento. (BARRETO, 2012). A educação é um processo que envolve toda uma comunidade, na busca por conhecimento e entendimento sobre meu papel enquanto cidadão, meus professores, em especial a professora Daguia, foram cruciais na minha educação básica.

## EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL – 6º A 9º ANO

Do 6º ao 9º ano estudei na Escola Municipal Major Hortêncio de Brito, localizada na cidade de Acari. Essa escola

foi muito importante por me oportunizar as primeiras experiências como aluno protagonista das ações. Tive muita dificuldade nos três primeiros anos, sempre passei por recuperação por questões relacionadas a leitura e a matemática.

Apesar das dificuldades eu tinha muita familiaridade com a geografia e atividades expositivas. Por ter facilidade em atividades orais, acabei assumindo o posto de líder da turma e apresentando trabalhos como peças teatrais, foram momentos importantes por me trazerem a consciência de importância da escola no processo de desenvolvimento dos futuros cidadãos. Nos últimos anos já não tinha tanta dificuldade com as disciplinas, finalmente no 8º ano, não fui para a recuperação, algo que foi uma grande vitória pessoal na época. A partir daquele momento tive uma evolução, sem que percebesse já estava entre os melhores da sala no quesito notas, algo que na época considerava muito relevante, mas que hoje entendo que aluno protagonista é aquele que entende a educação como um processo, hoje eu sei que participei por completo dele.

## ENSINO MÉDIO

Com quinze anos, iniciei o ensino médio na Escola Estadual Iracema Brandão de Araújo, também localizada em Acari. Nessa época, já me sentia mais participativo em todos os processos educativos. A escola foi muito importante por me apresentar professores maravilhosos e por trazer em sua grade a língua espanhola, que eu ainda não conhecia, mas que acabei me apaixonando e sendo a minha primeira escolha no vestibular em 2012.

O ensino médio foi um período de melhor entendimento sobre mim mesmo e o meu papel na sociedade. Refletindo sobre como poderia contribuir com o coletivo, vi no professor a profissão que almejava, queria mudar a vida das pessoas assim

como mudaram a minha. Mesmo com todas as dificuldades como a financeira e a falta de incentivo, nunca desisti dos estudos. Em 2012 concluí o ensino médio e consegui realizar um grande sonho, o de ingressar no ensino superior, sendo o primeiro da família.

## UNIVERSIDADE E O ENTENDIMENTO SOBRE O MUNDO

Em 2013 ingressei no curso de Letras Língua Espanhola pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Confesso que foi uma grande surpresa a aprovação, participei de um processo seletivo bem concorrido e não botava muita confiança na prova que havia feito, mas acabei sendo aprovado. Foi uma boa surpresa, mas ao mesmo tempo com muitas dúvidas sobre o próximo passo. Não existia um exemplo na minha família no qual pudesse entender e seguir, foi tudo muito novo e coisas simples para mim acabaram sendo grandes barreiras, mas que me fizeram uma pessoa mais forte e que também consegue entender melhor todas as pessoas que ingressam em um curso cheios de dúvidas e preocupações, muitas bobas, mas que mesmo assim assustam.

A Universidade foi um divisor de águas em minha vida, nela entendi completamente o mundo e os direitos que me foram negados durante todo um processo histórico opressor as minorias que hoje entendo que faço parte. Me dediquei muito aos estudos, como nunca havia feito em toda a minha vida, sentia naquela oportunidade a minha grande chance de mudança de vida.

Finalmente em 2017 concluí a minha graduação em Letras Língua Espanhola. Logo em 2018, concluí minha primeira especialização e fui aprovado em um concurso para professor substituto logo em seguida. Fui professor da UFRN de 2018 até o fim de 2019, momentos de muita realização pessoal e profissional. Após a minha riquíssima experiência como aluno

e professor, decidi investir mais em minha formação e atualmente estou cursando o mestrado em Inovação Tecnologia, paralelo a ele, a minha segunda graduação no curso de Pedagogia.

## CONCLUSÃO

O memorial apresentado faz uma síntese da minha experiência e relação com a educação. Vejo como uma atividade de grande relevância por trazer por meio de experiências pessoais, o entendimento sobre a sociologia e antropologia em nossas vidas. É importante entendermos a relevância de ambas as áreas. Quero ser um bom professor para os meus alunos e que mostrar que é possível mudar de vida por meio dos estudos, não apenas financeiramente, mas principalmente como membro ativo da sociedade. Para isso precisamos nos enxergar e acessarmos o mundo que nos cerca.

## REFERÊNCIAS

- BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. Fundamentos antropológicos & sociológicos. João Pessoa, 2012.
- COSTA, Cristina. Sociologia: introdução à ciência da sociedade. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2007.

## **MEMORIAL ESCOLAR E MINHA TRAJETÓRIA PARA ESTAR ONDE ESTOU**

Amanda Edrielly Pereira da Silva

### **APRESENTAÇÃO**

Meu nome é Amanda Edrielly Pereira da Silva, nasci dia 19 de novembro de 2000, tenho 20 anos. Primogênita entre três irmãos, filha do casal Raimundo Adriano Pereira da Silva e Erivaneide Jecione da Silva. E por parte de pai tenho mais três irmãos. Sou natural da cidade de Cruzeta-RN, mas hoje resido na cidade de Acari-RN. Meus pais sempre moraram no sítio, então quando nasci fui direto para o sítio Vaca Brava, onde meus pais estavam morando no tempo, também é no município de Acari. Minha mãe estudou até o 1º ano do ensino médio, deixou de estudar porque engravidou de mim, desde então tem seu ensino médio incompleto e meu pai sendo o filho mais velho entre 8 irmãos, começou a trabalhar desde cedo e só estudou até a 4º série. Portanto, por não terem tido tamanha oportunidade nos estudos, sempre incentivam eu e meus irmãos a estudar e procurar melhorar naquilo que podemos.

### **MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR - ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL**

Minha trajetória escolar teve início em 2004, começou quando fui matriculada na Escola Municipal José Raimundo de Araújo que se localiza no Sítio Vaca Brava, onde eu residia no tempo. A escola era pública, primária e multisseriada e ainda é assim até hoje. Do mesmo modo que, a classe sendo multisseriada era boa para o professor, pois dava para ensinar à vários alunos de níveis diferentes, para mim não foi tão bom, visto que fui atrasada um ano no ensino. Além disso, mesmo

que sendo uma escola numa zona rural, sua infraestrutura era boa, porém pequena, mas para se tornar melhor era necessário investimentos, tinha o material necessário para a aprendizagem dos alunos como quadro negro e a cadeira possuía um apoio para realizar as atividades.

Meu pai trabalhava no sítio, assim como meu avô, mas um dia ele teve a oportunidade de encontrar um trabalho na cidade de Acari como moto táxi local - onde resido hoje - e assim nos mudamos para cá e comecei a estudar na Escola Municipal Professora Terezinha de Lourdes Galvão a partir da 1º série, Ensino Fundamental 1. A Escola possui uma infraestrutura bastante ampla, capaz de matricular muitos alunos; a educação sempre foi muito investida, para assim, as crianças terem um melhor aprendizado.

Lembro com clareza da minha primeira professora lá, tia Rosinha, que me recebeu de braços abertos enquanto eu morria de vergonha. Quando cheguei na sala, lembro da minha nova turma toda olhando para mim, por um momento fiquei paralisada, mas no final tudo ocorreu bem. Desde então, estudei lá até o 5ºano, todas as professoras eram maravilhosas e atenciosas, exerciam sua profissão com amor. Tinha uma professora inesquecível, tia Robenilda, infelizmente, hoje ela não está mais entre nós, mas enquanto estava viva sempre nos ensinou o valor do respeito e do caráter, ela era do tipo de professora que deixava claro que sempre estaria ali para o que precisássemos. Certa vez ela parou de dar aula e sabíamos que a mesma não estava bem, a doença já tinha lhe afetado bastante, mas em uma marcha cívica passamos em frente do apartamento dela e quando à avistamos começamos a gritar: "Tia Robenilda, nós te amamos!", lembro-me até hoje dela dizendo o mesmo para nós e se derramando em lágrimas. De fato, nunca me esquecerei dela.

“Aos velhos e jovens professores, aos mestres de todos os tempos que foram agraciados pelos céus por essa missão tão digna e feliz. Ser professor é um privilégio. Ser professor é semear em terreno sempre fértil e se encantar com a colheita. Ser professor é ser condutor de almas e de sonhos, é lapidar diamantes.” (GABRIEL CHALITA)

## CONTINUIDADE DO ENSINO FUNDAMENTAL ATÉ A CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO

A partir do 6º ano comecei a estudar na Escola Estadual Dr. José Gonçalves de Medeiros, onde também conclui o ensino médio. Nessa escola a experiência foi totalmente diferente da anterior, pois havia mais professores, mais matérias e muito mais coisas. Tinha muitos projetos como feiras de ciências, lembro com clareza do projeto do meu grupo, que foi uma horta em pneus e quando chegou o dia da exposição todas as mudas da horta tinham morrido, ficamos em desespero, no fim pegamos algumas folhas do que teria sido plantado e colocamos em cada pneu e deu tudo certo. Houve também o soletrando em que participei da classificação da sala e logo competi com a escola inteira, fiquei em 5º lugar, não ganhei nenhum prêmio, mas sai de lá com bastante conhecimento de muitas palavras.

Durante todos esses anos, é de suma importância citar a experiência que vivi em uma expedição dos bairros da minha cidade, em que a professora Clegiane me convidou para ser uma princesa que apresentaria o bairro em que estavam visitando e quando vi aquele monte de olhinhos fitos em mim enquanto contava a história de como eu havia perdido meu sapato - eu era a Cinderela- meu coração se derreteu de emoção. Essa apresentação foi para as crianças da mesma escola em que estudei até o 5ºano.

Quando cheguei no ensino médio, foi mais outra experiência, cada vez estava mais perto da conclusão escolar. Participei de vários eventos que foram bastante importantes para meu desenvolvimento e aprendizagem, como no 3º ano, em que houve um Sarau Literário Poético, foi lindo e perfeito, organizado por professores excelentes sendo eles Clegiane Santos e Bruno Rafael e ajuda da supervisão escolar. Vale ressaltar, também, o lançamento do livro “Mais de mim, Mais de nós...”, em que os organizadores foram os mesmo do sarau e os autores eram todos os alunos do último ano letivo, livro este cheio de crônicas, sobre a vida, pensamentos, desenhos, sonhos e anseios dos alunos e outros diversos assuntos; essa oportunidade foi única e creio que jamais será esquecida por aqueles que participaram.

## TENTATIVAS NO ENEM E INGRESSANDO NA UNIVERSIDADE

Em 2018, concluí o ensino médio e também foi minha primeira tentativa no Enem, no qual eu queria muito passar em medicina, mas não estava preparada o suficiente e quando saiu o resultado fiquei devastada de tristeza. No entanto, em 2019 tentei novamente e ainda queria medicina ou enfermagem, mas ainda não tinha chegado minha vez. Quando chegou 2020, larguei a ansiedade e apenas estudei, nesse ano comecei a dar aulas de reforços e assim criei uma grande simpatia pela área da pedagogia, que em minha cabeça jamais cursaria; comecei a ver a dificuldade que cada aluno possuía e queria ajuda-los como podia e então decidi tentar esse curso, fiz a prova e esperei. Em 2021, saiu minha nota e percebi que dava para colocar no curso de pedagogia e assim tentei, cada vez mais estava chegando perto do resultado final, mal conseguia me conter de emoção misturada com ansiedade, estava concorrendo com vários alunos por apenas 7 vagas disponíveis para a cota que eu tinha confirmado, quando chegou o último

dia, fui olhar minha classificação, pois nos dias anteriores eu ficava entre a 5º e por penúltimo dia estava na 8º colocação, e quando olhei vi que tinha sido aprovada na 7º vaga, meu coração saltou de alegria e toda minha família e amigos vibrando junto comigo, pois uma nova jornada ia ser iniciada em minha vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, venho por meio dessas simples palavras expressar minha alegria por chegar onde estou hoje. Devo meu agradecimento aos meus pais por sempre me incentivarem a ir cada vez mais longe e aos professores por toda dedicação ao ensino e pelo amor ao exercer essa profissão.

É válido ressaltar que a trajetória nunca foi fácil, mas com certeza valeu a pena. Cada esforço, cada lágrima, até mesmo as noites mal dormidas, tudo o que queremos e sonhamos podemos realizar, mas para isso existe um momento certo, uma hora certa, não no tempo que queremos, mas no momento em que tem que acontecer. Desistir nunca foi uma opção, a persistência sempre foi minha aliada. Hoje, mesmo no início do curso, já me sinto apaixonada pela área e eu sei que aqui me encontrei.

MEMORIAIS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIVERSAS  
Maria Aparecida Vieira de Melo; Joseane Maria dos Santos; Maria Clara Carneiro  
Câmara (Org.)

## ANEXOS



### Lançamento do Livro Mais de mim, Mais de nós...



### Sarau Literário Poético

MEMORIAIS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIVERSAS  
Maria Aparecida Vieira de Melo; Joseane Maria dos Santos; Maria Clara Carneiro  
Câmara (Org.)



**Dia em que fui Cinderela**



**Turma dos formando 2018**



**Formanda 2018**

Fonte: Autoria Própria

## REFERÊNCIAS

FRASES SOBRE OS PROFESSORES. Disponível em:  
<https://www.frasesfamosas.com.br/tema/professores>. Acesso em: 31 ago, 2021.

## MEMORIAL (TRAJETÓRIA DA MINHA FORMAÇÃO ESCOLAR)

Daniela Pereira dos Santos

### INTRODUÇÃO

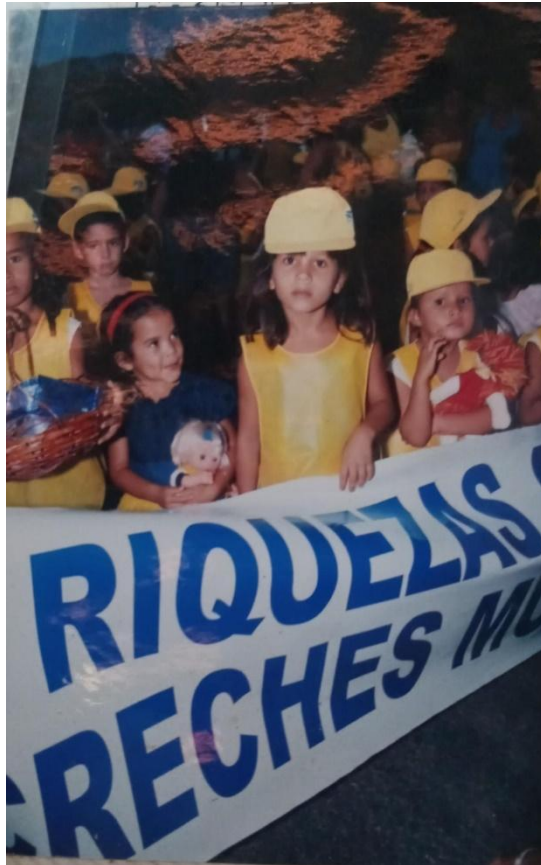
Nascida no dia 6 de junho de 2001, na cidade de parselas, filha de Maria Nazaré dos santos e João pereira dos santos, dos quais me orgulho de ser filha. Minha mãe, que morreu, era analfabeta e meu pai que me criou e que se fez impulsionador da minha educação, devido a alguns problemas que vivenciei na infância como: a falta de políticas educacionais, pobreza em sua família e a falta de incentivos por parte do próprio governo, não conseguiu terminar nem o fundamental 1. A educação que meu pai me deu foi a educação de vida, instruindo na formação de meu caráter e meu principal encorajador, sempre acreditando que através da educação eu poderia realizar todos os meus anseios de vida. Então, o objetivo desse memorial é relatar minha trajetória escolar, do ensino fundamental até o médio, dos quais foram indispensáveis para minha chegada à faculdade de pedagogia.

### ENSINO FUNDAMENTAL

Vou por meio desse tópico fazer um resumo geral sobre minha educação no fundamental. Bom, foi uma etapa da minha vida muito difícil, cheia de limitações. Iniciei o fundamental no Inácio Miranda, uma escola que fica no meu bairro mesmo, então era bem perto de minha casa, estudei o 1º e 2º ano do fundamental nessa escola e devido a dificuldades financeiras, tivemos que ir morar no sítio olho d'água na Timbaúba, pois foi onde meu pai encontrou emprego e foi uma estratégia também do meu pai para se aposentar mais rápido, e assim ter uma renda certa todo mês, para dar uma vida mais estável para mim

e ao meu irmão Daniel. Então por consequência experienciei estudar no sítio. Digo que não foi nada fácil, a escola era muito longe e eu e meu irmão íamos de bicicleta todos os dias, demorávamos cerca de 40 minutos para chegar à escola. Nessa escola faltava o básico, de alimento, de produtos de limpeza e até os próprios materiais necessários para dar aula, mas o que não faltava era o amor por ensinar que minhas professoras tinham por nós, apesar de todas as limitações que enfrentávamos. Os momentos que mais gostava era a hora da leitura, me lembro de uma história que amava muito, o nome do livro era: Menina bonita do laço de fita, contava a história de uma menina negra que usava laços coloridos e que era admirada por um coelho, essa história guardo na minha memória até hoje. Enquanto estudava, meu pai trabalhava muito para que eu pudesse estudar, estudei o 3º, 4º e 5º ano nessa escola rural e no 6º ano voltei a morar na cidade e voltei a estudar no Inácio, que foi onde concluí o ensino fundamental, foi difícil se adaptar à nova estrutura educacional, lembro-me que tinha muita dificuldade com as novas matérias, mas as minhas professoras foram ótimas e entendiam essa limitação que estava vivenciando naquele momento, então elas mudaram um pouco suas respectivas formas de ensinar, com o intuito de fazer das crianças que tinham mais dificuldades se adaptarem. Com dedicação de cada professor consegui me envolver mais, pois também era muito introvertida, os anos foram passando e fui me desenvolvendo, comecei a me destacar nas aulas e era umas das poucas alunas que se interessava nos conteúdos que estavam sendo abordados. Quando cheguei no último ano do ensino fundamental foi difícil saber que me separaria dos meus colegas e professores com quem estive durante muito tempo, mas ao mesmo tempo foi emocionante, pois estava concluindo uma etapa na minha vida para iniciar outra. Lembro-me como se fosse hoje, quando concluí o fundamental, me veio a notícia que tinha ganhado uma bolsa de estudo na cooepar, que é

uma escola particular da minha cidade. Estava orgulhosa de mim mesma, minha família estava feliz, pois eu estava conseguindo caminhar bem diante das possibilidades que a educação estava me proporcionando.





## ENSINO MÉDIO

Depois da notícia de que tinha ganhado a oportunidade de estudar o ensino médio na coeepar, confesso que fiquei um pouco receosa no início, pois estava com medo de não conseguir me enquadrar a essa escola, que até então julgava ser só para os de posição social mais alta do que a minha. Achava também o ensino difícil, estava insegura se iria conseguir me familiarizar com a metodologia dos professores, tudo era novo e o novo me assustava. Em meio a tantas incertezas fui encorajada por minha vice-diretora, a qual acreditava no meu potencial e fez questão de evidenciar isso. Por conseguinte, fiz a decisão em ir estudar lá, foi umas das experiências mais incríveis que já vivenciei. O 1º ano com certeza foi o mais difícil, pois estava ainda em processo de adaptação com o novo ambiente escolar, com os colegas e com a forma de ensinar dos professores, pois ainda me sentia perdida em meio a tantas transformações. O tempo foi passando, e até então estava totalmente adaptada, os professores eram incríveis, totalmente capacitados, estavam

dispostos a nos ensinar e nos fazer vencer através de uma educação de qualidade. A maior realização deles era nos ver ingressar em uma universidade e estavam trabalhando muito para que isso se tornasse realidade, mas até então não queria ingressar na faculdade, visto que não tinha decidido em qual área queria atuar, desse modo, os professores inventaram uma espécie de projeto que eles chamaram de “Mostra de profissões”, o intuito desse projeto era convidar profissionais já formados para falar durante algum tempo sobre sua profissão e foi assim que descobri o que queria fazer de minha vida. Após a semente da profissão ter sido plantada em meu coração, eu a reguei através dos estudos, para que assim a semente brotasse através de uma possível aprovação no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).



## GRADUAÇÃO

Quando fiz a prova do ENEM, tinha o desejo, como todo mundo que faz essa prova, de ser aprovada e ingressar em uma universidade. Como sempre, permiti que a insegurança surgisse em meu coração, tinha a certeza de que não conseguiria ser aprovada, não me achava capacitada, apesar de todos os professores bem preparados que passaram pelo meu caminho, e que através dos seus esforços me capacitaram e me fez crer que poderia realizar os meus sonhos através da educação. Quando recebi o resultado fiquei surpresa, não esperava por aquela pontuação, era mais uma vez o destino me mostrando que tinha que prosseguir com os estudos. Tentei uma vaga no curso de pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no campus de Caicó, que era a profissão e a universidade que almejava em minha vida. Quando saiu a lista de aprovados, eu estava nela, fiquei muito feliz, pois iria ser professora, uma professora que não somente expõe o conteúdo, mas que através dessa profissão seria doadora de sonhos, sonhos que podem ser alcançados. Atualmente estou no 1 período do curso e a experiência está sendo transformadora em minha vida, é incrível saber que poderei ser responsável pela formação de seres, não só acadêmica, mas também poderei contribuir para a formação de seus interiores, moldando-os para se tornarem indivíduos preparados para lidar com um mundo no qual estão inseridos. Com isso, sinto-me inspirada por uma frase de Hannah Arendt, ela diz assim: “A educação é onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo”. Essa frase da autora, em minha opinião, representa bem o papel do professor, quero ser uma pedagoga capaz de formar essas crianças em adultos responsáveis, preparando-os para o enfrentamento das dificuldades que irão surgir em sociedade.

## CONCLUSÃO

Minha trajetória para chegar até onde estou hoje, foi marcada de medo, insegurança e dúvidas, mas fui guiada por pessoas que somaram em minha vida. Sou grata a meu pai e professores que foram indispensáveis para a formação do meu ser. Diante disso quero destacar o que Paulo Freire diz: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Com base nisso, quero mais uma vez salientar a contribuição que tanto a escola como família tiveram para meu sucesso na trajetória escolar. Quero ser uma professora que não só ensina, mas que também aprende com os alunos, pois independentemente se for docente ou discente, cada um com sua particularidade tem algo a ensinar. Agradeço a pedagogia por ter me escolhido, afinal é a profissão que nos escolhe. Através desse memorial quero deixar claro o que a educação fez em minha vida, pois me foi dada a missão em transformar o livro e a caneta em armas poderosas, para fazer do mundo um lugar mais afável para se viver, longe dos estereótipos criados no âmbito social.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. A crise na educação. **Entre o passado e o futuro**. São paulo:perspectiva.7.ed.2011:348p.  
FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de janeiro: paz e terra. 65. ed. 2018.

## MEMORIAL

Isabela Ferreira Alves

Meu nome é Isabela Ferreira Alves, tenho 20 anos e vou contar um pouco da minha trajetória escolar e da minha escolha profissional em relação à educação. Quero começar esse memorial contando a trajetória da minha família em relação a escola. Nasci e cresci em um ambiente rural, meus pais viveram boa parte de sua vida no sítio. Meu pai morava no sítio Pocinhos, localizado no Município de Jucurutu/RN (cidade onde nasci) e minha mãe no sítio Três Ponteiiras, localizado no Município de São Rafael. Meu pai frequentou a Quero Escola até o 4º ano, nunca foi muito incentivado a estudar, veio de uma realidade aonde a minha avó era alfabetizada, mas teve uma educação escolar bem deficitária e o meu avô não estudou. Meu pai conseqüentemente não se sentia atraído pelos estudos e infelizmente não aprendeu a ler, inclusive os outros 6 irmãos dele, apenas um é alfabetizado.

A falta de incentivo e a necessidade de trabalhar na roça: plantado, cuidado das vacas etc.; fizeram com que meu pai largasse os estudos. Já a minha mãe é alfabetizada e concluiu o ensino médio, mas também teve algumas complicações, ela teve que ir morar na casa dos estudantes em Jucurutu, pois naquele tempo não tinha ônibus para se locomover e muitos menos outro transporte. Não cursou um ensino superior, pois não tinha muita vontade e os gastos eram enormes com transportes e os meus avós maternos não tinham como arcar com esse custo a mais. Vale ressaltar que os irmãos da minha mãe, que eram 6, somente dois cursaram faculdade, a minha tia (a primogênita) que inclusive é pedagoga e o meu tio (o caçula) se formou em direito. Como vocês podem ver a família da minha mãe, embora tenham se criando no meio rural, ainda sim conseguiram estudar.

Eu tive uma infância maravilhosa, brinquei bastante e pode ser uma criança feliz e estudar, mas tudo isso foi graças aos esforços dos meus pais que sempre incentivaram e fizeram tudo que estava ao alcance deles para que eu e as minhas duas irmãs tivéssemos acesso à escola. Aos meus três anos sai do sítio Pocinhos e vim morar com os meus avós paternos (a quem agradeço imensamente pelo apoio e amor no tempo que estava com eles) justamente para estudar, meus pais continuaram no sítio ainda por mais dois anos, até que a minha irmã caçula precisou vir também, aí eles decidiram vim morar na rua.

Esse memorial é instrumento avaliativo da terceira unidade da disciplina de Estudos Sociológicos e Antropológicos da Educação, da professora Maria Aparecida Vieira Melo. Com objetivo de analisar nossas raízes e histórias e de como se deu o processo de educação e suas contribuições na minha formação como pessoa e estudante.

A seguir me veio a lembrança essa canção Aquarela – Toquinho:

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo  
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo  
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva  
E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva  
Se um pingüinho de tinta cai num pedacinho azul do papel  
Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu  
Vai voando, contornando a imensa curva norte e sul  
You com ela, viajando, Havaí, Pequim ou Istambul  
Pinto um barco a vela branco, navegando, é tanto céu e mar  
num beijo azul.....

Essa música me traz alegria e me faz lembrar do tempo que eu era criança e da minha querida Escola/Creche Municipal Valdemir Fernandes de Medeiros, apelidada carinhosamente como Tia Dimir. A ela minha eterna gratidão a qual estudei dos meus três aos dez anos de idade, lugar onde me alfabetizei e fui muito feliz, fiz amigos e recebi muito incentivo dos professores e

diretores. Essa escola faz parte de mim! Sonho um dia poder voltar lá e lecionar naquela escola, como forma de retribuição por tudo que eles fizeram por mim. Quero ressaltar novamente o apoio dos meus avós nesse período inicial de adaptação, a qual chorei bastante e não queria ficar na escola, minha vó foi muita sábia e não me pressionou até que eu estivesse preparada para finalmente encarar uma sala de aula cheia de crianças e professores a quem não estava acostumada. Nunca vi a escola como uma obrigação e sim como uma máquina de realização de sonhos. Minha mãe sempre me dizia estude muito minha filha, seja alguém na vida, não dependa dos outros, ela nunca deixou que eu ou as minhas irmãs faltassem um dia de aula. O apoio dos meus pais foi/e continua sendo primordial para que eu consiga estudar e me formar.

Em 2012 comecei a estudar na Escola Estadual Antônio Batista da 5ª série até o 9º ano, aprendi bastante coisas, fiz muitas amizades e tive excelentes professores, e excelentes notas.

Em 2017 mudei de escola para fazer o ensino médio. Deixo aqui a minha eterna gratidão a Escola Estadual Newman Queiroz onde passei três anos estudando. A educação era um pouco deficitária, pois não tinha professores para todas as matérias, e fiquei frustrada com a promessa de um curso que nunca aconteceu. Mas a escola tinha seus aspectos positivos, a exemplo de: eventos, sarais, apresentações a qual a comunidade participava ativamente que me permitiram uma vivência surreal com as histórias dos outros. O ensino deficitário que as escolas públicas do Brasil oferecem deixou marcas na minha trajetória, pois não fui preparada para o Enem e, por a escola não oferecer uma ajuda em relação ao que poderíamos cursar, fiquei um pouco perdida. Quando concluí o Ensino Médio (2019) fui fazer a minha primeira experiência no Enem, que não foi nada agradável, sai muito chateada e com medo em relação ao que eu iria fazer após o ensino médio, ainda

nesse ano recebi os resultados e não passei na primeira chamada, só então na segunda chamada que passei, mas como eu era muito nova e não sabia o que queria da vida decidir não cursar pedagogia.

Em 2020 em meio a uma pandemia, sem acesso a coisas básicas como internet e por não ter dinheiro para pagar o cursinho, não consegui estudar, nem celular eu tinha. Se já não bastasse toda a ansiedade que estávamos vivendo em meio a esse vírus, ter que lidar com isso foi difícil. No final do ano de 2020 consegui comprar o celular e estudei o tempo que restava, extremamente abalada fui fazer aquela prova dizendo para mim mesma que seria a última vez que iria passar por aquilo. Os resultados saíram e não conseguir passar na primeira chamada. Meu coração teve que fazer uma escolha difícil entre psicologia (que era o meu sonho) e pedagogia, algo me dizia que eu escolhesse pedagogia, simplesmente Deus revira nossos planos e refaz tudo aquilo que um dia eu tinha planejado. Recebi o resultado e passei, aqui estou eu! Dessa vez estava tranquila e decidida a fazer essa jornada, que está superando as minhas expectativas, estou me sentindo muito feliz e com o desejo de ser a melhor professora e incentivar e deixar marcas na vida dos meus alunos e na educação brasileira.

Quero concluir esse memorial agradecendo por todas as dificuldades e por cada escola, professor, diretor, merendeira, pessoal da limpeza que me ensinaram muito sobre respeito, cuidado, amor e didática. “A vontade de Deus é boa, perfeita e agradável” -Romanos 12-2

## REFERÊNCIAS

<https://viacarreira.com/memorial-academico/>  
<https://www.lettras.mus.br/toquinho/87320/>  
[https://www.bibliaon.com/versiculo/romanos\\_12\\_2/](https://www.bibliaon.com/versiculo/romanos_12_2/)

## MEMORIAL MINHA JORNADA PELA EDUCAÇÃO

Higna Cristine de Oliveira Maia

### INTRODUÇÃO

Pretendo retratar neste Memorial como foi a minha educação e meus anos de estudante, vou retratar nestas páginas todos os desafios ao qual enfrentei, irei narrar como foram os anos em que estudei, descreverei até o ponto que consigo me recordar como foram esses anos, vou discorrer os problemas que tive de enfrentar para conseguir terminar a escola, sendo um deles o fato de viver em uma zona rural e o transporte que levava os alunos para escola estar sempre com problemas, muitas vezes não vindo e deixando com que muitos alunos perdessem muitas aulas, o qual foi a caminhada que me levou até a universidade.

### FUNDAMENTAL

Comecei a estudar os meus 6 anos, na época já era comum começar aos 4 anos, mas eu tinha uma tendência a brigar, eu brigava muito com as outras crianças, então meus pais esperaram um pouco para me colocar na escola. Por isso comecei meus estudos aos 6 anos em uma escola pública perto da minha casa, era uma escola estadual. Infelizmente por falta de verba a escola passava por muitos problemas e ela veio a fechar, então tive que estudar em outra escola onde comecei a estudar no 1º ao 5º ano. Vou falar um pouco de cada ano o que eu me lembro pelo menos.

## **1º ANO DO FUNDAMENTAL**

Comecei a cursar o 1º ano do fundamental em uma escola estadual perto da minha casa que se encontra em uma zona rural, a escola tinha muitos problemas incluindo a falta de renda, por isso ela veio a fechar. Não consegui terminar o primeiro ano nela, então eu fui transferida para outra escola, esta sendo municipal, onde eu terminei o primeiro ano embora não acompanhasse meus outros colegas, acabei por ser passada sem saber a matéria.

## **2º ANO DO FUNDAMENTAL**

Devido ao sistema que passa todos automaticamente até o terceiro ano eu acabei sendo aprovada no primeiro ano sem acompanhar bem a matéria. Então no segundo tive muitas dificuldades e acabei por ser promovida de ano também, sem conseguir acompanhar muito bem as matérias. Conseguia entender o que os professores estavam passando e o que estava sendo dito porque eu não aprendi o que era necessário no primeiro ano, mas acabei também tendo passado de ano automaticamente.

## **3º ANO DO FUNDAMENTAL**

Neste ano, devido não ter acompanhado bem o que me foi ensinado nos outros anos, eu sentia muita dificuldade em acompanhar a turma, mas entrou uma professora nova, a qual percebeu minha dificuldade e por meio das atividades que ela passou, quando percebeu as minhas dificuldades, ela fez tarefas comigo que me ajudaram aprender o que eu não consegui nos outros anos. Devido a ela que finalmente consegui acompanhar o conteúdo que estava sendo dado, e consegui acompanhar a

turma normalmente. Por causa disso, eu consegui acompanhar o terceiro ano sem muitos percalços.

#### **4º ANO DO FUNDAMENTAL**

Este ano eu não estava mais atrasada em relação aos meus colegas e consegui acompanhar a matéria sem grandes problemas, mas devido ao transporte que faltava muito, ainda tinham muitos dias de aula perdido, pois a professora também andava nesse transporte e devido a isso muitas vezes fechavam o ano sem ter dado toda a matéria que precisávamos no meu quarto ano de ensino fundamental. Foi onde descobri também um dos maiores inimigos na vida acadêmica, a matemática, é claro que eu tive aula de matemática antes, mas até aquele momento eu não a considerava algo difícil, mas no quarto ano foi onde ela foi ficando mais complicada e eu já não conseguia a entender muito bem, mas fora isso consegui acompanhar a turma sem problemas e passar o quarto ano por média.

#### **5º ANO DO FUNDAMENTAL**

Meu quinto ano transcorreu sem problemas algum. Meu maior inimigo para aprender era a matemática, mas mesmo assim eu conseguia acompanhá-la sem me atrasar em relação aos outros, como aconteceu anteriormente. Neste ano também foi aprovada por média.

## 6º ANO DO FUNDAMENTAL



(Fonte: arquivo de autoria própria), foto tirada em casa antes de ir esperar o ônibus no meu primeiro dia do 6º ano.

Eu a caminho do meu primeiro dia de aula no sexto ano. O sexto ano não era cursado mais na Zona Rural, onde eu morava, mas na cidade de Jardim de Piranhas, então eu tinha que ir em um ônibus para lá, admito que fiquei nervosa, mas também estava muito empolgada, foi de certa forma, era uma nova fase. Meu sexto ano ocorreu sem muitos problemas o qual eu fui vendo as mudanças que era da escola que eu estudei anteriormente para aquele estava agora, começando pela forma que eram dadas as aulas, antes era um professor para todas as matérias, mas agora era um professor para cada matéria. Foi estranho para mim, estava acostumada com o antigo sistema, mas depois que me habituei consegui concluir um ano sem muitos problemas.

## 7º ANO DO FUNDAMENTAL

Neste ano descobri que eu gostava muito de história, eu me identifico muito com matéria e gostava bastante da professora,

mas algo muito triste aconteceu, ela acabou morrendo de uma doença que tinha, ninguém sabia dessa doença pelo menos entre os alunos dela na minha classe. Quando descobrimos que ela morreu foi um choque, todo mundo ficou muito triste e eu fiquei abalada porque ela era muito querida, também estava chocada pois nunca imaginei que isto pudesse acontecer, eu adorava a matéria dela, senti muito a falta das aulas dela, foi um ano meio triste pois até o final do ano sentimos uma melancolia pela falta dela.

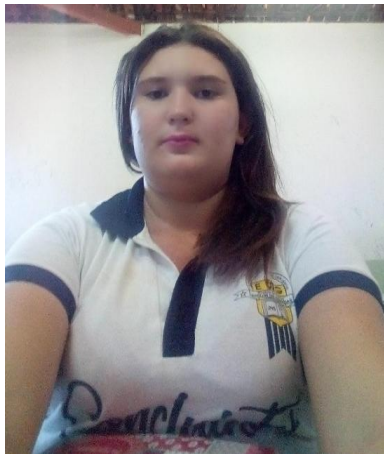
## 8º ANO DO FUNDAMENTAL



(Fonte: arquivo de autoria própria), foto tirada na hora do recreio um pouco antes de eu ir para a biblioteca do meu colégio pela primeira vez

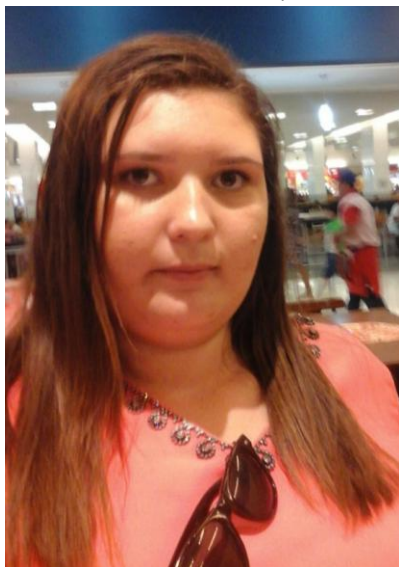
Oitavo ano em que estudei descobri meu amor pela leitura, eu tinha uma professora de geografia que também gostava muito de ler, ela recomendava livros, falava muito deles durante a aula dela então eu fiquei interessada. Fui para a biblioteca da escola, lembro que levei um livro emprestado, lembro até hoje qual foi o primeiro livro que eu peguei emprestado: “O Último Sacrifício” de Richelle Mead, eu ainda até hoje tenho um enorme apreço por aquele livro, pois foi o que abriu as portas da leitura para mim naquele ano. Eu ganhei o prêmio da escola do melhor leitor do ano, dado para quem leu mais durante o ano todo, também comecei a gostar mais das aulas de português, pois me interessava muito pela escrita assim como a leitura, foi um ano que eu disse que eu descobri um dos maiores amores que eu tenho até hoje: ler, também lembro que a minha professora passou um dever para ler o livro de “O Santo e a Porca” de Ariano Suassuna, que coincidência com com a minha descoberta do meu amor pela leitura. Então é um ano que eu sempre vou recordar com muito carinho, o meu 8º ano do ensino fundamental.

### **9º ANO DO FUNDAMENTAL**



(Fonte: arquivo de autoria própria), foto do meu primeiro dia do 9º ano

Meu nono ano foi um ano muito bom, era o ano que todos esperavam chegar pois havia uma professora que fazia uma viagem para Natal com os alunos do 9º ano. Todos os anos então sempre havia maior empolgação, minha turma se juntou para vender com para gente poder ir para essa viagem, também temos que dar notas boas poder ir nela, então todos se esforçaram muito. Todos estavam sempre empolgados falando dela mesmo antes de ir, ela era sensação entre os alunos e eu não estava diferente, pois o mais longe que eu tinha ido da minha cidade foi para Caicó e para Natal a capital do Estado. Era algo muito animador quando chegou o dia da viagem, tava todo mundo contente.



(Fonte: arquivo de autoria própria), foto no maior shopping de Natal na viagem da turma do 9º ano da Escola Municipal Monsenhor Walfredo Gurgel)

A nossa nota seria dada pelo um resumo que faríamos sobre três animais no aquário de Natal que fomos visitar na viagem, a escolha estava livre para cada aluno, lembro que foi

uma viagem marcante e todos estávamos atentos ao que era dito sobre os animais. No aquário não foi permitido tocar em alguns animais então eu alisei uma cobra, eu lembro que foi muito emocionante, eu também consegui encostar em um tubarão, foi algo surreal. É uma viagem que vai ficar marcada na minha lembrança para sempre no nono ano, eu também ganhei o prêmio pela segunda vez de melhor leitora do ano. Meu nono ano se fechou assim como minha trajetória pelo fundamental.



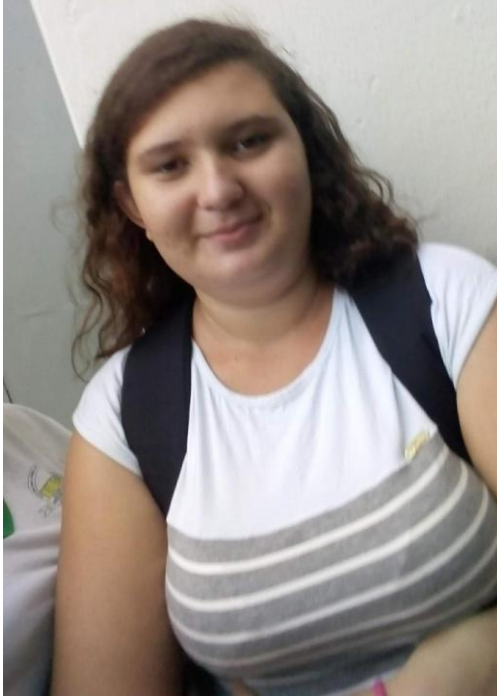
(Fonte: arquivo de autoria própria), eu e minha amiga na festa de fim do 9º ano



(Fonte: arquivo de autoria própria), eu e minha professora de Geografia na festa despedida do 9º ano

## ENSINO MÉDIO

Vou contar o meu caminho para o ensino médio e narrarei como um foi a conclusão do ensino médio nestes tempos de pandemia, também vou narrar as dificuldades enfrentadas pelos alunos da rede estadual que vivem em Jardim de Piranhas, pois o estado não disponibiliza ônibus para esses alunos então eles tem que ir no ônibus do município e estão sujeitos ao transporte municipal, então quando há feriados para o município e não por Estado os alunos do Estado acabam sendo prejudicados, os alunos têm que se virar para conseguir assistir à aula e muitas vezes aqueles que não possuem transporte próprio acabam perdendo a aula que pode vir essa importante, principalmente a dificuldade nas épocas de provas quando o ônibus quebrava e não havia conserto para ele.



(Fonte: arquivo de autoria própria), foto tirada no meu primeiro dia estudando no ensino médio no colégio Estadual Amaro Cavalcante.

Meu primeiro ano no Colégio Amaro Cavalcanti foi outro ano de adaptação, pois houve um aumento nas matérias que eu estudava e também todos os professores que eu estudei mudaram. Pairava no ar uma nova seriedade, pois muitos dos alunos lá perceberam que não eram mais crianças e eu estava incluso nesses alunos, minha vida de estudante ficou mais atribulada, pois os professores começaram a exigir trabalhos diferentes do que eu havia feito até aquele ponto, começaram a pedir fichamentos e também pediram slides, isso tudo foi novidade, mas também foi muito enriquecedor, pois me preparou pelo que viria pela frente. Consegui acabar o ano sem

grandes problemas, apesar do transporte que me levava para escola ter quebrado muitas vezes, e eu e outros colegas que eram da zona rural tivemos muita dificuldade em recuperar as matérias e as aulas que elas foram perdidas devido ao ônibus. Além da minha dificuldade com matemática, as faltas do ônibus só agravaram mais ainda esta dificuldade, mas com o auxílio de ferramentas como por exemplo o YouTube consegui terminar o meu primeiro ano do ensino médio sem grandes problemas.

Meu segundo ano no ensino médio também foi assombrado pelos problemas que o transporte apresentava, as matérias também ficavam mais difíceis, mas os professores explicavam bem e retiravam todas as nossas dúvidas.



(Fonte: arquivo de autoria própria), foto do evento entre classes promovido pelo colégio Amaro Cavalcante

No meu segundo ano o colégio também fez um evento, em que as classes na época do São João, em todos os três anos de todos os turnos, iriam competir entre si por alguns pontos. Havia pontuação pela caracterização, então todos os alunos se caracterizaram, seriam quatro eventos principais além da

caracterização. Foi uma peça, um concurso de tiro ao alvo, uma mini gincana e uma etapa de perguntas e respostas, eu lembro que todos nós indicamos muito para esse evento, além de termos conversado com os outros estudantes dos demais turnos. Foi algo muito divertido.

O meu segundo ano também foi um ano mais tenso, pois começava a pairar sobre nós o fantasma do Enem, ele estava no primeiro ano conosco também, mas no segundo ele ficou mais evidente ainda. Muitas das preocupações do que nós faremos depois que acabasse a escola também estavam presentes, mas mesmo com esse fantasma eu e minha turma conseguimos terminar o ano sem grandes atribulações.

No segundo ano também fomos trabalhar um livro chamado “Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso” que tinha capítulos muito interessantes, se teve um que me marcou muito que tinha era um que era o capítulo que era a segunda unidade do livro, esse capítulo marcou muito porque ele apresentava muitas formas de leitura e muitos beijos, esses capítulos eram muito interessantes. Um dos que eu mais gosto é o romance indianista e o romance regional também estavam presente, mas mesmo com esse fantasma eu e minha turma conseguimos terminar o ano sem grandes atribulações

Meu terceiro ano do Ensino Médio foi concluído por meio de tarefas e não ia ver, pois foi nesse ano que a pandemia chegou ao Brasil e as escolas não estão preparadas para ela. O que começou sendo um mês ou um pouco mais sem aulas, devido a pandemia, se estendeu pelo ano inteiro, meu terceiro ano se baseou somente em atividades online, pois nem a escola nem os professores estavam preparados para dar aula fora da sala, então eles disponibilizavam os conteúdos para lermos e dava uma atividade para responder e foi pelo meio que eu vim a concluir meu terceiro ano do ensino médio.

## ENEM

Fiz o Enem repleta de inseguranças, pois não consegui ajudar o terceiro ano em toda sua plenitude, mas eu consegui prestar o exame e também fui aprovada. Nele, consegui nota para ser aprovada no curso de pedagogia da UFRN de Caicó.

## UNIVERSIDADE

Agora estou cursando o curso de pedagogia da UFRN de Caicó, curso do qual aprendi que pedagogia não é somente ensinar para crianças, o que todos pensam. Pedagogia abrange muitas áreas, o curso também me abriu novos horizontes e mostrou novos aspectos sobre muitas coisas que eu achava que conhecia, estudar neste curso é um grande privilégio e também é um desafio que estou enfrentando agora e como todas as outras etapas do meu ensino pretendo concluir sem grandes adversidades, também pretendo tirar o melhor proveito de todas as experiências que viverei neste curso.

## CONCLUSÃO

Eu discorri sobre toda minha jornada de ensino e aprendizagem ao longo da minha vida neste Memorial, contei quais foram as dificuldades e também momentos marcantes que sempre levarei comigo, escrevi sobre a descoberta de uma paixão que eu sempre vou ter comigo que é a leitura, também relatei a novos lugares que fui e experiências que vivi, e para encerrar vou afirmar que este memorial não está nem perto de ser completo, pois não terminei minha educação sendo que ela está só no começo, mas por enquanto é isto que posso relatar sobre mim na minha jornada pela educação.

Sendo a primeira da minha família a cursar uma universidade tanto pelos lados da minha mãe quanto do meu

pai, pois minha mãe só estudou até o 6º ano do ensino médio e meu pai muito menos que isso, no máximo frequentou um ano de escola, também já ouvi muitos relatos da minha avó de como era difícil o acesso à escola que eram longe da casa dela e que uma mulher na época dela não poderia ir sozinha para escola no meio das estradas, então ela sempre tinha que tá esperando por companhias até altas horas para poder ir para o colégio e às vezes quando chegava lá a professora dizia que não ia ter aula, e elas tinham que voltar novamente para casa num caminho muito longo. Comparada com a época da minha avó, eu não vou dizer que meu estudo foi fácil, pois não foi, mas eu tive mais acesso e melhores condições para poder estudar e foi isso que me levou até a universidade. Para concluir vou dizer que cada vez mais a educação deve se tornar acessível para podermos mudar nosso país, por meio dela também nos tornamos pessoas mais compreensivas de nós mesmos e nossos papéis na sociedade, afinal.

## REFERÊNCIAS

- SUASSUNA, Ariano. **O Santo e a Porca**. Rio de Janeiro. 2 ed. Olympio: Plauto, 1974.
- CEREJA, William Roberto. Português **contemporâneo**: diálogo, reflexão e uso, vol. 2 / William Roberto Cereja, Carolina Assis VIANNA, Christiane Damien Codenhoto Dias. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

## MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO

Claudio Oliveira Cavalcanti

### INTRODUÇÃO

Para aqueles que leem este memorial autobiográfico, queria dizer: sejam bem-vindos(as) à minha trajetória acadêmica, na qual vivenciei diversas experiências e pretendo aqui contá-las. Com intuito de iniciar esse percurso, primeiramente gostaria de me apresentar. Atendo pelo nome de Cláudio Oliveira Cavalcanti, sou natural de Jardim de Piranhas, cidade que fica no interior do Rio Grande do Norte - Nordeste, atualmente tenho 21 anos, estou cursando o terceiro semestre no curso de História na modalidade licenciatura e cada vez mais me apaixono pela ideia de ser professor e trabalhar na área da educação.

Após esta pequena introdução, destaco que esse memorial tem alguns objetivos a serem cumpridos. Primeiro, ele tem a intenção de contar um pouco da minha história e relação com a educação. Segundo, servi como objeto avaliativo da terceira unidade da disciplina Didática ministrada pela professora Maria Aparecida Vieira de Melo. Terceiro, compor o projeto em formato de livro intitulado "Caderno de Formação de professores: práticas formativas", idealizado pela própria professora da disciplina. Dessa forma, utilizando os conceitos e conteúdos debatidos nas aulas de Didática, construirei meu texto visando expor minhas experiências anteriores bem como o ganho intelectual proporcionado pela disciplina e a visão que tenho sobre a educação, levando em conta o momento atual da minha vida acadêmica e profissional.

## REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO VIVENCIADA

Ao longo da nossa vida, passamos por várias etapas e fases da educação que são essenciais para desenvolvermos melhores relações com o meio no qual estamos inseridos e com o mundo. É na escola que temos nosso primeiro contato com um meio social extrafamiliar, aprendemos a pensar em grupo, lidamos com as diferenças e desenvolvemos alguns direitos e deveres básicos, como o respeito com o próximo.

Minha experiência formativa por meio da educação foi bastante satisfatória e diria normal. Após o período de alfabetização, iniciei meu Ensino Fundamental I na Escola Municipal Evanildo Mariano dos Santos por volta dos seis anos, no quarto ano tive problemas com matemática e repeti de ano, terminando, assim, o fundamental I em 2011, um ano mais tarde do que o previsto. Lembro-me de ter gostado bastante da professora do quinto ano, a qual chamava carinhosamente de tia Ivoneide, pois ela sempre incentivava os alunos mesmo quando erravam e tinha uma metodologia que me fazia gostar de matemática.

Partindo para o Ensino Fundamental II em 2012, passei a estudar na Escola Municipal Monsenhor Walfredo Gurgel e dessa vez, sem repetir, construí boas relações com os professores e colegas. No 1º bimestre do sexto ano alcancei notas baixas em algumas matérias devido ao novo método de ensino, porém consegui me adaptar bem nos bimestres seguintes. No sétimo e oitavo ano, lembro-me que consolidei minha vontade de ser professor a partir do contato com dois mestres que levo no fundo do coração até os dias de hoje, um deles é professor de Português Francinaldo e a outra uma professora de Inglês chamada Sulamita. No nono ano, ocorreu a consolidação de mais um ciclo e a despedida daquele espaço, fiquei bastante triste, mas ao mesmo tempo feliz por estar sendo aprovado e dando mais um passo na vida acadêmica.

Chegando no Ensino Médio em 2016, realizei a matrícula na Escola Estadual Amaro Cavalcanti, um espaço que guardo excelentes memórias e grandes saudades, foi lá que conheci a maioria dos meus amigos atuais e realmente me senti crescer como ser humano. O primeiro ano, foi marcado pelo descobrimento da filosofia, ciência humana base de todas as outras que gosto muito até hoje, o segundo, teve alguns imprevistos e ficamos sem alguns professores e, o terceiro, foi ano de ansiedade devido às reflexões sobre os passos seguintes que deveria percorrer na minha vida. Iniciei o primeiro ano do ensino médio como treineiro para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), no terceiro ano, em 2018, realizei a prova, todavia, não obtive boa nota e minha aprovação para o curso de História só aconteceu em 2020, tendo o ano de 2019 sido um longo período de preparação, angústia, medo e luta pelos meus sonhos como estudante.

Devido a pandemia ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2 (COVID-19) nos apropriamos dos meios virtuais para dar continuidade ao exercício de ensino e aprendizagem. Assim, a sala de aula presencial do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na qual sou aluno, foi trocada pela plataforma Google Meet, dessa forma, é por meio deste ensino remoto que estou vivenciando minha primeira graduação, visto que o isolamento social entrou em vigor no início do meu primeiro semestre. É um pouco difícil, mesmo já tendo passado algum tempo, a saudade do presencial aperta o peito todo dia, mas com o auxílio dos colegas e dos professores a experiência está sendo satisfatória.

Atualmente, no meu terceiro semestre, como já falado na introdução, curso a disciplina de Didática, na qual desenvolvemos várias reflexões sobre a prática educacional e as possibilidades que o professor(a) pode utilizar para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, do qual iremos fazer parte

sendo futuros educadores, assim como meios didáticos para desenvolver o conhecimento de forma mais leve e substancial com os alunos. Um dos primeiros conceitos trabalhados, presente no volume um do livro “Didática” dos autores Ivanda Martins e Roseane Nascimento, foi o de interdisciplinaridade.

É notório a necessidade desse conceito ser colocado em prática, haja vista a interatividade proporcionada pelas redes, bem como, os resultados das ações que recebe uma proporção global, é cada vez mais necessário que os professores comecem a trabalhar conjuntamente e desenvolvam discussões interligadas sobre determinados temas. Além disso, se faz necessário a contextualização desse conhecimento na vida local e social do aluno para que haja a passagem de um ser passivo, mero espectador, para um ser ativo, comprometido com sua realidade e tempo. Essas práticas fizeram parte da minha formação no Ensino Médio, principalmente, nas áreas de humanas e linguagens, porém em exatas e ciências naturais esta implementação se mostrou um pouco falha.

Outro fator debatido foi a importância do planejamento na vida do docente para sua prática pedagógica. A partir do planejamento o professor estabelece os objetivos que quer alcançar através da sua fala, também reflete sobre a constituição da turma levando em conta as diferenças entre os alunos e os ritmos de aprendizagem que cada um detém, sendo assim, esta prática se torna essencial. Outros pontos são o projeto político pedagógico e o plano de aula, o primeiro, se refere ao aspecto social da escola e pode ser entendido como o desenvolvimento de ações que proporcionem a construção de seres humanos aptos para se relacionarem socialmente e construir uma sociedade mais justa, o segundo, diz respeito ao esqueleto metodológico e teórico que os professores vão utilizar em cada aula, levando em consideração os objetivos e competências que devem ser desenvolvidas, diante do posto,

destaca-se que ambos se caracterizam como processos de planejamento e são essenciais na vida docente.

Por fim, tivemos um excelente debate sobre as múltiplas inteligências, teoria desenvolvida por Gardner e que está presente no segundo volume da obra “Didática” de Ivanda Martins e Roseane Nascimento. Nessa perspectiva, vale enfatizar que essa temática é necessária no mundo escolar, visto que ficamos muito atentos aos conhecimentos específicos de disciplinas e não damos o devido valor aos outros tipos de inteligência, como a musical, corporal, espacial, entre outras. Dito isso, trazer estas para dentro de sala de aula se torna crucial para um desenvolvimento humano mais abrangente dos alunos, sem falar na possibilidade de abordar habilidades que não seriam possíveis com o ensino tradicional.

## CONCLUSÃO

Diante do exposto, relembro minha trajetória e os conhecimentos adquiridos na disciplina, destaco que há uma necessidade de se pensar estrategicamente antes da realização da prática pedagógica, necessita-se também uma colaboração entre professores para a formulação de planos conjuntos que abordem temas e assuntos de forma interdisciplinar e global, levando em conta a vida do aluno, além disso, prezar pelo uso de meios diferentes e didáticos para a construção das avaliações.

A partir dos diálogos construídos em sala durante a disciplina e nesse semestre, tenho em mente novas visões sobre a arte de dar aula, sobre a função do profissional que lida com a educação. Reflito também sobre questões norteadoras que me ajudaram no desenvolvimento da prática pedagógica e da função de mediador no processo de ensino-aprendizagem. Portanto, concluo essa autobiografia, agradecendo ao corpo constituído da professora, monitoras e colegas que me

proporcionaram um melhor aprofundamento em aspectos centrais que contribuiram, sem dúvida, para a realização da minha profissão.

## REFERÊNCIAS

- MARTINS, Ivanda; NASCIMENTO, Roseane. **Didática**. Recife: UFRPE, 2011. p. 111. 1v.
- MARTINS, Ivanda; NASCIMENTO, Roseane. **Didática**. Recife: UFRPE, 2010. p. 79. 2v.

O **Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas** é uma sociedade civil sem fins lucrativos, com finalidade educativa e cultural que se propõe a manter vivas as ideias de Paulo Freire, educador pernambucano, referência no Brasil e no mundo. Sua contribuição para a Educação foi oficialmente reconhecida pela Lei nº 12.612/2012 como Patrono da Educação no Brasil.

Fundado em 29 de maio de 1998, o Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas teve seu estatuto oficializado em novembro desse mesmo ano. A UFPE solidária com os objetivos deste Centro, compreendendo o seu papel, para uma educação crítica, inclusiva, democrática, assim como, entendendo que a filosofia e pedagogia freireana é atual e profícua, apoia desde o início suas iniciativas. Perenizar as ideias de Paulo Freire é fundamental, para sua terra natal e para o mundo. Vale salientar ter sido esta Universidade berço em que Paulo Freire desenvolveu seu sistema educacional. A sede do Centro Paulo Freire está localizada no Centro de Educação no Campus da UFPE.

ISBN: 978-65-87824-15-4

CSL



9 786587 824154